

Bem-te-vi

ERNESTO SILVA

Bem-te-vi



**Palmas-TO
2014**



Reitor

Márcio Antônio da Silveira

Vice-reitora

Isabel Cristina Auler Pereira

Pró-reitor de Pesquisa e pós-graduação

Waldecy Rodrigues

Diretora de Divulgação Científica

Michelle Araújo Luz Cilli

Conselho Editorial

Airton Cardoso Cançado (Presidente)

Christian José Quintana Pinedo

Dernival Venâncio Ramos Junior

Etiene Fabbrin Pires

Gessiel Newton Scheidt

João Batista de Jesus Felix

Jocyleia Santana dos Santos

Salmo Moreira Sidel

Temis Gomes Parente

Projeto Gráfico & Impressão

ICQ Editora Gráfica e Pré-Impressão Ltda.

Designer Responsável

Gisele Skroch

Revisão de Textos

Neusa Kruger

Ilustrações

José Vilmar da Silva

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins – SISBIB/UFT

S586v

Silva, Ernesto Ferreira.

Bem-te-vi / Ernesto Ferreira Silva. – Palmas, TO: Universidade Federal do Tocantins / EDUFT, 2014.

183 p. il.

ISBN 978-85-63526-59-5

Coleção Literatura Tocantinense, v. 3

1. Literatura Brasileira. 2. Tocantins. 3. Contos. I. Título

CDD B869.8117

Copyright © 2014 por Ernesto Ferreira Silva

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Ao veio vigoroso do recorte de cada geografia.

(...) colocaremos os seres do nosso passado.
Recebemos assim o benefício de uma evocação sem sobrecarga.
Nossas lembranças mais pessoais podem vir morar aqui.

A POÉTICA DO ESPAÇO – GASTON BACHELARD

*– Uai, Guimarães!
O Livro das Águas é concreto,
disse que capivara tem cu feio.
Você também era míope,
mas usou óculos.*

(CAMBUIA, O CAFUÇU)

SUMÁRIO

Prefácio	15
Samarica enroladeira de pito	19
Boteco do Tõe	29
E agora, Briguello?	39
As messalinas de Quinquim Rabo de Foguete	79
O voo de Bem-te-vi	101
Sistema: Convenção silêncio	113
Composição para pormenor de intimidade ...	129
Um Baltazar, o Gladiador	133
A gaiola e o passarinho	145
Curisco na Garoa	153
Saco roxo	165
Sustenido de uma noite	175

Esta obra é fictícia.

PREFÁCIO

VIAGEM ENTRE TEMPO E ESPAÇO

Nessas peças lançadas ao ar como contos, o que se tem como sistemática de análise é a busca de um teor mais longo do texto, de tal sorte que, sem ser somente conto, isso poderia ser dito como novela. Na verdade, a vertente e verve do autor chamam muita a atenção para a tentativa de soltura e de liberdade de criação, perfazendo desta maneira a busca pelo texto mais largo e com maiores divisas, sem pecar pelo exagero e pelo desperdício, a situação do romance. A sensação que se tem é que Ernesto agita as palavras num cadinho de ansiedade, perde o contato com o conto, entra nas ramagens da novela e cai o risco de cair no abismo do romance.

Nesses escritos, a subtração simplória de certos dados, assim como a resistência grande e temporal diante do futuro, como mesmo pode acontecer com a genialidade de Carmo Bernardes, cria uma plataforma que recria o espaço e o fica na dimensão de um plano quase místico, incapaz de ser

desfeito depois da primeira leitura da obra. Diante disso, a sedução incorpora-se ao abstracionismo das personagens, leva cada uma a enxerga de valores sub-reptícios e cada uma devolve a massa de sua representatividade sob a forma de uma síntese imediata de seus próprios valores. A dizer de outra maneira, a face comum de cada personagem explode em miríade de almas e cada uma resolve sua intimidade de maneira muito particular.

Nesses arquivos de Ernesto, a evolução da escrita depende demais desse confronto entre tempo e espaço. Depende de uma estratificação de valores para que o sistema caleidoscópico da criação se estabeleça de maneira definitiva. O tempo em si, não esse tempo de valores em espírito de Cronos, mas o tempo baseado na valorização da vida que se tem e que se vive cá fora da história contada. E de uma maneira sucinta, as histórias se enovelam da mesma maneira que desse fator se ilumina o enovelamento das criaturas que desfilam pelo texto, despedem-se da versão somente realista de alguns modernos contos urbanos para entrar na construção de uma espécie de vereda romanceada, não tão somente fictícia, não tão somente realidade. A exploração dos sonhos e dos dramas, das realidades insuspeitadas de um mundoerógeno em demasia, erótico e preso por uma espécie definida de cordão barbante que precisa ser cortado muito rente ao conteúdo que abrange, tudo isso tem que ser considerado, a priori, antes de se dar andamento a uma análise filológica desse texto que ainda é lúcido de sua ninhada.

Por mais interessante ou absurdo que isso possa parecer, o texto hesita entre a evolução tecnológica

e a abstração de conceitos mundanos, aquela presa de tempo e moderadores de espaço. A ascensão permanente de um mundo fadado a ser capitalista e pragmática da revelação dos sonhos, embutidos em sinais que o autor desvela à medida que se supre de sustos e de elementos da própria existência e infância. O mais cru de tudo, do entrecho, existe quando o autor depõe a palavra de seu pedestal e a usa de maneira sutil e popular, autóctone e deformada, de tal sorte que o efeito é sempre promissor, desde que não exagerado em sua apregoada des/linguagem.

De qualquer maneira, antes de ser a exploração somente onírica e do atabalhoado sentimento de derrota que nasce desses Tutus Caramujos sentados à porta da venda, por aí, alhures ou acolá de um mundo suspenso, aqui se mescla a nostalgia de uma metafísica histórica – quiçá um pouco deturpada devido à exigência textual -, que gira e gira de novo, cai aqui levanta ali, e numa curva de parábola sempre borda a ação entre tempo e espaço, coisa que até hoje ninguém definiu direito, nem mesmo as equações de velocidade que tentam desviar de forma cartesiana a explosão dos caleidoscópios.

José Humberto Henriques

SAMARICA ENROLADEIRA DE PITO

*Fatalidades aparentemente fortuitas
fadam três tempos eternos.*

(CAMBUIA, O CAFUÇU)

Era a era das calças curtas quando Samarica deu de ajudar com as coisas em casa. O chinelinho puído nos calcanhares e onde mais o peso dos pés desse de fazer a pressão de seus trinta quilos aproximados sustentava um eito de estrada até a Fazenda Oitão, de onde era vizinha de propriedade. Lá, era pau pra toda obra, mas o ofício principal era cuidar de Virginia, com a metade do peso e da idade de Samarica. Quando não estava com a menina escangalhada na cintura direita, meio envergada para esquerda, para ajudar na distribuição do peso, sentava-se ao lado do chiqueirinho que o pai da criança mesmo fizera com a madeira que abundava ali, e pajeava o crescimento do mundo. Outrora na arrumação da casa, lavando roupa, varrendo os terreiros. E no

tempo em que a terra - semiesterilizada pela escassez de chuva e pelos séculos em que o chão do Tocantins era profundeza de mar verdinho - dava sua colheita parca, era o espantalho na roça de milho.

Mas, ora veja. Desde pequetita que Samariquina era menina esprevitada. Nasceu com os olhos de quem enxerga tudo ao contrário e vê coisa além das coisas. Então, nessa leva de variantes ofícios, foi também a enroladeira de pito da patroa. O pau ronca já existia nas vendas de Barreiras desde um tempo em que Samarica morava num lugar difícil de precisar, porquanto se morava nalgum lugar. Tempo em que não se achava pijama que servisse em polícia e nem travesseiro de jagunço. A patroa mandava vir da Bahia os rolos enegrecidos, e por vezes, do pardo, que fumo pardo era danado de forte, mas bom de tragar por causa de ser suave. De vez em quando dava um beliscão na ponta despontada da corda e levava o naco à boca, mascava e depois cuspi o resto de nicotina com o bagaço. Samarica via tudo. Tinha olhos de aprender como funcionava o mundo, seus detalhes eternos, como borrada de passarinho em pleno voo.

Tinha que experimentar o cheiro do fumo novo, revestido com a borra preta e pegajenta fazia atizar o que já era curioso assaz. Um dia desses que mantém barbas de Papai Noel suspensas no céu, fez um pito a mais e guardou na ilharga da calcinha rota. Sabia que tinha que vigiar a roça, e esperou a ordem da patroa para apanhar a cabaça pequena com água e subir até o roçado. Ansiava

a expectativa de burlar uma lei que já sabia que existia, e ficava afivelada à cintura do pai. Um só objeto para duas serventias. A correia de couro de anta curtido e lasseado amarrada pela fivela de ferro sempre fora ameaçadora. Mas à ideia não cabia mais retrocesso. Mal inclinada essa Samarica, menina de topete alto, desde pequerrucha.

Passou a mão na cabacinha e no bernal com o apito e outros petrechos e subiu com passo mais rápido que o contumaz. Não pensava em periquito nem macaco. Pensava no pito. No trajeto, dentro do trilho pisado pelas vaquinhas, a cada cinco passos conferia se o cigarro estava onde o arranchara. Fazia, primeiro porque o elástico da calcinha estava relaxado, e depois, claro, pela segurança de saber que a experiência seria fecundada de fato. Chegando na roça caçou meio de se esconder detrás de uns pés de milho, a plantação ficava à vista da casa da fazenda. A lavoura rala levou-a a se embrenhar um pouco mais para diante, queria a segurança. Não achou nada que pudesse se sentar além de um toco carbonizado. Sentou sem se preocupar com o carvão. Arregalou os olhos arredondados e vivos, tirou do bernal uma binga velha que ela mesma abastecera para a ocasião, consertou os amassados na palha que envolvia o pito, consertou com maestria, passou mais cuspe e levou-o à boca de maneira que ficasse a metade abocanhada. Enrolar sabia, fumar não. E, por um momento, viu sua empresa ameaçada porque a binga lencara fogo até a décima tentativa. Entretanto Samariquinha não nascera com aqueles olhos de ver detrás das coisas à toa. Arrancou o pavio da parte debaixo da binga e

soprou o combustível para a ponta. Ficou com gosto de querosene na boca, mas aquilo pesava pouco diante da vontade de chamoscar fogo na intenção.

Com a metade do cigarro na boca, via a palha queimando e apagando antes de o fogo chegar no fumo. Obstinação, mandava fogo outra vez. Até que o fumo foi aceso e pôde sentir pela primeira vez o gosto encorpado do pau ronca. Crescera com esse nome gravado nas artimanhas da memória. O pai é exímio pitador desde os oito anos e veio a conhecer cigarros de papel na época em que apareceu um povo esquisito, de cidade, nas cercanias de seu sertão, até então habitado somente por jegues macilentos, calangos, morcegos e boiciningas de bigode branco, de tão eradas. Esse povo aparecia em nome da amizade e do companheirismo, e até conseguiram a confiança de seu Serafin, mas só até o exército pulverizar o alerta noturno de que se tratava de gente perigosa, que comia crianças cozinhadas em enormes panelas pretas nas beiras de rio.

O tempo nesse ermo de sertão do Norte passava longe de relógios que fossem mecânicos. Nem tanto quando Samarica do Espírito Santo veio ao mundo, pois aí as coisas da modernidade já subiam ao Norte à maneira diferente dos vapores e bruacas. Estradas de rodagem já haviam sido abertas onde antes passavam os carros de bois e comitivas a cavalo, já, bem depois de Anhanguera. Ainda assim fica sendo injustiça menosprezar a pujança que o vapor levava a Barreiras no tempo em que só lobo e bugres comiam o bruto despencado. Samarica crescia. Um dia foi surpreendida por um

pequeno feixe de fios de cabelos pretos já crescidos no púbis. Foi num dia de domingo, quando se banhava com a luz do dia para cumprir a missa no povoado das Missões. Crescia de virar moça e seus olhos agora eram uma descoberta pronta, mas eram muito mais uma descoberta por vir. Estavam na divisa de uma fronteira que deixava para trás um terreno macio feito colo de mãe e avistava uma razão grande para transgredir o medo do que o pai trazia à cintura: hormônios.

Os dias passavam assim-assim-assim. Encaixados. Iguazinhos. O sol fazia todo bicho encostar debaixo de um pé de pau porque os agostos acosam o lombo dos couros que mamam. Deus foi duro quando criou o mês de agosto aplicado ao norte, mas como não poderia deixar a fama esvaecer, providenciou o vento. E era com as abas do vestido batendo nas coxas taludas e roxas que Samarica divisava uma cerca de bambu seco para fazer fogo ao cigarro de palha. Nessas alturas já era habituada a fumar. Embora escondida, usava os utensílios, palha, fumo e binga do pai. Aproveitava a saída dele à peleja e cigarrava sossegada debaixo de uma sombra de pequiheiro. Chegou num ponto em que não achou mais motivo para esconder da mãe que, ao saber do enunciado da boca da própria filha, manteve a postura de sempre. A catinga já havia denunciado Samarica. A velha não era boba nem aqui nem na China. Se Samarica teve de onde puxar, foi dela. Mas alertou.

– Seu pai te pega e tá o vespeiro mexido.

Samarica deixava o olhar na inércia do rosto da mãe e virava a cabeça com força e desdém

para o rumo de seu mundo só seu. Descobria-se. Vigiava ali o galo arrastando as asas para a galinha pedrês e desenhava um namorado lá nas lonjuras onde a vista chegava. Oxalá anunciado pela cadela Tainha, abrindo a porteira do terreiro, um homem bonito de chapéu de feltro e terno branco, igualzinho ao que vira numa revista exibida por sua tia na festa das Missões. Desses que moram num lugar chamado capital. A imagem da revista só saíra de sua cabeça quando conheceu o único amor de sua vida. Nesse tempo viu que um homem pode oferecer elástico à felicidade, mais ainda do que pensava. Mas que esse elástico por vezes rompe.

Numa tarde dessas em que os anus fuçam em ramos rentes ao chão caçando um pitéu e menosprezam a existência de todo e qualquer ser humano, Samarica tomou um gole de café quente servido do bule, sentou-se no rabo do fogão e, com um tição atacou a ponta do pito com a brasa. Fumava e apalpava os peitos sem resguardo de sutiãs ou qualquer coisa que os cerceasse, só a correia do pai era a exceção. Estavam soltos dentro das alças do vestido velho e florido, e não balançavam. Absorta num mundo que era o maior de todos e somente, quando cuida e que não, o pai entra de supetão com uma foice na mão um bernal de ferramentas atravessado ao ombro. De imediato, estaca imóvel até digerir a cena e depois solta o cabo da foice ao léu, avança em suas mãos e toma o cigarro aceso, com olhos de surto e raiva. Com força e truculência dá uns safanões na menina com uma só mão e com a outra preservava o cigarro aceso.

– Põe a língua pra fora que eu vou te ensinar a fumar.

Resmunguenta e descabelada Samarica se viu obrigada a atender a ordem do pai para evitar dano maior. Meio desconsertada, com uma sola do pé apoiando o rabo do fogão e a outra no chão, devagar foi tirando a língua para fora da boca e a manteve de fora enquanto o pai reacendia o cigarro no mesmo tição que a menina usara antes. Enquanto acendia o cigarro tirou dois tragos. Os olhos de Samarica viam agora uma greta e do lado de lá estava uma autoridade irreduzível. Sua autoliderança adquirida pela força da puberdade estava em frangalhos. Calada, resignada a menina sentiu a estupidez da brasa queimar o centro de sua língua molhada. A dor abrupta, intensa. Deu um gemido e com um pedaço da língua ainda solta do lado de fora fitou os olhos do pai. Saiu ao terreiro e não esboçou uma lágrima sequer. A mãe assistiu tudo a distância, calada. Antes, porém, que saísse o pai jurou dar-lhe uma surra de deixar lembranças caso a pegasse de novo com cigarro na boca.

O certo é que a reprimenda não fez efeito. A moça mantinha um serviço na Vila, passava vinte dias em Conceição do Norte e dez dias em casa, ganhava seu dinheirinho, e mesmo ajudando em casa sobrava-lhe uns trocados. Coisas necessárias, sobretudo, em situações das regras. Não gostava do sabugo envolvido em panos para frear o sangue. Aprendeu com a tia a usar o que o conforto que o mercado já dispunha. Samarica, agora, com mais cuidado, passou a providenciar seu próprio fumo e a fumar em horas

mais seguras e locais mais apropriados. Comprava cigarros de papel na venda do Nélio Póvoa quando descia a Dianópolis e os mantinha escondidos em casa. No entanto, quem falou pela primeira vez em liame popular que o mundo dá muitas voltas merece considerações de suma importância. E dá. Um dia é da caça e o outro do caçador. E é.

O mesmo risco que corre o pau corre o machado. Dinheiro nos ermos Gerais do sertão do Tocantins nunca foi de dar em loca de pedra nem em oco de pau, o que mais tem nesses lugares é peçonha de víbora espreitando o filhote abobado do passarinho. Escorpião e aranha medonha. E o sertanejo sabe disso. Assim, aplica a maestria e resistência de sobreviver a um lugar inóspito e a um desleixo hostil por parte de autoridades. Mas nesse dia faltou fumo quando não podia faltar. Em nenhum dia podia faltar, pois era ali que o homem escorava o cabo da enxada e se sentia ancorado na ilusão da existência. Ou, no mínimo, um alento para não ser subjugado pela força da natureza ou pela ausência de força sua própria, embora rara em gente assim. Sem dinheiro, o homem chamou a esposa e reclamou da vida, começou a falar dos 62 anos de dificuldades naquele eito de mato, em seguida falou coisas que a esposa não entendeu, coisas desconexas. Coçava a cabeça dos dois lados com força. A falta do tabaco e das condições para comprar implicava nele um juízo solto misturado com cólera. Venderia uma vaca para ter um dinheiro, mas a distância até Conceição do Norte era longa. A abstinência da nicotina refletia inclementemente em Serafim Correia do Espírito Santo.

Samarica, atenta, acompanhava tudo de ouvidos lá do seu quartinho. Havia chegado da Vila no dia anterior. Ficou aflita de ver o pai naquela situação. Pensava que não era certo ter o cigarro ali e não amenizar seu sofrimento. Era o coração que falava. Mas temia uma repressão como lhe fora jurada. Não, não podia. Era provocar a onça com varinha de condão. Se fizesse isso deveria estar preparada para o pior. O comportamento do pai era de tal modo insano e irascível que via nele completa falta de siso. Era outra pessoa, tal qual nunca havia enxergado ou pensado que existia dentro daquela autoridade séria e inabalável. Temia que num átimo de insanidade lançasse mão a uma peixeira afiada na prateleira de madeira da cozinha e fizesse a besteira. Sem atinar para as coisas de roça, filha, esposa ou o que fosse, o homem andava de um lado a outro em tempo de ficar louco. Numa de suas voltas dá de cara com a filha com um maço de Elmo, sem filtro, previamente aberto, com os cigarros estufados para fora, na mão estendida em oferta.

– Tá aí. Agora se quiser pôr fogo nele põe, e se quiser apagar na minha língua também pode.

Meio zozzo e vesgo, pois pensava que a filha havia emendado com a surra e parado de fumar, ainda sem querer acreditar no que via, como num voo cego avançou firme no antebraço de Samarica e segurou trêmulo. Arrancou do maço dois cigarros e num impulso caminhou ao rabo do fogão, onde havia um tição de ipê brocado em brasa, e fez fogo ao primeiro. Beijou o tição com a ponta do cigarro e bombou para dar fumaça grossa, que preen-

chesse o vácuo abismado em seu peito de peleja perene. Puxou três vezes de enfiada e tragou tudo. Voltando a si diante do terceiro trago, sem querer soltar toda a fumaça que levava ao pulmão, falou em tons quase opostos. Num, aliviado de nervos, noutro, nervoso de alívios.

– Por que não mostrou antes, minha filha?

Ainda com a mão estendida, Samarica não titubeou.

– Pode pegar todos, tenho mais lá dentro.

BOTECO DO TÕE

Tarde nenhuma se desmontava por completo sem antes chegar a turma no Boteco do Tõe. A avenida farta de movimentação era palco para os frequentadores assíduos. Esperavam a vida passar nas cadeiras dispostas na calçada. Esperavam sem saber. Na verdade procuravam, cada um ao seu modo, escapar da última estação da existência. Era ali. Regra de casos e ausência de acasos. Nada de novo no despejar do balaios quando o Tõe abaixava a larga porta de metal.

De vez em quando surgia uma inédita, mas nos geralmentes estava tudo velho. Há muito tempo não se contava uma nova, dessas que ecoam por muito tempo na vitória de não ter acontecido com nenhum que a conte ou ouça. Boteco era lugar de amigos dotados de grande aparato de piadaria. Almerindo Almeida sofria de um incômodo com aquilo. Sua vida no Bar tangenciava por ter o repertório de novidades e contação mais original. Mas naqueles dias estava desfalcado. Chegara a repetir uma só por três vezes. E aquilo

não estava certo, o Boteco do Tõe tinha os mesmos frequentadores. Um homem como Almerindo Almeida sem piada nova se sentia capão.

Tudo transcorria comumente na inércia do dia-a-dia. A cidade girando em torno do capital e trabalho. Dono de uma funerária que teve que comprar para receber dívida, jamais lencara sua passagem na tarde de todas as estações pelo boteco de seu amigo-irmão Antônio Reis. Gostava do torresmo sequinho, especialidade do lugar. Era desiludido com o negócio de vender caixões. Não queria aquilo. Dava para o gasto, mas não queria. Queria era continuar no ramo tranquilo da agropecuária. Crescera na roça, embora tenha vindo cedo para a cidade. No começo chegou a pensar em investir no negócio, mas logo sentiu a falta de aptidão.

Tinha dois bons funcionários, mas mesmo assim a empresa dava amolação. Quebrou cabeça quando seu plantonista teve que se ausentar por duas noites. Juca Jésus estava com um irmão doente no hospital de Itumbiara e queria visitá-lo. Ainda não fora por falta de um substituto que cumprisse o plantão com a mesma responsabilidade. Mas a viagem urgia, seu irmão estava com um tumor avançado.

Peneirou algumas possibilidades e viu que não tinha outra saída. Uns casados outros com afazeres mil. É baixo confiar em desconhecido. Conversaria com Tadeu Jiboia. Exímio bebedor de cachaça, mas responsável. Dos que restaram na peneira ele não era o pior. Tadeu estava desempregado, precisava acertar umas anotações

com o Tõe e de umas reservas para outras doses. Seria bom para ele. Deu certo. Todos apoiaram. Inclusive o Tõe. Sabia que a honestidade de Tadeu não protelaria a continha depois de receber o serviço.

Almerindo cultivou uma ideia de aprontar com o Jiboia. Das boas. Dessas que carecem de estratégias. A intenção crescia a olhos vistos. No outro dia, antes que Tadeu chegasse para trabalhar, Almerindo foi-se embora do Boteco dizendo que tinha que resolver um negócio. Chegou à funerária e combinou com a funcionária que ficasse calada. Posicionou-se debaixo da cama na parte do fundo do cômodo, onde Tadeu dormiria. É hoje! Pensou. Amanhã chego no Tõe com mantimento grosso para contar. A atendente achou tudo muito estranho, mas foi embora com um riso no canto dos lábios. Caminhou a um ponto de ônibus três quarteirões dali, no costume de todo dia e foi para casa.

Ele vai se borrar todo, pensava o da espreita. Queria assombrar o pobrezinho do amigo e fazê-lo sujar a roupa. Tadeu sentou-se na cadeira do escritório, olhou, manuseou um porta-canetas, era analfabeto. Foi lá fora, fumou um cigarro e raspou a garganta. Quis dar uma escapada para tomar mais uma antes de dormir, mas entrou. Esperou dar onze horas e fechou a porta. Seguiu até a pia do banheiro bochechou uma dose de água e foi descansar. O ambiente o incomodava, mas nada que fosse anormal. Dormiria sim. O patrão consentiu. O telefone quase nunca tocava. Apagou a luz.

Almerindo esperou que começasse a pegar no sono. Quando percebeu que já estava entre lá e cá, apoiou o joelho e as mãos no extrato da cama, começou a levantá-la levemente e deixou que a cama voltasse ao seu lugar. Sentia enorme prazer naquilo. Tadeu estacou imóvel. O que seria aquilo. Uma sensação parecida com a cama girando por causa do álcool, mas não poderia. Há séculos não sentia aquilo. Um calafrio o manteve sem se mexer por algum tempo.

Esperou com pânico inerte outra manifestação da sombra para certificar-se. Cinco, dez minutos e nada. Alentou-se e pôde respirar novamente, melhor. Fechou os olhos com uma calma experimental. Reabriu-os e voltou à intenção de dormir. Antes pensou em tomar mais uma. Pensou no palco iluminado do boteco do Toe, a companhia segura dos bêbados seus amigos. Muita gente era cativa lá. Maridos licenciados até as nove, dez horas. Gente boa, de bermuda e chinelo, no regime severo de ponto. Depois de banho e trabalho, ou mesmo os sem banho e de licença duvidosa. Os que davam sequência à vida sem ir em casa depois do expediente. Era uma beleza o boteco, a luz elétrica, o próprio movimento. Tadeu Jiboia nunca nutrira aquilo antes. Sentiu uma segurança quilométrica no balcão do Tõe.

Mas era besteira, sua cama nunca deixou de ser estática, imovelzinha da silva, sempre. Que besteira. Talvez já estaria no refresco dos sonhos, quando sonho tem de refresco. Afugentou a ideia da existência de assombrações em todo e qualquer lugar do mundo. Só os caixões ali, no escuro,

o incomodavam um pouco, um muito. O dinheiro do trabalho seria todo gasto no Boteco do Tõe. Tinha gratidão com o amigo Almerindo. Dinheiro e retribuição de uma amizade longa. Foi chamado para substituir Juca Jésus, que tomou o Santa Rosa de manhanzinha para Itumbiara. Seu irmão estava desenganado por causa de um câncer terminal na garganta.

Tadeu Jiboia pensou a caminho do alento que vinha do sono. Se o telefone tocasse ouviria com certeza. Dormiria um sono atento à campainha, mas dormiria. Remetia rapidamente o pensamento no dia amanhecido, o conforto dos transeuntes logo pela manhã, uma do carote que o Tõe tem lá. Mas para isso teria que esperar um pouco, o Tõe abre depois das nove, e seis horas já estaria de pé. Quando foi se aproximando da fronteira do sono, toda aquela apreensão esvaiu-se por incompleto.

Almerindo Almeida sabe quando o sujeito está pegando o barco pra outra banda, sabia até a hora do cruzamento da fronteira de Tadeu Jiboia. A respiração começava a denunciar o embarque do tonto. Esperou que viajasse um pouco no caminho do sono e firmou novamente as mãos na grade que apoia o colchão. Ergueu lentamente como da primeira, porém, com o dobro de altura, e soltou de uma vez. Era dessa vez que ele faria as necessidades ali mesmo. A cama voltou ao seu lugar, mas o barulho e o arranco submeteu Tadeu Jiboia a um susto que fê-lo sentar-se sem se desvencilhar das cobertas. Não se levantou, porque

agora um gosto ruim de verdade desfilava pela sua imaginação. Temia pôr os pés no chão e ser agarrado por sei lá o quê, uma alma depenada, coisa de outro mundo. Algo que fazia sentir um frio enorme na espinha da alma. Procurou a tomada e acendeu a luz. O ambiente ficou pesado. Aos caixões pareciam ser o próprio defunto. Queria ir-se dali, ver pessoas, alguém para um mero cumprimento, não importa se for estranho. Todo mundo é conhecido quando se tem medo, mormente de alma penada. A cachaça fazia voltas nas suas veias. A cachola já era parte do álcool. A marcha lenta, porque ronronava explicitamente pela manhã. O nariz cicatrizado de uma queda no meio-fio apresentava um inchaço em pequenos modos de avanço. Mas cama não tem vida, e aquilo foi muito real para ser coisa de garrafas. Garrafas e garrafas. Deitou-se novamente, mas manteve a luz acesa. O movimento de deitar-se foi lento. Tinha medo até de respirar mais forte. O Almerindo fazia tudo planejado. Não podia repetir o movimento naquela hora. Era preciso prosseguir na patacoada com o amigo Tadeu. O mais difícil era conter o riso, impossível. Fazia uma espécie de depósito. Teria coisa consistente para contar no Boteco do Tõe e em toda a roda dos amigos. A sacanagem com o pobre coitado do Tadeu Jiboia. Foi quebrar um galho e se via entre a palavra firmada e o destrato. Mas não podia requerer uma desistência. Como alegar que abandonou o serviço por medo de assombração. Mangariam dele. Não podia deixar sua virtude de macho esvaír-se. Não, de jeito nenhum. Tinha

um bom grau de coragem no conceito dos outros e precisava manter isso. Sua maior patente. Não poderia era ter aceitado. Agora eu aguento. Não queria ser zombado o resto do ano ou da vida. E seria muito fácil ser desacreditado. Quem não riria de seu medo de dormir numa funerária rale. Manteve a luz acesa, e decidido a não apagá-la até o dia amanhecer, cobriu-se até o vinco do nariz e manteve os olhos nos caibros do teto. Tinha algo debaixo daquela cama, pensava. Um aban-tesma criado. Lembrou-se quando foi procurado por Almerindo e ouviu dele que a situação do irmão de Juca Jesus era medonha. Exalava um odor insuportável de carne podre e estava esquelético. Sentiu aquele cheiro praticamente. Visualizou o quadro. Teve mais medo. Medo assombrado de gente viva.

Meia hora se passara e Almerindo não estava com o empreendimento pronto. Queria fazer o Tadeu se borrar. A melhor manchete no Boteco do Tõe. Pimenta em cu alheio é açúcar. Bêbado, não demorou a se enlanguescer de novo, mas agora sem querer. Não queria pregar os olhos, estava vigilante. Esperava o sono, mas não queria. Segurava as pestanas, mas não tinha jeito, uma força descomunal queria arrastá-lo aos meandros do sono. Um gato miou isolado na calçada. O Cômodo era separado por um biombo. Do outro lado o escritório, que também tinha alguns caixões. Uma das urnas tinha a porta desatarrachada e aberta, escorada ao lado.

De repente um trovão rompe o estático do momento, e menos de repente um pouco pingos

grossos de chuva e vento. Nenhum pedestre se arriscaria àquela hora, com aquele tempo. Se não dera, logo daria meia-noite. Almerindo queria mesmo fazer o homem lambrecar as calças. Não se contentaria com menos. Deleitava-se com a apreensão e amargura do outro. Também tinha bebido umas boas doses. Mas o sono insistente de Tadeu sofreu de um alerta grave. A luz piscou uma vez e apagou de vez cinco segundos depois. Tinha assombração ali. Agora não havia mais dúvidas no cérebro de Tadeu. Cortou linha fina, três vezes. Pensou em ir-se, mas um medo assolou seus temperamentos e o fez imóvel. Cobriu a cabeça toda e sentiu um gelo pelo corpo.

Almerindo regozijou-se. Frio, viu que era a hora certa para fazer o homem obrar. Se urinasse ficaria ainda mais completo. Não titubeou. Antes que a luz voltasse, começou a fazer flexões curtas e rápidas, aos moldes de fricção com as ripas. No começo mais curto e depois foi aumentando de leve. Tomado de um pânico real e abstrato, Tadeu Jiboia não pode mais se conter. Menosprezou tudo que poderia lhe obstruir o caminho. Errou o rumo do vão da porta e derrubou o biombo no peito. A bagunça foi grande. Continuou correndo, deu de cara com a urna entreaberta e foi com ela ao chão. O barulho do caixão misturado com material de escritório provocou uma tribuzana caótica no inferno de Tadeu. Almerindo se desmanchava com uma risada contida, baixa. Mas não pôde, não quis mais segurar. Rompeu todos os ladrões que represavam suas gargalhadas. A alma de Tadeu duvidou por um instante, mas

voltou em si. Primeiro com alívio, segundo muita ira. Nunca mais conversou com o companheiro de boteco. Anos depois se encontraram na rua e, ambos sem a sucursal do álcool lembraram, mas Tadeu Jiboia não esboçou um riso sequer. Fitou-o nos olhos e disse:

– Não vou mais te matar.

E AGORA, BRIGUELLO?

Depois do último suspiro do último Constâncio em Jardim Amarelo, haveria que o mundo de Sinhá Donana somar com as forças que não se sabe aonde estão. Como evitar a bancarrota da fartura diante do barqueiro sombrio? Quando sustança boa de casa grande sofre de abalo sísmico o mais que se adiciona é o vão abissal de uma dinastia. Porém, entre sinônimos, na falta do arrimo vem a escora. Aristeu Constâncio construiu no muque estrutura sólida de bens e nome. E, num coice, lá vem o carrasco, de supetão, foiçando retinas e adubando incertezas. O carrasco imprevisto cobrando dívidas que nem trazemos na lembrança.

É quando Briguello mostra os dentes aos sobressaltos que a vida propõe e ruge forte na busca da sustentação de um mundo que já era seu, por incorporamento. Quem sairá vencedor? A manutenção da fartura ou o abraço frio da carestia? Eis a costura de desígnios e fados que vestem o homem.

Cervantes, numa certa passagem diagnóstica, distingue em cada persona o sumo daquilo que se dá ao nascituro sem cofres e que reúne grandes

montas de dinheiro no depois, assim como o temperamento do que nasce rico e fica pobre ainda com tutano de juventude, podendo no depois, recuperar as pernas da cifra. Cada qual com suas estruturas e nuanças de bestunto. As ruelas da pequena Jardim Amarelo foi palco para o que a vida se nos apresenta em abundância, porque ritmo que descamba ao avesso da rotina costuma surpreender feito pedra no feijão bebido. Quando o bicho tem escolha farta entre pegar e comer, a autonomia do homem se sustenta com embira de banana.

Era o estado terminal de um tempo em que o Sudeste do Tocantins ainda se servia mais de aviões do que por automóveis em seu abastecimento. As pistas de suprimentos no lugar de estradas. Um pouco antes, os gringos aterrissavam em Dianópolis e pisavam pela primeira vez num universo endêmico do norte goiano. Os mais sensíveis fitaram olhos de quatrocentos anos de idade no semblante severo do sertanejo. A dureza e a rispidez que a labuta e escassez lhe imprimia. Apuramento que esculpe as almas no cerne bruto de almas cafuzas.

O tempo no sertão passa diferente. O tempo no sertão é o sol eterno da volta do dia e a pasmaceira no ar, o arrulho da rolinha, caldo de feijão chamando o parceiro no muro de taipa no fundo do quintal, quiçá no pé de goiaba branca. As ruas, o vento e o mundo parados, calmaria de superfície de lagoa. Afora os passarinhos em mergulhos de flechas, quem passa mesmo são os homens, as pessoas. Uns ressoam ecos à história, outros são sepultados no

quintal de casa ou no largo da capela, onde passaram seus trezentos anos de vida sem deixar marcos além do quadrante que se faz entre o Manuel Alves Grande e o Palmeiras. Território estreito de geografia, mas vasto de vislumbres individuniversais. Peculiar organismo sociológico, filosófico e antropológico. Num isolamento de poucas decolagens e aterrissagens, alguns gringos traziam de longe o mercenarismo visionário, em busca do Santo Graal em forma de ouro Xacriabá, outros traziam um oco na alma que não se preencheria em nenhum outro lugar nesse mundo. Por aqui se atacam e por aqui rompem os laços físicos de ilusões em que, por vezes, costumamos nos prender para tentar justificar uma existência sem meada. Religiosos, aventureiros, navegantes enxergavam uma gente alegre e agradável às retinas outrora azafamadas.

Uma vez por mês o DC3, um bimotor turboélice à gasolina que o exército brasileiro herdou do espólio da segunda grande guerra trazia colchões, bicicletas, pilhas para os poucos rádios, remédios, lanternas, lamparinas, condimentos, tecidos e outros industrializados abundantes em Belo Horizonte e São Paulo. A meninada rodeava a aeronave em repouso na posição angular do sapo. A dianteira alçada e magnífica em detrimento da traseira de menor importância, em aspecto de rabicho e reboque.

De tudo que havia no mundo se achava na Comercial Brejeiro, sediada por tradição, história e costume no centro de Dianópolis e com filial de grande movimento no distrito de Jardim Amarelo. Lugar com pouco mais de mil almas viventes, mas

de comércio aquecido por conta da ligação mais próxima com capital do Oeste baiano, Barreiras, centro de distribuição terrestre de secos e molhados.

Compadre Edgar Constâncio era a mola propulsora da economia do lugar. Dizia ele que negócio bom era com os mineiros, que paulista é danado de falastrão e topete. Do ponto mais próximo em que a Serra Geral lambe as compotas de Minas Gerais, até o Rio do Sono, aonde bebem e banham em remansos só delas as cunhãs krahôs, havia rastro de freguês da Comercial Brejeiro. Compadre Edgar Constâncio era assim chamado até pelos que ainda não lhe figuraram olhos no porte espigado e óculos de grosso calibre. O prenome Compadre referendava alcance de generosidade, marca que, nos Constâncios era mais evidente em Edgar e Aristeu. Os outros, um pouco da avareza lhes endurecia os dedos que iam ao bolso, reflexo de um coração já tomado à matéria cifrada.

Quinze dias antes de morrer, Compadre Edgar Constâncio batizou o centésimo nonagésimo nono afilhado. Se esperasse mais uma semana sem padecer de um enlodamento no fígado, dizia ele mesmo que o fígado criara lodo, haveria batizado duzentos rebentos nas redondezas de Dianópolis. Totalidade que acumulara vida a fora desde que se aportaram no tributário. O diagnóstico da doença precoce e fatal não foi considerado pelo pai que lhe ofertou o último afilhado. O convite vinha pelo que já havia sido feito por um coração sem embaraço, pela contrapartida da simplicidade das famílias do lugar, característico do genótipo humilde da

gente do sertão. Foi uma forma de retribuir a ajuda à sobrevida ao longo da criação de oito, nove, doze, dezesseis filhos. Mais voltado à honradez e dignidade que ao vislumbre de agrado qualquer.

Os Constâncios marcavam o compasso econômico do distrito de Jardim Amarelo. Dividiam os negócios entre a sede do município e o distrito, mas a vida era estabelecida em Jardim Amarelo, porquanto tinham mais autonomia e posição. É banco para guardar, emprestar, dar e pagar pela mão de obra na lavragem de suas terras e serviços domésticos e na filial do empreendimento. A política, deixavam aos grupos e famílias já enraizadas na sede do município sem, no entanto, deixar de reunir suas gentes no tempo do sufrágio. Em troca tinham a garantia da paz e domínio no lugar. Assim, o tempo todo era o vento favorável aos dobrões de ouro.

Possuíram larga fama de correção nos negócios. Tesouro grande à vaidade e honra de Aristeu. Edgar nem tanto, porque esse era dado a todos sem requerimento de troca, agradecimento ou o que fosse, mesmo a ingratidão de uma ou outra criatura isolada não o impedia de tornar a servi-la. Generoso congênito, alcançava naturalidade nas doações e pouco lhe importava o volume dos cobres trancafiados na gaveta grande da penteadeira de jatobá talhada pelo velho marceneiro João da Lixa, o mesmo que legara o ofício ao filho Izé.

Verdade verdadeira mesmo, o pacote de dinheiro vindo do comércio de Edgar não crescia muito além do necessário à reposição do estoque, mas já

era o bastante à vida segura daquele homem de 55 anos completos. A mais valia era devolvida em forma de caridade aos mesmos que a geravam. Ademais, a fazenda e o mundo à sua volta lhe garantiam favos de mel de Jataí e Oropa. Além de Galinhagordaleite-queijocaçamandiocasuínobodebovinofrutasdepou-passelvagenssacaroses. O que mais poderia esperar um homem feito Edgar Constâncio? Aquilo bastava e bastava de fato! Havia que justificar o ar do tempo e retribuir prodígios, e isso estava em dia.

Uma deficiência ovariana insanável na companhia o impediu de ter filhos. Enquanto teve os olhos abertos Dona Maura nunca ouvira falar de filhos tortos de seu único e único amor, Edgar Constâncio. Tal feito lhe fez mulher feliz vida afora, mesmo depois da morte de seu parceiro, quando a solidão inevitável lhe assolou os caibros num bairro modesto e calmo de Goiânia. Mantinha o conforto nos profundos do espírito ao lado dos parentes de segundo grau. Quando Edgar partiu, não titubeou. Vendeu tudo com a ajuda do cunhado, e, com o dinheiro apurado, reservou o suficiente para a aposentadoria.

Deixou o restante ao Instituto de Menores, que acolhia filhos dos moradores mais remotos dos Gerais e do Sertão com estudo e disciplina, num tempo em que o Norte goiano era mais perto do céu ou inferno do que de qualquer outro lugar. Aprendera com o marido a ser infensa ao egoísmo e orgulho. Mulher desprovida de toda e qualquer parcimônia. E legou a responsabilidade sobre o negro Briguelo aos cuidados do cunhado.

Fez com Edgar a parceria mais estreita vivida por essas bandas. E era necessária já que ambos eram no afeto a fonte e a sede ao mesmo tempo, visto não ter consanguineamente quem mais os surpreisse. Caminharam, na mesma trilha longa jornada em região erma e, enquanto seus corpos dormiram e despertaram juntos todas as manhãs, durante 48 anos, nunca sentiram solidão.

Já Aristeu, o mais novo, regozijava-se de sua firmeza de caráter e generosidade, e mesmo servindo aos outros, conseguiu reunir um volume maior de patacas na vida. Sentiu, introspectivo, silencioso e, como ninguém, a partida do irmão, que também era compadre. Antes mesmo de nascer, dera-lhe Álvaro à pia e só não dera Adalbertus devido renitência de Sinhá Donana, a esposa. A mulher sustentava um teorema sobre a necessidade de diversificar os padrinhos dos filhos. Precavimento de uma segurançazinha boba. Vai que a testemunha morre antes de se cumprir o segurado, retira-se um objeto e fazem-se dois vazios. Precaução de matriarca que sente átimo de domínio sobre a vida e quer mantê-lo, coisa buscada por honestação e porcelanamento das estruturas, nada mais.

Um ano depois da morte de Edgard, Aristeu deu preferência à vida na roça, em detrimento das pacatas ruas de jardim Amarelo. Na lida, de sol a sol, atravessava o mundo. De Ponte Alta do Bom Jesus descia a Taguatinga no lombo da mula Baiana. Levava consigo dois cabras na salvaguarda de panteras da espécie felídea, que abundam às margens do Ribeirão do Inferno e da espécie homínídeo, que habitam as

emboscadas de curvas e pinguelas. Voltavam, às vezes na boca da noite, tocando as rezes que compravam dos moradores daquele pedaço de chão.

Veza ou outra era necessário ficar em casa. Não muito raro, acontecia de fazendeiros humildes, nativos, ou mesmo pequenos criadores de gado serem avistados ao longe, no alto da estrada, montados em seus velhos rocins, tocando duas ou três novilhas, alguns garrotes, resultado da recria de suas terras. Uns vinham de uma jornada de cinco ou seis léguas. Traziam por conhecimento, ou mesmo, muitas vezes, por indicação do vizinho de propriedade, sem nada de combina prévia que fosse. Aristeu Constâncio construía nome bom na compra de gado. A confiança depositada ali não lencava. O preço pago é o preço justo. Era comum o vendedor não ter ao menos noção do valor de suas mercadorias, mas isso não gerava preocupação. Casos como o do Seu Antenor, por exemplo, andava longe.

Certa feita chegou ele com oito curraleiros misturados entre bezerros desmamados, touro e vacas solteiras. Dessa raça de quarto de sangue zebu que se aclimatou muito bem ao clima e vegetação, e também ao cruzamento com as raças de sangue vulgar, trazidas no início de século XIX do Nordeste. O gosto puro e sabor acentuado da carne da rês que come o capim meloso e o provisório nativo. Já na porteira do curral, seu Antenor avistou Aristeu Constâncio sentado na varanda com uma caneca de café quente. A sombra do meio-dia já ficara para trás e acompridava-se no coice. Seu Antenor montava um cavalo castanho escuro de

ossos protuberantes no quadril, de aspecto cansado. Voluntariamente, ainda sem cumprimentar Aristeu Constâncio fechou o lote no curral. Apeou do animal e passou o cabresto numa das tábuas da cerca. Seu ajudante, um molecote de boné puído e manchas brancas arredondadas na face, apenas escançou na sela do piquira pampa para descansar um pouco a musculatura da bunda, macerada pela longa viagem.

Seu Antenor quis mostrar o rebanho que trouxera, mas já estava olhado. Isso vinha sendo feito desde que apontou na ponta da estrada. Comprador que é comprador tem olho de comprador. Primeiro identificou o vendedor, depois a manada. O boi taludo de sangue ordinário tinha carne nas estruturas. Os bezerros eram magros, mas possuíam porte para encorpar. Dariam bom preço no corte depois das próximas águas. As vacas estavam desnutridas. Eram, certamente, recém desmamadas, mas a mais velha estava ainda na terceira cria, e isso, no conjunto, não deixava de ser vantagem. Nova, portanto.

– Quanto o senhor quer no gado, Seu Antenor?

– Essas vacas foram criadas na porta desde bezerrinhas. Comem nas mãos dos meninos meus. A natureza do boi também acompanha a brandura. É murcho. Os bezerros viero tudo dele. Pode olhar as malhas. Por tanto tem que valer trezentos, num é mesmo!?

Aristeu pediu que Seu Antenor esperasse um instantinho só. Saiu com a mão direita buscando algo no fundo do bolso da calça. Era a chave

do pesado cofre de ferro que mandara vir de Feira de Santana. O instrumento tinha segredo, mas enquanto estava em casa ficava somente na chave. Voltou em pouco menos de dez minutos com quatrocentos e cinquenta dinheiros em forma de leque para que o freguês conferisse antes mesmo de pegar nas cédulas. Soubesse ler ou fazer contas conferiria de fato, mas não era o caso. Seu Antenor não era habilitado para isso. Mesmo assim, sem querer passar, a seu ver, pela vergonha de tamanho desfalque moral, ético e de dignidade, e sei lá mais o quê, fingiu conferir o dinheiro. Em seguida estendeu a mão para que Aristeu lhe entregasse. Com Aristeu era certo que não tinha erro.

Muito embora, Seu Antenor não contasse com o dinheiro na pronta entrega, assim, na vista, entendeu e aceitou a situação em silêncio. Satisfeito por, aparentemente, ser pago pelo preço que estipulou às suas criações, e ainda mais podendo levar o faz-me-rir para casa, guardou o montante no bolso da calça dobrada às canelas mais levantadas lado direito que do esquerdo e não titubeou. Um passo atrás, sem sair do lugar, tirou o chapéu, olhou com profundidade de humildade nos olhos de Aristeu Constâncio, segurou sua mão e se inclinou.

Deus Nosso Senhor Pai Eterno é que vai abençoando o senhor. Volto para casa mais sastifeito do que vim. Até a vez outra!

Certo de que o agradecimento foi em prol do pagamento a mais pela mercadoria, Aristeu Constâncio despediu do homem com a imponência que um homem de conduta cristalina reúne e desceu a

escada da varanda que dava no curral para checar detalhes de carrapatos e bernes que fossem preciso de cura. Não gostou de um início de frieira na pata do reprodutor, mas ainda estava em tempo de contê-la e findá-la. Briguello, que passava temporada na sede da Piabanha, cuidando da horta, do almoço e de algum café mais encorpado, que era o gosto de Aristeu, já estava de prontidão com a lata de veneno e o toco de pau com panos amarrados à ponta em posição de ataque. Besuntava aquilo na mistura de óleo queimado e levava nos quartos do boi aonde ferroava o verme. Presas ao laço de couro de mateiro, as vacas também se livraram dos carrapatos que lhes grudavam à traseira do úbere a esmo.

Endereçou, junto aos cabras, as vacas magras a um pasto e os machos a outro e depois entrou para o banho, que hoje era dia de ir à rua comprar sal e querosene e ver os tutanos macios de Sinhá Donana. Briguello era todo vibrante. Há quinze dias não via o rastro das morenas de coxas vermelho-vinhadas de Jardim Amarelo, nem os quitudes de Sinhá Donana, que ficava na cidade cuidando das duas filhas em idade de primário.

Briguello conhecera ainda criança a família Constâncio. A transferência de uma casa a outra foi como um cavalo que muda de pasto numa mesma fazenda. Dentro de sua alma livre e vasta, não sobreviveria em cidade grande. Por ele mesmo e por todos os outros, disse que ficaria. Ali, por vezes, fazia o papel do esteio. Era jagunço e mucamo ao mesmo tempo. Jeitoso no descascamento da

mandioca para o polvilho e farinha, e bom de lida no curral. Fazia viver com um gesto de mão estendida, mas podia matar acaso fosse estugado à desforra de qualquer Constâncio. Muito embora Aristeu se orgulhasse em peito estofado de vociferar que enquanto vida estivesse, havia que manter as mãos dos Constâncios daquele lugar limpas.

No tributário, principalmente servia a lenha para o grande fogão de Sinhá Donana. Trazia dos pastos ao redor do lugarejo, vastidão de material, árvores tombadas por raios, algumas de raízes podres, outras mesmo que o cerrado rejeita, a fase cíclica do bioma. Havia que ser seca e Briguello sabia disso. Enxergava, moleque, o quindim com o qual Sinhá Donana o recompensava.

Levava os feixes à cabeça, resignado e paciente, em diversas viagens ao longo do dia. Quando achava uma mão-de-obra espontânea, de pronto arregimentava. Costuma ter dela em cidades como Jardim Amarelo. Alguém que não quis ir ao roçado com o pai ou ajudar na capina de algum terreno na zona urbana, ou mesmo menino que já cumpriu a lição da professora Maria do Belito na escola. Tudo na voluntariedade. Em sendo assim carreava uma quantidade maior por viagem.

Aprendeu com o tio Izé Mizael uma técnica que, com um ajudante, lhe permitia isso. Escolhia dois paus mais robustos e iguais e os colocavam paralelos, ao alcance das duas mãos, depois faziam a carga com os galhos mais finos atravessados e sustentados nas vigas preparadas. Rompiam o mundo até a casinha da lenha sem orgulho daquilo. Era

apenas um artifício a mais que o mundo oferecia, assim pensava o jovem Briguello. Mundo era o que as vistas alcançavam e as mãos podiam fazer em labor, o que garantisse segurança ao bucho.

Mais que isso já partia para o sobrenatural, perfilado nas histórias e estórias do tio Izé Mizael. Briguello, em menino, já frequentava os festejos da Nossa Senhora da Abadia, em Taguatinga, mas gostava mesmo era de se ajoelhar na capelinha de palha de buriti da Sucupira, terra circunscrita no tributário de São José do Duro, que depois se chamou Dianópolis, lugar marcado pelas graças de ouvir a folia e beijar a bandeira de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Briguello sabia da gestão da Santa para com os negros, por isso a distância entre o pedido e o atendido era menor que a percorrida por outro romeiro, de pele branca. Era como se o seu sofrimento, e o de sua gente, fosse, todo ele, do entendimento da Virgem. Sensação danada de boa. Amparamento maior que Briguello sentia em vida. Era aonde uma vinganczinha boba achava espaço de satisfação, era um desconforto silencioso assistir as prioridades da política aos grandes e afortunados, em detrimento da ridicância aos pequenos.

Na Sucupira não, tudo era diferente. Regozijava-se de ser íntimo da Santa padroeira da Festa. Se se sentava ao lado de um branco na hora da missa, gostava do gostinho bom das diferenças nos canais de comunicação com Ela. Afinal, era Nossa Senhora dos Pretos. Ali, no âmago de sua alma, tinha os sentidos no sabor do privilégio. Foi assim até a

chegada de um padre de preferências diversas do pároco de dantes. A festa foi sendo encorpada por gente diferente do povo humilde e doméstico da circunvizinhança. As senhoras que frequentavam a matriz na cidade desciam a serra até a Sucupira a convite do vigário. Eram úteis na ornamentação do altar com as flores que tiravam de seus próprios jardins na cidade, na primeira e segunda leitura, na contabilidade, catalogação de batizados e na organização dos romeiros. Briguello não gostava do jeito que era tratado por elas.

Mesmo mantendo a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, por gosto do padre, havia que se instalar novo Santo, um de galardão mais grã-fino, que atendesse, mormente, a tez clara e ao refinamento das famílias que chegavam do Sul e Sudeste e de outras lonjuras para se instalarem na região e, também, às linhagens já constituídas na região, minoria pequena daquela gente. Com olhos silenciosos, próprios de negros que não permitem que se subjuguem a savana de suas almas, mas que trazem nas sendas secretas das vistas as cicatrizes das chibatadas, foi observando aquilo ganhar corpo a cada festejo, a cada agosto. Vez por outra soltava um resmungo de desconsolo ao voltar ao Jardim Amarelo no final da romaria. Alentava-o a manutenção da imagem da Santa original, as folhas e as homenagens que ela continuou a receber, mas, como aprendeu sozinho a achar ninho de carcará, nessa ocasião, Briguello também pode entender melhor a frieza das hierarquias do mundo.

Mesmo já havendo o mundo visto imagens da lua feitas da própria lua, as tecnologias chegavam ao

Norte goiano ao passo de jabuti. Há poucas décadas, Jardim Amarelo vivia isolada de informações diferentes do boca a boca, embora Edgar fosse homem atento aos acontecimentos do Brasil e do mundo. Ouvia no rádio em Dianópolis e levava ao lugarejo. De forma espontânea e informal repassava aos mais interessados as notícias que achava mais importantes, principalmente na área da política.

E nessas voltas kunderianas de mundo e ainda mais, dentro do acaso necessário, o ermo da região também não ficara de fora dos intercâmbios antropológicos que o mundo, invisivelmente e por si só, promove. Um professor alemão, de formação evangélica, que se engraçara por essas bandas e atendia pelo nome Forheman, deu de presente a Aristeu o primeiro rádio que Jardim Amarelo viu e ouviu.

Ele mesmo, o professor, trouxera do Rio de Janeiro em seu monomotor. Um Phillips a válvulas, de oito pilhas, com captação extraordinária. Castelhano dos mais variados sotaques chegavam àquele rincão de mundo. Quando a locutora Márcia Ferreira da Rádio Nacional do Amazonas tocava Cascatinha e Inhana, os corações de Jardim Amarelo viravam manteiga de leite.

Povo de Jardim Amarelo tinha gosto à boa música, abundante, num tempo em que industrialização em massa, dela ainda não havia alcançado com os dois pés o menosprezo à estética, em detrimento de uma tal tecnologia. Tudo no carregamento das emoções. A voz sentida de Tônico e Tinoco, as pilhérias do Manhoso, a toada boa de Era Moçaica. O orgânico de tudo.

Seis horas em ponto começava o programa diário. Durante a semana nem tantos ouvintes assim, mas aos sábados chegava a aglomerar mais de cem pessoas na porta da casa de Edgar Constâncio. O aparelho posto a uma mesa de jacarandá maciço encostada na parede na porta da rua fazia do mundo uma cor dourada nos tons de metais da abertura do programa. Vinha junto a magia absorvida por todos e o resabiamento dos homens, trazidos pelo boa noite jeitoso de uma voz feminina.

A voz da locutora deixava claro que já ficara para traz a permissão que toda mulher havia que requerer num tempo antes de 1968. Já depois da missa de sétimo dia da década de setenta, Jardim Amarelo fazia inauguração inegável de comportamento, mesmo sendo ele de difícil digestão aos seus auspícios. A sintonia trazida nas ondas AM chamava-se, àqueles ouvidos de escutar sanhaços em pé de mamão e porco em coito, prenúncio de eco em peito feminino.

Os homens escutavam com permissividade e admiração velada, mas calcavam os pés no passo atrás quando a locutora era mencionada pela esposa em casa. Insegurançazinha de todo macho rudimentar. Coisa de lado avesso. Ao invés da apreciação daquilo, os homens dobravam seus cordões em cera de abelha.

Nesse tempo áureo, a bonança dos Constâncios velejava pelos ermos de uma Amazônia que acolhia pessoas sem restrição. O Norte do Brasil compunha e reunia muitos destinos em suas mãos. Eram ali a Lei e a assistência de todas as

sortes. Dissolviam conflitos matrimoniais, e, em defesa dos seus, também prendiam forasteiros que porventura quisessem abusar de algum conviva às suas guardas. Mandavam, ou melhor, pediam e eram atendidos dentro da ordem da paz e pulso que fosse necessário, porquanto a Comarca mais próxima era Anápolis. E dentro dessa ordem o lugarejo navegava a velas cheias dentro de um calendário sem números e de relógio sem ponteiros. Aristeu Constâncio enchia o peito e, de costume, bradava que enquanto ali estivesse, nos seus, ninguém tascava. E seus eram todas as quinhentas almas viventes no patrimônio.

Assim, os Constâncios eram os timoneiros de todas as amenidades do mundo. Edgar, o mais generoso deles, em lampejos domésticos, nas conversas calorosas quando os outros irmãos deixavam suas terras e gados na região de Filadélfia - onde o Goiás fazia divisa com a história viva de Carolina, no Sudoeste maranhense - e se reuniam em varandas de cozinhas no clima ameno do Jardim Amarelo, bradava que no mundo não existe norte. Que na hora de secar o bagaço era ali, na linhada do jáú em recanto de pocinho raso que todas as sedes se saciam. Nada mais havia que nutrir carestia.

Os outros, mais levados ao ritmo material do mundo, imposto por uma Araguaína que trocava a lamparina pela pujança clara do gado zebu. – O nelore veio apenasmente concluir uma cidade de inseminação inconclusa pela rodovia Belém/ Brasília. - Os Constâncio, de Filadélfia, eram mais afeitos ao aprimoramento das possibilidades que o

mundo oferecia para se ganhar dinheiro. A sensibilidade para a filosofia que sobrava em Edgar, faltava aos irmãos do Norte. A rapinagem lhes passara a ser lícita. Diante do dinheiro, os olhos cresciam mesmo às posses dos que lhes eram do sangue. Na varanda de Edgar, secavam garrafas e garrafas de um tal Cangaceiro Leão do Norte, petiscavam a costela do campeiro que Briguello abatera à véspera da chegada deles, falavam alto e achavam sandices as ideias de Edgar.

O rádio, aos poucos foi mudando os hábitos e a consciência do lugar. Tornando-o parte do resto do Brasil. Criou-se hábito ouvir A Voz do Brasil. Depois das oito da noite, na busca sensível da sintonia, o Phillips captava algumas ondas da Rádio Nacional do Alto Solimões. Falava de cavalos criados à revelia de proprietários e aclimatados às selvas ralas do território de Roraima. Deixados ali ao restolho, por refugio ou estropiamento por um povo em diáspora, aos poucos o sangue se fortaleceu e a adaptação deu a esses animais a categoria de selvagens. Chegavam, pela Inconfidência de Minas Gerais, notícias de uma tal Constituinte. A voz tonitruosa do deputado Ulisses Guimarães, em brados retumbantes.

Briguello, no seu mundo, tinha leitura avessa àquelas firulas forasteiras do rádio. Nas horas vagas ocupava-se com ninhadas de nhambu, alguma arapuca para prender a saracura. A traíra-de-cama no Rio de Areias. Ia depois do almoço, anzolava na boca da noite, salgava as mantas da carne branca, comia com os amigos ao regalo de alguma aguardente. Por lá mesmo pernoitava. Era querido

no povoado da Contagem, pertinho do pesqueiro. Aproveitava para ver a Maíra com seus olhos de sol-de-meio-dia. Toda visita de Briguello à Contagem havia que o Seu Martinho, no auge dos seus 320 anos pegar sua momboiaxió e entoar cantigas que nem existem mais, no além.

Em casa novamente, era hora de colocar o cardeal do viveiro para chocar, coisa minuciosa, exigidora de ciência. Saía na boca da noite sem dizer aonde ia e voltava na hora adiantada com sacos cheios de favos de mel. No outro dia cedo, Sinhá Donana via e apreciava a solicitude do negro. Briguello não media gentileza. O mel apurado era somente o resultado do que lhe dava prazer na vida. Beira de mato, beirada de rio. Sabia o endereço de todas as locas do alto Palmeiras. Aonde se escondia o piau flamengo e o três pintas em fuga do rabanado arisco do dourado.

Conhecia as coisas do mato e a exploração desse veio chegava a toda hora na cozinha grande de Sinhá Donana. Omelete de ovo de ema, guariroba de beira de mato com ensopado de jaó. Passava a vida cuidando desses afazeres num tempo em que o meio ambiente era inteiro. A fartura de vida se apresentava na figura imponente da Matriarca, de canelas grossas e braços curtos e também grossos. Andava com as mãos em vê invertido, meio abertas, assim como quem oferece disposição e ou abraço sem, todavia, abrir completamente os braços. Sua postura provocava impressão de dinamismo em quem a via e conhecia. Aristeu Constâncio fora seu primeiro e único homem, e vice-versa. Boa

parte das posses de Aristeu passavam pela dedicação incondicional da mulher às causas do labor. Assim como ele, também sabia ser generosa.

Aos poucos, além da confiança, o negro também ganhava o respeito de Aristeu Constâncio. Não se podia negar os olhos compridos de Briguello às pernas roliças de Marinalva e Alvarina, já tomadas das lições de Maria do Belito e quase prontas para seguir os estudos em Goiânia. Lá, as irmãs de Sinhá Donana ajudariam a cuidar, como fizeram, no começo, com os outros sobrinhos, filhos de Aristeu, Álvaro e Adalbertus, embora nesse caso, não tenha gerado muito efeito. As moças passaram a observar as miras de soslaio indisfarçáveis de Briguello e, sem medo nem risco, quando estavam a sós, demonstravam gostar daquilo. Riam riso pudico com a ponta dos dedos maiores reunidos à boca.

Enquanto o tempo fingia passar no ar parado das vias do lugarejo, e as pessoas acreditavam nisso como sustentação de existência, a posição do negro no auxílio doméstico e, nem tanto, mas também na lida na fazenda foi encorpando e ganhando mais e mais utilidade. Um esteio já era Briguello. Executava os comandos de Sinhá Donana com diligência. Num período de reforma geral na casa grande, o negro trocou seu cantinho na casinha do despejo por um quartinho com direito a janela e cama de madeira. Não era, todavia, nivelado com os familiares. Um 3x2 no canto do quintal, ao lado do paiol, aonde um quadrante de mandiocas cacau em meia idade abrigavam galinhas no refrigério que gostam de fazer sob as penas em terra fresca.

A vida das galinhas era toda e plena no quin-

tal dos Constâncios. Marcavam o compasso intenso da displicência da vida. O fundo belo e ilustrativo dela, sob a égide da indiferença. Aquilo que se tem compromisso com o nada. Existe apenas para colorir a tez de uma tarde, e que supera a maior estética somente e por isso. À volta de todo dia, como um cuco que salta à caixa do relógio, embora sem tal imbecilidade, havia que se ter o registro da opereta das carijós mais gordas e satisfeitas pela regência da crista e esporas do galo Taludo. Entre as mandiocas e o quarto de Briguello passava o carreiro que ia dar ao banho na bica.

– Popooooopóohhhhpópóhhhhhhhhhhhh...!...!!

Sinhá Donana ordenava a Guilhermina que providenciasse a limpeza e troca da roupa de cama a cada quinze dias e isso era muito aos olhos do moço Briguello. Sentia excesso no tratamento afetoso de Sinhá Donana. A carestia grande de infância lhe deixava sem jeito diante da regalia, que nem era regalia. Talvez uma inadequação de autoestima. Seu quartinho era seu mundo por dentro, coisa que em sentimentos, ninguém nunca quis olhar e cuidar, ou jamais acessou com tal ternura. E era lá que Briguello fazia contato com o silêncio profundo e solitário de sua alma. Às vezes lembrava da figura da mãe, com quem Deus lhe permitiu um pouquinho só de contato e calor. O pai, que nunca conhecera. O vão da existência. E assim, sem eira nem beira de parentesco nesse mundão de meu Deus achava referência em Izé Mizael, o tio. Depois reconhecia a sorte. A gratidão pelos Constâncio de Jardim Amarelo gritava-lhe.

Guardava as roupas poucas e puídas numa mala velha, forrada, parecida com uma caixa retangular com duas travas à frente. Gostava do barulho delas no travar e destravar, a pressão e eficiência do encaixe. Tinha a guarda dos Constâncios e, fora quando assistia na fazenda Piabanha, na assistência e companhia de Aristeu Constâncio, comida de primeira servida no rabo do fogão. Pensava na mesma linha de Edgar. O que mais precisaria um homem para viver neste mundo? Um mundo de riqueza incomensurável, embora não houvesse, no bestunto de Briguello, tal disposição para medi-lo, pois não conhecia outro universo que favorecesse o balizamento.

A Bahia mandava, em alta velocidade, nuvens carregadas a um território já batizado Tocantins e as águas do Palmeiras ganhavam corpo, enquanto os cardumes de jaús subiam ainda mais a cabeceira à desova. Tempo em que Sinhá Donana se despedia de Marinalva e Alvarina com o coração do tamanho de um cajuzinho do campo. O aperto por uma despedida necessária. Jardim Amarelo oferecia pouco mais que casamento. Haveria que as meninas avançar mundo e estabelecer graus maiores em estudo. Em cinco anos se safariam da lógica estreita de cidade pequena. Ganhariam o resto da vida em cinco anos. Embora não tivessem pronta a escolha da profissão a seguir, experimentavam um gostinho bom nos recantos da alma. A faceirice. Ambas mantinham as carnes virgens, mas já possuíam a malícia que trazem, na hora certa, os hormônios.

Viam em Goiânia rapazes de donaires urbanos, de roupas coloridas. Debaixo do cenho do marido,

Sinhá Donana fazia as orientações. Antes mesmo da menarca de Alvarina, a primeira a menstruar, embora a mais nova, já sabiam, em linhas gerais, sobre a mudança de fase. Sinhá Donana tinha cabeça para isso. Antes de vir para esse mundo ao lado de Aristeu Constâncio teve vida em cidade. Apesar do freio do pecado, as freiras do colégio em que estudara ensinavam às meninas as coisas de meninas. Era a primeira vez que Alvarina e Marinalva sentiam no peito um sinal de emancipação. A ideia que tinham de Goiânia era uma espécie de referência em saúde e educação para os filhos de pais providos de recursos suficientes.

Com o consentimento, mas ainda contra a vontade do pai, seguiriam em charrete até Natividade onde descansariam um dia para chegar em Gurupi. Lá embarcariam na jardineira que desce a Belém-Brasília. No chamado inverno tocantinense, as águas amolecem todo e qualquer toá de estrada de terra. O Mercedes cara-chata do pai não era páreo para aquela aguaceira que descia além da conta na estação que era dela. E, uma vez encravado no atoleiro, haveria que vir trator de Dianópolis, e ainda assim sob risco de atascar mais adiante. Então, a charrete tinha a virtude de poder escolher o caminho mais firme, desviando dos trechos mais críticos e mesmo evitando a lama mais amena do percurso. E ali, desde o burrão preto da tração até o próprio veículo eram confiáveis, um pela experiência e gênio brando, o outro, por ser novo em folha.

Com a prerrogativa e alerta de evitar a estrada de Taguatinga devido à precariedade ainda maior,

além de ter que andar mais chão a bordo da carroça, partiram as meninas mais três homens escolhidos a dedo sob o comando de Briguello, este, na condução do burro Quiabo, um nome revestido de ironia para ocasião tão escorregadia. Os outros dois em montarias próprias, todos, inclusive as bagagens, resguardados como podiam da chuva com lonas e capas. As meninas, além das capas com capuz, vestiam roupas quentes por baixo.

Partiram às cinco da manhã. O céu divisava nuvens negras com bordas recheadas de branco pela luz da lua. Lá longe, além do aculá, soavam ajustamentos de massa travestidos em rimbombos. A escola vai começar. Na ânsia do peito da mãe houve que segurá-las, Marinalva e Alvarina, até o último momento perto de si. Tal feito fez com que partissem naquelas condições. Ainda assim, adiantassem ou adiassem mais cinco ou dez dias, as condições climáticas seriam as mesmas. Inverno de tempo das águas. Por excesso de segurança, levavam provimentos suficientes para viajarem trinta dias naquelas condições, fora as recomendações da mãe, que não eram poucas, e os acompanhantes.

Afora os trechos mais críticos, quando tinham que, por vezes abrir caminho com facões e turquesas, o burro Quiabo economizava esforços. Os capangas estalaram as palmas na porta da casa paroquial de Natividade na boca da noite, onde o padre Lauro as abençoou já com o banho, o escaldado de galinha no fogão de lenha e os aposentos prontos para o descanso. Tudo preparado pela figura

portentosa da preta velha que cuidava do vigário, onde ele estivesse, há mais de vinte anos. Jardim Amarelo fazia parte da Diocese de Natividade, e a proximidade com o vigário também ajudou a fazer rota naquele rumo. Pelo menos esse conforto Sinhá Donana tinha no peito. As meninas seguiriam viagem com as bênçãos do sacerdote. Além do mais receberiam todo o conforto e consideração que se conquista do clero. Confiança.

Briguello e os dois cabras desarream as montarias e os conduziram, pelo cabresto em passo lento pela extenuante da viagem ao pastinho de água fresca e grama verdinha. Um dos cavalos, o branco, por ser inteiro, sentiu logo o cheiro do cio da égua do padre. Apático a todo e qualquer cansaço, eriçou as narinas e soltou um relincho renovado, fazendo do rabo um chicote sem, todavia chicotear nada. Tarimbados, os homens de Aristeu enxergaram um problema. Dormissem ali, no mesmo cercado, cavalo e égua, as forças seriam minguadas para nova jornada até Gurupi. Não haveria grama nem água que fossem suficientes para tirar a atenção do garanhão sobre as ancas ciosas da égua alazã da Paróquia de Natividade. Briguello, na sua sapiência já fazia conjecturas sobre outro cercado ali por perto, onde pudesse separar as criações. Padre Lauro, a par do fuzuê de relinchamentos apontou em passo rápido em sua batina escura na ponta da rua do largo.

– Eguinha tá precisada de cruza. Vai ser bom, o sangue desse castanho tem tutano, a tábua do pescoço é alargada, os cascos mais uniformes e

médios, evita broca e são bons para terreno pedregoso. Deixa o cavalo dormir aí essa noite. Há que ser macho. Égua já pede arrego em viagens mais longas e sol a pino. Há muita gente pagã nos remotos desse sertão que precisa do Evangelho de Jesus, e é a nossa melhor condução nos caminhos estreitos ou mesmo na falta deles.

Conforme o pouso estava previsto para duas noites, Briguello desvinculou-se da ideia de antes. Uma noite seria o suficiente para o castanho deixar nas redondezas de natividades um seu gen para servir devotamente a igreja e seu rebanho. Pela manhã separaria os animais e o reprodutor teria tempo suficiente para se nutrir da grama úmida e verde da beira do córrego que desce no pé da serra de Nossa Senhora de Natividade.

De volta à casa paroquial, Briguello e os dois cabras de Aristeu não quiseram banhar em chuveiro. Comeram da mesma comida que as meninas e preferiram recusar a oferta do padre para pernoitarem em camas. De posse das capas de chuva, secas e aquecidas pela preta velha no fogo do fogão desceram ao porão.

Um dos cabras cortou o fumo que trazia à algibeira envolto num pedaço de papel, enrolou e pôs fogo a um cigarro de cheiro bom e satisfatório para o arremate da marcha daquele dia. Ali, antes de dormir, fizeram um release do dia, das dificuldades e modos aplicativos para solucioná-las. Estavam, os três, imbuídos e compenetrados em voltar a Jardim Amarelo com o peito e honra firmados no êxito de coisa tão preciosa a eles confiada. Era pra-

zer e gosto assim. O brio em sua acepção de maior lei e vigor. O Constâncio sabia retribuir. E não era tão somente com o dinheiro.

Sinhá Donana passou o dia comovida. Procurou guardar o mais viva possível a imagem da comitiva sumindo no ainda escuro da madrugada. A nostalgia invadia seu peito. Os cachorros acompanhando os viajores, querendo viajar também e sendo repreendidos por Briguello para voltarem à guarda da casa. Um calor rodeou seu coração durante todo o dia. No outro dia cedo se deparou com o que já esperava. O silêncio e o vazio da casa eram imensos, e, por conseguinte, na alma também, fato que se agravaria quando Aristeu terminasse os despachos com o povo em Jardim Amarelo e rumasse para a Piabanha. E mais um dia se passou sem que Sinhá Donana se recompusesse.

E mais um dia se foi. E mais um dia ficou para trás. E no dia seguinte a saudade lhe doía ainda mais. Entretanto, desde a partida uma coisa lhe alentava o espírito. Havia que em breve chegar a primeira carta. Na hora depois do almoço, quando Briguello sumia no mundo, e Aristeu cuidava dos negócios, passou a ter contato com uma nova hóspede no coração. Para tentar driblar aquele sentimento de espaço vazio na alma, sentava na cama de Alvarina, de frente para o leito de Marinalva e pegava as peças de roupas velhas que deixaram para trás. Passou a fazer isso todos os dias. O sumo da nostalgia fazia seu efeito amargo, travestido de doce, nos olhos de Sinhá Donana.

Veza ou outra, sem piscar os olhos, deixava cair um bago de lágrimas. Em seguida olhava sua marca

na madeira do assoalho. As pontas estreladas, - feito o sol que vira desenhado na bandeira do seu Estado recém criado, que agora se chamaria Tocantins, - formadas pelo encontro do líquido com o rijo do pau de lei do assoalho. E aos poucos, no decorrer dos dias, foi observando que a marca da lágrima do dia anterior ainda estava lá. E foi assim até que o chão próximo aonde se sentava contava inúmeros pingos do pranto da mãe, feito o que escoava da vela acesa em alguma superfície sólida. Pranto de saudade de mãe.

Março já anunciava flores no pé de manga da vizinha Irene Bolacha. Quarenta anos depois de chegar em Jardim Amarelo, o florescimento da mangueira naquela época do ano ainda fazia surpresa em Aristeu Constâncio. Em Minas Gerais, sua terra natal, mês de manga era dezembro. Onde já se viu chupar manga madurinha, tirada do pé, em agosto, meu Jesus amado? Pensava naquilo e conjecturava os destrambelamentos do mundo. As coisas estão mesmo com as pernas pra riba, dizia baixinho e ao léu, para si mesmo, no terreiro da cozinha nas raras horas vagas que tinha em vida.

Numa tarde em que os raios do sol atravessavam os cristais de um chuveiro muito mágico nas ruas e herdades próximas a Jardim Amarelo, encostou um cavaleiro, vestido numa capa preta, na porta da casa de Sinhá Donana. Era quinta-feira e ela amassava broas de milho, de sal e doce, e outros biscoitos para esperar Aristeu, no preâmbulo da assistência quinzenal no distrito. Fazia aquilo como forma de distração da saudade e devoção

do marido. As palmas do cavaleiro estremececeram todo seu corpo de matrona. Eram palmas batidas por gente que vinha de longe, dava pra sentir. Palmas domésticas são diferentes.

Ao atravessar porta afora, não teve mais dúvida sobre o que seu coração já lhe havia confirmado. O emissário dos Correios estava apeado da montaria. A delongada da chuva por tempo além do seu próprio, da estação, inviabilizara completamente o trânsito de veículos automotores. Foi, em residência fixada pelos Constâncios naquelas terras, o ano que mais choveu. Serviu inclusive de marco e comparação com outras cheias, mas nenhuma que superasse. Nesse caso, havia que a correspondência, deixada em Dianópolis pelo avião pinga-pinga da Aviação Cruzeiro, que fazia a linha Goiânia/Belém/Goiânia, acabara de chegar ao destino final por veículo mais adaptado ao terreno. Uma híbrida báia em flor de idade. Vistosa. Animal que dá gosto de ver e montar.

Sinhá Donana avistou primeiro a mula mascarando o freio. Nos cantos da boca saía uma espuma de aspecto esverdeado por alguma ponta de capim gordura irresistível à beira do caminho. Os cascos negros, redondos e pequenos, aptos ao pedregulho e à lama a um só tempo. Depois viu quando o homem abriu o alforje sob o abrigo da capa e retirou, com o devido resguardo à chuva o envelope amarelo, de papel grosso, amarrado com uma fita vermelha, de recheio modesto, mas com imenso volume emotivo, o que, por si só, alegrou Sinhá Donana, de maneira a enrubescer a tez de rugas delicadas pelas eras.

Segurou a carta como se faz a um filhote de passarinho que se segura às mãos e pediu que o homem entrasse até a sala e esperasse um instante. Enquanto entrava casa adentro, abriu a aba do vestido e guardou a correspondência junto ao peito, deixando ainda uma ponta de fora, porquanto o envelope era de modelo comprido. Despacharia primeiro o mensageiro e só depois abriria o embrulho. Merecia um momento único e só seu. Quase um ritual seria necessário para ver, ver e rever tudo, e depois ver ainda mais. O aspecto da carta equilibrava todas as preocupações com o bem estar das meninas. Estava já certificada disso.

Minutos depois retornou da cozinha com um prato cheio de amor-perfeito que acabara de tirar do forno e um copo duplo de leite fervido em banho-maria no fogo brando do fogão a lenha. Sentou na companhia do carteiro enquanto ele comia e contou de suas tristezas alimentadas pela ausência das meninas Marinalva e Alvarina. A partida de Adalbertus e Álvaro não a fez sofrer tanto quanto a das filhas. Os rapazes se desnaturaram, pouco dão notícia e só escrevem para pedir dinheiro ao pai. Adalbertus amasiou com uma mulher mãe de seis filhos e passou a morar na casa dela, na periferia daquela cidade tão grande. Fazia biscates aqui e acolá, sem emprego fixo. Álvaro aprendeu a fumar droga e pendeu para os lados da jogatina. No entanto, as meninas eram à Sinhá Donana um alento a tantas agruras provocadas pelas notícias dos meninos-homens enviadas pelas irmãs que moravam em Goiânia. Sinhá Donana continuava a substantivar os filhos de meninos, homens era somente a redundância do gênero.

Apesar de ser a primeira vez que via aquele emissário, Sinhá Donana conversava com ele como se fosse seu velho conhecido, fazia mister seu desabafo. Coisa de coração de mulher que muitos homens não entendem. Briguello via em seus olhos, mas no couro que dava ao escolamento de Izé Misael, individualidade própria sua de negro nagô e respeito à patroa, não levantava assunto. Aristeu, com todo respeito às dores da mulher, tinha jeito nenhum tempo para isso. Sabia agradar aos de fora, porém, aos seus, por vezes, deixava a desejar.

Contudo, a chegada do carteiro provocara muita emoção à matriarca. Era como se trouxesse nele as figuras das próprias filhas. Não entendia muito bem como funcionava o trâmite no correio, mas era como se aquele rapaz estivesse pego os envios das próprias mãos de Marinalva e Alvarina. A saudade era tanta que até o carteiro seria capaz de saciá-la um pouco.

Briguello escutava toda a conversa sentado na sala de jantar com as pernas cruzadas e balançando a canela solta, fincando as unhas sujas com a ponta de uma peixeira de cabo de chifre que trazia sempre consigo. Estava atento. Tinha recomendações estritas de Aristeu Constâncio na guarda de Sinhá Donana. Manejava a lapiana de folha larga e conjecturava em silêncio coisas que ninguém nunca saberia ou soubera sobre as circunstâncias. O que se passava ali, naquele miolo revestido de cabelos ralos, com montículos uniformes e anelados, deixando à mostra o casco da cabeça, era o que mais se poderia aproximar de uma realidade, por

mais frágil que fosse. Inclusive nos ventos de dora-vante. Na defesa de Sinhá Donana não lhe faltava nada, muito menos coragem. Muito embora, naquele momento, o clima fosse amistoso. Todo carteiro, comprovadamente carteiro, que andava por essas bandas traziam a urbanidade e muito afeto nos embornais.

Sinhá Donana ofereceu pouso ao homem. Recusou. Dizia ter que chegar em Dianópolis na luz do dia para a incumbência de entregar documentos remetidos por fazendeiro da Boa Vista com urgência ao cartorário Zilmar Póvoa. Montou e partiu com pinicando a sete bicos no vazio da burra. Enquanto esporava ela abanava o rabo, fazia força de arranque e peidava emendado. A mula era sadia. E também tinha pressa.

Dessa vez Sinhá Donana preferiu o seu quarto ao quarto das meninas. Sentou-se na cama e colocou as duas mãos ao peito em cima da correspondência. De olhos fechados, demorou o tempo necessário para suspirar profundamente duas vezes. O amor pairou e preencheu todo o quarto grande do casal. Sentiu um resto de perfume que ainda permanecia, depois dos solavancos da viagem. Tentou não rasgar o envelope, descolava cuidadosamente, mas cola de correios é danada de forte, difícil manter o envelope intacto.

Viu primeiro o papel dobrado com ternura e chamuscado de pequenos corações em vermelho. A letrinha esmerada e singela, própria de Marinalva, tudo muito caprichado. Depois percebeu, dentro de um envelope menor, dois retratos.

A curiosidade aguçou tudo que ainda não tinha convívio próximo. Porém, antes de olhar as fotografias leu os escritos.

Goiânia, 26 de fevereiro de 1991.

A sua benção pai! A benção mãe!

Mãe:

Depois que chegamos, Alvarina chorou duas semanas seguidas. Queria voltar para ficar com vocês, mas tia Analúcia, convenceu a ficar. O colégio é difícil. Não fossem as aulas particulares de Dona Maria do Belito seria mais difícil ainda. Sentimos saudades dela também. A sala da Alvarina é ao lado da minha.

Adalbertus esteve aqui um pedaço de dia na semana em que chegamos, nunca mais deu as caras. Dei um dinheiro para o Álvaro, insistiu muito. Nem parecia ter saudades. Está grande e deixa a barba e cabelos crescerem.

Entreguei o dinheiro que mandou à Tia Analúcia. Já sei pegar ônibus, Alvarina tem medo de ir sozinha para a escola, vamos juntas e voltamos juntas pela manhã, mas tem dia que vou com ela à tarde para acompanhá-la. Aos poucos ela vai aprender.

Aqui é bom. Tem carro que só vendo! Casas de toda altura. Muita gente. Outro dia, vi na rua um homem jogando quatro garrafas de plástico com uma mão e pegando com a outra, sem deixar cair nenhuma, meus colegas disseram que ele é malabarista de farol.

O colégio exigiu que tirássemos retratos para fazer a matrícula. Pedimos ao retratista que fizesse um a mais para mandar para a Senhora mais o pai. A Alvarina saiu com a cara inchada, de tanto chorar. Eu me achei gorda, mas tia Analúcia disse que é só impressão minha e que foto é assim mesmo.

Temos muitas saudades!

Fica com Deus. A benção ao meu pai. A sua benção mãe!

Ass.: Marinalva e Alvarina

Uma vastidão de alegria e emoção invadiu tudo quanto era Sinhá Donana, em toda a sua existência. Deixou de lado o papel e olhava as fotos das duas, uma em cada mão. Soluçava em alto choro e não precisava esconder a ninguém. Naquele momento não existia mundo lá fora. Era o desabafo a um ressentimento seu por ter ficado longe do que untava suas retinas, do que lhe permitia gozar e não perceber a gratuidade do ar que respirava. Uma angústia represada rompeu os diques de toda saudade do universo. Deitou de lado com as fotos nas mãos junto ao peito, ao lado dos papéis e adormeceu dentro de uma paz que nem era telúrica.

Quando acordou, teve a impressão de desprender-se do corpo e andar pro jardins belíssimos que faziam molduras a um gramado verde musgo, e tudo circundava um lago no centro aonde aves de cores vibrantes e compostas reboavam à flor da

água conduzindo dezenas de filhotes. Caminhou por ali solitária, num completo bem estar, por entre os casais que viam e ouviam o quarteto de cordas na ilha ao centro do lago. Era leve. Naquela hora não teve mais vontade nem obrigação dos afazeres domésticos. Uma individualidade egocêntrica, levada pelo alívio de um revolta, invadia sua alma. Foi ao quintal e parecia estar num mundo que nunca estivera.

Briguello assuntava calado e tomava as providências que a situação urdia. Era diligente e, embora não convivera com a sua mãe por muito tempo, sabia entender o enternecimento delas. Ainda mais de Sinhá Donana, por quem seus apreços já iam além do serviço e roupa de cama limpa. Tirou as tampas que restavam ao ponto do forno, colocou telas de tecido sobre as massas de rosca nas gamelas e andou ao quintal a arrancar uns matinhos que rodeavam as chicórias. Enquanto diligenciava observava a Sinhá. Tirou, ao lado dos canteiros, um mamão que os assanhaços bicaram. Sabia do doce certo da fruta preferida da avezinha. Deixou a fruta na cozinha e foi à casinha da lenha buscar combustível que munisse o fogão para a janta. Preferiu não aludir Sinhá Donana, embora a hora de fazer a comida já fosse passada. Há 150 anos Sinhá Donana fora pontual no horário de começar a bulir no fogão, hoje, porém, esse horário sofrera alterações bastante substanciais.

O tempo em que alguém espera o silêncio daquele que se isola em si, aos moldes de Sinhá Donana naquela tarde, sem querer trazê-lo de volta

ao mundo das sociologias, é tempo de sabedoria grande, obviamente tempo em que poucos sabem si saber. Por ser incerto e pelo dependência da atenção alheia que se traz na carestia da alma. Briguello aliara-se à solidão, e mais ainda, ao tempo, por isso mantinha-se de longe, fingindo cuidar coisas alhures.

Em silêncio, ambos. Ele atento, ela ainda em reflexão, retrospectiva em tudo que fora até ali. Coisa sadia e boa, porém, na medida certa, sem necessidade de força. Talvez, fosse ali, pela primeira vez, que entrou em contato com Ana Maria Cesário Constâncio, já em ânsia de velhice. Em tom baixinho, quase imperceptível aos próprios ouvidos Briguello tentava achar, no rádio, alguma estação que viajasse pelas atmosferas do Jardim Amarelo. Sem êxito e entusiasmo com aquilo, lembrou que era hora do banho.

Certificou-se do paradeiro de Sinhá Donana, que voltara ao quarto e mantinha-se deitada. Desprezara os travesseiros e apoiava a nuca nas palmas das duas mãos juntadas, joelhos flexionados e pés calcados ao colchão, conforme Briguello nunca a vira. O semblante era bom, embora apresentasse um aspecto que nunca, em vida, lhe fora conferido, nem por Briguelo, Aristeu, nem por ninguém. Mantinha os olhos abertos e firmados num lugar distante e desconhecido. O negro voltou à sala, desligou o aparelho e dirigiu-se ao seu quartinho. Aviou-se.

Ao subir nos trilhos arrodoados por moitas de beldroegas, e algumas vassouras que começavam

a atacar a plantação de mandiocas, vindo da bica d'água, a caminho do seu aposento, ainda com um pedaço de luz do sol, Briguello viu sinal de coisa estranha na casa grande. O encarregado da fazenda estava sentado no degrau debaixo da porta da cozinha. Tinha aparência severa e estava cabisbaixo. Não por tristeza, mas pela gravidade do evento. Quinta não era dia de chegar ninguém da Piabanha, o ponto de combina e tradição de Aristeu dar as caras era, quinzenalmente, nas tardes de sexta-feira.

Encontrara a casa aberta e, como aparentemente não vira ninguém, esperava um sinal de vida que fosse para dar a fatídica notícia, já esperada por Briguello. Com a toalha jogada às costas, um pedaço pequeno de sabão caseiro e bucha nas mãos, achou melhor seguir direto ao encontro do encarregado. Quanto mais se aproximava, mais apertava o passo.

Ao chegar junto do homem ficou parado e em silêncio. Sem cumprimentos ou clichês, ainda sentado e com olhos no chão, mantinha a aba do chapéu numa mão e alisava o outro lado da aba com a outra mão. Fitou os olhos com força na direção dos olhos de Briguello e acendeu o rasilho.

Compadre Aristeu sentiu dor de cabeça forte essa manhã. Coisa de baque e supetão. Depois do afetado não durou duas horas. Vai saber. Levantou animado, falando em dar um pulo a Goiânia para agrado de Sinhá Donana e seu próprio. Para morrer basta estar vivo, não é mesmo, meu confrade Briguello? Cadê Sinhá Donana?

Briguello trazia nos pés descalços e no genótipo a adaptação aos espinhos e às pedras pontiagudas do caminho. Sabia, por vivências passadas e pelos pais e avós, das amarguras e violências que a vida apresenta na própria pele da vida e isso o deixara um pouco à parte da comoção. Mesmo assim, não pode evitar um arrepio pelo corpo, na matéria mesmo, porque era assim que via. Para Briguello, numa situação daquela, o pensamento só podia tanger para o lado prático. A existência agora assumia corpo denso, feito pedra canga. Antes de mais nada perpassou a situação. Usara ali, o corredor de sua inteligência, os alicerces da alma. De um lado as áfricas que nunca saíra de seus olhos, do outro, a geografia de mais um supetão. Conjecturas.

Como dar a notícia a Sinhá Donana?



AS MESSALINAS DE QUINQUIM RABO DE FOGUETE

*“E retomou o fio:
Pobrezinha, além de tudo tem que
trabalhar o dia inteiro pregando
botões numa fábrica.”*

MEMÓRIAS DE MINHAS PUTAS TRISTES
(GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ)

As goiabeiras ofereciam frutas maduras e bezerros de quase ano davam um tom de alegria em Gervázio. Era a hora de reunir e vender um lote de dez. Época boa é essa. O bicho desmama até encarado de gordo. No depois, criação dana a sentir o peso da seca e padece de emagrecimento. O preço cai. O dinheiro da venda segurava o plantio do fim do ano. A vida na roça é cíclica como a roda da bicicleta.

A família já estava criada, distribuída entre Paracatu e Brasília. O mais novo, de quatorze anos, ainda morava com os pais, num pedaço de terra perto de Forquilha do Espinho. Marcos Gervázio Cunha ganhou desde cedo o apelido de Quinquim. Era especializado em derrubar micos de cima de árvore com pedra de estilingue. Os colegas ficavam com inveja do jeito que Marcos fazia a pedra chegar antes do símio negar ou se esconder. Às vezes pegava o bicho em movimento. Quando eles vinham para as frutas no quintal era uma festa. Caíam ao chão e saíam correndo, uns meio tortos, descadeirados de dor, em busca de um refúgio, no mais alto de algum pé de abacate.

– Quinquim já tinha passado da ocasião de variação de tom no timbre da voz. Estava um rapagão espadaúdo, de penugens avançadas na cara e outros territórios. Fora alguma bananeira, nunca tinha enfiado seus inícios em nenhum outro buraco. Uma vez, quando a Consolação veio de Forquilha do Espinho para ajudar na arrumação de um capado, pediu a ela um pedaço de sua dedicação.

– Óh Consolação, você me dá?

– Dá o que menino?

Respondeu com a cara lerda, de quem entendeu tudo, e carrega a experiência de repasse de muitos homens, bêbados ou não. Acanhado, desconsolado, Quinquim não insistiu no serviço. Saiu da despensa cabisbaixo e com a tez avermelhada.

Mas sua hora era chegada. Era preciso dar um jeito de conhecer mulher. Foram vezes e vezes que

amanhecia com a cueca gélida, de tanto sonhar com Maria Margarida, a moça mais bonita presente na festa de Santa Luzia.

Gostava de ver a porca zoneada pelo cachaco, sem pressa. O galo em riba da galinha. A tribuzana do cavalo com a égua. Passarinhos. Tinha que dar jeito. Não era mais possível aquela ânsia. A Consolação dá para todo mundo, só para mim não quis dar. O dia em que fosse na Forquilha do Espinho falaria com o Ronardo do Tõe. Desde que topou com ele um dia em que foi levar os queijos para vender no armazém, nunca mais esqueceu a pergunta que lhe foi feita. Andava com aquilo na cabeça. Zona era lugar com um fetiche grande no bestunto de Marcos Gervázio, alcunhado Quinquim. 14 anos. Dizem que lá existem todas as nobrezas de um garoto que já mergulhara no abismo do desvendamento mais importante. Falta-lhe achar um chão. E esse chão estava lá, no lugar mais famoso do Paracatu, à beira da BR 040. Falaria porque falaria com o Ronardo.

Ronardo era piolho do baixo meretrício. Levava queijo, mexerica, e até jabuticaba para sevar as messalinas. Era conhecido. Tinha os dias certos de ir até lá. Às vezes aparecia de surpresa, quando tinha que ir ao Paracatu para negócios de escritório e banco. Se não tivesse que ir pelas obrigações, não fechava a semana sem colocar o Corcel amarelo na estrada e bater lá na casa da Suzana.

Deixa comigo. Um dia eu vou lá com ele. Era só questão de tempo. Quinquim passava os dias na lida com o pai. Depois que terminou a oitava

série na escola rural, não quis dar prosseguimento nos estudos. Gostava. Seguiria o caminho do pai. E para o pai também era bom porque tinha dificuldade de arrumar peão que prestasse. E já estava velho para os serviços mais pesados. Aos poucos ia delegando as tarefas ao rapazote. Nenhum outro filho quis continuar na roça. Mas Quinquim queria. Gostava. Aprendeu a fazer queijos desde muito cedo. O leite tirado na parte da tarde seria dele no ano que vem. Sabia negociar leitões. Possuía umas cabecinhas de gado.

O difícil seria convencer os pais de sua ida a Paracatu. Mas iria, mesmo que tivesse que inventar que iria na casa de Joana Darque, sua irmã mais velha. O negócio era falar com o Ronardo. Vou menino e volto homem.

Na manhã seguinte Quinquim amanheceu caçando um jeito de adiantar a ida à cidade para levar os queijos. Disse ao pai que depois do almoço levaria a mercadoria e aproveitaria a viagem para comprar um mata-bicheiras. Depois que o porco piau se atracou com o cachaço sua orelha está só piorando, deu bicho, e a creolina não resolve. Iria. É bom também para ganhar no peso. Queijo fresco dá muita quebra de um dia para o outro.

Acabou de arrumar a queijaria, soltou o soro para os porcos e tomou banho antes de almoçar. Arriou o Cubranco, um cavalo pampa enorme, com força maior que Hércules. Carregou a charrete, deixou tudo pronto. Foi à cozinha despedir-se da mãe, tomou água e ouviu dela encomendas de um carretel de linha cinza e agulhas. Aproveitaria

para deixar duas mudas de manga Coração de Boi na dona Argemira. Tarefa fácil. A casa dela ficava na beira do caminho.

O trote do Cubranco e o barulho da carroça levavam Quinquim a um lugar necessário para o firmamento de todos os homens que moram no interior de Minas Gerais. O jovem não sabia o significado da palavra impeachment, falada toda hora no rádio, mas sabia que a zona do Paracatu fica na beira da rodovia. Quando chegou na porta da casa de dona Argemira recusou o convite para descer e comer um pedaço de bolo de fubá com café, tinha pressa.

Estugou Cubranco e foi direto à casa de Ronardo. Quando chegava perto deu vontade de voltar, ficou confuso. Ronardo era casado. Como abordar o assunto na casa do homem? Voltaria. Esqueceu-se de um detalhe que faria a diferença como se esquecer de colocar o coalho no leite. Não sairia queijo, não conheceria mulher. Mas quando deu fé a charrete já estava estacionada na frente da casa do homem mais importante daquela região. Na cabeça de Quinquim era assim. Ronardo o ajudaria a se tornar homem. Matutou por alguns instantes e bateu palmas. Veio de lá uma moça franzina, magra, com um vestido puído e uma vassoura na mão. Era a empregada. Sentiu-se aliviado, mas com um medo velado que a esposa estivesse dentro de casa. Sabia que ela era professora e era hora de aula, mas teve medo.

– Eu tô com uma turma de leitão desmamado, no jeito para capar. É vê se o Ronardo interessa na compra. Ele tá aí?

A moça respondeu com a responsabilidade que o ofício requer. Disse que saiu cedo e não voltou para almoçar, mas que não demoraria, porque tinha compromisso de chegar antes dela ir embora, era dia do pagamento.

Quinquim estabeleceu-se entre o desolamento e a persistência. Faria as obrigações e voltaria à casa de Ronardo. Deu meia volta na charrete e tangeu Cubranco para o armazém. Quando estacionou na porta do comércio viu surgir numa esquina um carro amarelo. Era o Ronardo, ninguém mais tinha um carro daquela cor em Forquilha do Espinho. Pulou da charrete e ficou esperando. Firmou a vista para identificar o motorista antes que ele passasse, e era. Ronardo deu uma freada brusca e desviou para garantir a integridade física do menino. Quinquim quase pulou na frente do carro ao pedir que parasse.

- Ôh Ronardo, bão!
- Bão, e ocê, Quinquim?
- Bão, e ocê?
- Bão!

Quinquim pensou em tudo, mas somente no depois. Não imaginou que seria tão difícil tocar naquele assunto quando encontrasse Ronardo. O argumento falhou. Não tinha o que falar. Usasse a desculpa dos porcos daria com os burros n'agua, porque não tinha turma nenhuma de leitões prontos para vender.

Ronardo analisou o menino, pensou mesmo em negócio. Um bom catireiro não desperdiça

oportunidades, e as fareja longe. Mas Quinquim rompeu com a vergonha e o sisudo do momento.

– E o Paracatu? Que dia que ocê vai lá? Disse e ficou vermelho. Ronardo começou a entender a situação. Sentia uma coisa boa em poder iniciar o garoto nos rumamentos de homem. É bom ser o protagonista na arquitetura da primeira vez de uma outra pessoa. Uma festa.

– Depois de amanhã eu vou lá, ocê quer ir comigo?

– Quanto que as comadres estão cobrando?

Ronardo deu uma risada calma e tranquilizou Quinquim. Disse que não se preocupasse. Conversaria com Natacha para ele. Pediu apenas que não comentasse com ninguém. Sua mulher andava nervosa com suas idas frequentes a Paracatu. Embora soubesse das performances boêmias do marido, a esposa fingia não aceitar. Então, Ronardo disfarçava bem, e ficava tudo bem. Combinaram que sairiam cedo e se encontrariam no mesmo local, na porta do armazém.

Descarregou a queijama branca, viu o spray de mata-bicheiras na prateleira e lembrou que precisava de um. Quando lembrou da encomenda da linha e agulhas já estava entrando na porteira do curral de casa. Soltou o Cubranco no pasto da manga e foi para dentro. A mãe o repreendeu por causa do esquecimento. Tinha que fazer uns remendos numa porção de calças dele e do pai. Havia também vestidos que precisavam de reparos.

Perguntou se o pai já tinha tratado dos porcos. Trocou as botinas novas pelas velhas, foi até

o paiol. Pegou um jacá de milho cascado e desceu ao mangueiro. Natacha! Que nome bonito. Deve ser mais bonita que Maria Margarida. Quinquim não sabia que a vida, por vezes, é uma carga pesada. E que a guerra exige um nome que se deita em troca de roupa, joias, viagens ou comida, em detrimento da manutenção de uma identidade de celulose.

Mas a viagem não estava pronta, e não seria tarefa fácil convencer os pais de que precisava ir a Paracatu. A desculpa mais vigente teria que envolver uma visita a Joana Darque e aos sobrinhos. Quando o pai voltou do eito, Quinquim já tinha tratado dos porcos e virado o sal dos queijos. As galinhas ainda ciscavam na porta do terreiro. Antes de anoitecer Gervázio e o filho desceram ao mangueiro para curar o porco piau. Seria preciso o laço e uma peia. Quando subiram em direção à casa o cheiro de carne de porco já se fazia sentir a uma distância entre o conforto e a segurança de um lar tranquilo.

Gervázio quis tomar banho antes de jantar. Quinquim foi prender uma galinha choca de baixo de um balaio, a pedido da mãe. Quando estavam todos reunidos na cozinha, o jovem esquentava-se no rabo da fonalha. Precisava dar a notícia de sua ida a Paracatu. Vou menino e volto homem. Tinha um plano. Esperou que o pai pegasse o prato para se servir.

– Pai, será como tá Joana?

– Num sei. Ela falou pra sua mãe que vem no feriado de Nossa Senhora da Abadia.

– Éhhh, mas falta um tempão.

– É. O Jonatan já foi pra a escola este ano. Vai fazer seis meses que num vemos eles. Os meninos já tá tudo grande.

– Pois é. O Ronardo do Tõe me chamou pra ir lá depois de amanhã. Eu até fiquei querendo.

– Mas que ideia é essa? Ocê nunca quis ir no Paracatu.

– É, mas agora eu quero. É bom que a gente compra o lumbrigueiro pra mãe.

– A mãe olhava de espreita a conversa dos dois. Imediatamente veio à cabeça dela mandar uns mantimentos para a filha. Ovos, queijo, uma lata de carne na banha, mandioca. Coisas que faltam na roça e faltam na cidade. O silêncio do pai era o consentimento. Quinquim conheceria a Zona Boêmia do Paracatu. Vou menino e volto homem.

Daria segunda, mas não daria sexta-feira. Depois da janta não tem mais o que fazer na roça que não tem energia elétrica, a não ser ligar o rádio a pilha no programa do Zé Bétio e esperar dar nove horas para dormir.

Eufrásia amanheceu pensando nos filhos. Jovana Darque era a que estava mais próxima. Via os outros uma vez por ano, quando as férias de escola coincidia com as do trabalho. Quinquim passou a tremer o corpo por dentro. Experimentava uma sensação de desejo e insegurança. O nome Natacha não saía de sua cabeça. Imaginava uma mulher jovem, com seus dezoito anos. Uma deusa no

meretrício. Passou o dia avoadado, com o pensamento numa casa isolada, na beira de uma rodovia que só ia da Forquilha do Espinho até um lugar chamado Brasília, a capital do Brasil. Paracatu.

Quando deu na boca da noite Eufrásia já estava com tudo pronto para o envio. Embalou os ovos em palha de milho, vestiu um saco de aniagem na lata de carne e colocou os queijos, embalados, junto com as mandiocas. Prendeu um frango no paiol para colocá-lo no saco na manhã seguinte. Galinácea é bicho que morre fácil por falta de oxigênio. Mesmo com um buraco para colocar a cabeça do frango para fora, Eufrásia se precaveu. Antes de dormir Quinquim bateu uma punheta. Tinha no pensamento um misto de Maria Margarida e Natacha. De madrugada, sonhou com um capotamento da charrete numa descida esburacada, em alta velocidade. A charrete estava desgovernada, sem o Cubranco.

Antes de o sol sair o pai já estava de pé, como de costume. O fogo da fôrnalha aceso e uma fôrjada de pão-de-queijo pronta. Eufrásia mandaria também pães-de-queijo frescos a Joana Darque. O roupa do menino já estava engomada. Quinquim demorou a se levantar, estava atrasado. Quando o dia amanheceu pulou da cama e foi à cozinha. O pai estava no curral, na tioração de leite. Bebeu café, chá, leite, comeu um pão de queijo recheado com doce de casca de limão e dirigiu-se à manguinha com uma espiga de milho e o cabresto na mão. Hoje será um dia inesquecível na vida de Marcos Gervázio Cunha, apelidado Quinquim.

O menino tinha pressa. Ronardo é homem que pisa quente. Não esperaria um eventual atraso. A viagem de charrete até Forquilha do Espinho gastava uma hora. E depois tinha que soltar o Cubranco nos fundos do armazém à maneira que ficou combinado pelo próprio Ronardo com Sôfarnésio, o proprietário. Ronardo queria era ajeitar o lado de Quinquim, ver o menino se dar bem. Sobretudo na sua primeira vez com Natacha. Achava Natacha mais jeitosa para a falta de experiência do menino.

Quando Quinquim apontou na entrada de Forquilha do Espinho, uma corja de cachorros acompanhavam uma cadela malhada no cio. No momento em que ele passou pela matilha houve uma briga violenta entre os dois mais competitivos. Cubranco galopava.

Ao chegar na porta do armazém Quinquim perguntou por Ronardo. O proprietário disse que ainda não tinha aparecido por lá. Houve alívio e apreensão na alma adolescente de Marcos Ger-vázio. Retirou as encomendas da Charrete e as depositou na porta do armazém à espera de Ronardo. Puxou Cubranco até o fundo do estabelecimento e soltou o cavalo. Cubranco ficaria bem ali. O lote tinha mais ou menos um hectare, como o são os quintais de lugares virgens de especulações imobiliárias. Era dotado de água e grama frescas.

O entusiasmo e expectativa de Quinquim de conhecer mulher era maior que qualquer timidez que viesse a se apossar dele. Rompia muitas barreiras. Dessas que os jovens de sua idade e classe

geográfica são barrados, alguns pela vida inteira. Sabia que teria uma experiência nova, um depois completamente novo. Mas agora uma apreensão suplantava uma aventura que um dia foi flamejante em seu maciço jovem. O corajamento e a vontade de ser homem dava lugar a uma modéstia de quem oscilava entre o colo da mãe e um vil lupanar. A beirada da rodovia já cheirava a desconforto. Mas a masculinidade que reveste o sertanejo não deixa lugar para a covardia. Esse negócio de fofoca é perigoso onde a privacidade derrete-se no coletivo. Em nome do novo e da necessidade de um chão que o amparasse em suas dúvidas de adolescente, Quinquim se viu uma fraude. Mas agora não era mais hora para voltar atrás.

Quando arribava dos fundos para a porta do armazém, o corcel amarelo estacionou junto. Tocava uma música que falava de uma longa estrada, esperança e campeonato, de não poder parar. Ronardo usava um chapéu de palha com abas dobradas. O traje da lida. Como pode um homem casado com a fama de Ronardo se emperiquitar numa baita sexta-feira de manhã. A tolerância da esposa tem limites. Ajudou Quinquim a colocar os mantimentos no porta-malas e falou alto.

– Vambora Menino!

Quinquim meneava a cabeça como se aquela embaixada fosse o rompimento com tudo que vivera até agora. Estava fora de casa, desprotegido, cairia num lugar onde o mundo é o trecho. Acho que vou dispensar essa beira de rodovia e voltar para os cuidados de minha mãe. E depois, o pai

descobriria. Talvez achasse bom, talvez ganhasse uma sova que jamais olvidasse. A segunda opção era mais latente. Saio menino-homem e volto homem-menino.

Quando saíram da estrada vicinal, Ronardo pegou uma lata de cerveja num posto da beira da rodovia. Ofereceu um cigarro a Quinquim, mas ele não quis. Mas na cerveja o menino teve que dar uma bicada. Segundo Ronardo era bom para perder a timidez. O argumento era forte demais para o peso que Marcos Gervázio sentia nas costas. A empreitada é de gente grande e eu só tenho quatorze. Mas já sou grande. Olhe os cabelos no meu saco.

Pedi mais um gole ao homem que se formava amigo e mais adiante aceitou um cigarro. Quando via uma casa ou um rancho à beira da estrada, o menino sentia o coração disparar. Qualquer restaurante poderia ser a casa de Suzana, e lá estar a bela-fera Natacha. Em sua cabeça, o por vir estava ficando embaralhado. No começo não tragava a fumaça do cigarro, mas com as orientações do amigo sorveu a fumaça. Primeiro tossiu, depois que terminou de fumar sentiu náusea.

A passagem pelo posto policial era, na cabeça de Quinquim, um sinal de que a casa da Suzana se aproximava. Perguntou se faltava muito para chegar, mas não era vontade de conhecer Natacha, e sim o contrário. Quando Ronardo disse quinze minutos, Quinquim deu vontade de chorar. Pensou em fugir da empreitada. Pediu que o levasse à casa da irmã primeiro, para que deixassem as encomendas. Mas Ronardo disse que não e convenceu o menino

a deixar os ovos, as mandiocas, os pães-de-queijo, queijos e carnes de presente às meretrizes. De boas intenções o inferno tá cheio. Iam gostar muito, e assim Quinquim ficaria tendo um crédito especial na casa. Toda vez que voltasse seria bem tratado e com direito a massagem e lua-de-mel com quem escolhesse, só pagaria os préstimos da donzela e o consumo, o resto era por conta da casa. Quinquim não gostou da ideia, mas à força da persuasão, acabou consentindo. Afinal, o Ronardo do Tõe é homem tarimbado.

Agora sim, o número de casas foi se avultando e cada remessa delas que passava e aproximava agitava mais os batimentos de Quinquim. Ronardo parou num posto de gasolina e encheu o tanque do Corcel. Quinquim percebeu que o homem era conhecido dos frentistas. O que não imaginava é que nunca mais pegaria a rodovia como saíra dela. Do posto Ronardo pegou uma estrada paralela. Bateu com a mão na perna do menino.

– É hoje Quinquinzinho! É hoje que cê perde o cabaço.

O menino riu sem-graça, e apenas resmungou.

– Éhhh...

O status e a necessidade de ser macho ali e nas ruas da Forquilha do Espinho falavam mais alto.

Ao avançar o Corcel pela rua paralela, Quinquim reparou um conjunto de casas rotas e fechadas. Uma delas estava escrito BOITE ISTAR NAITE – ESTRIPE . Sabia que estava num lugar mais estranho e miserável que violento. A imagem

de Natacha sumiu de sua cabeça. Aquele ambiente não condizia com sua projeção física sobre um nome aberto e sedutor.

Um pouco mais e Ronardo quebrou à direita. Quando Quinquim percebeu já estava dentro da garagem da casa da Suzana. O menino queria experimentar o sabor que haveria de ter uma transa, mas um nervosismo exacerbado tomava conta de tudo que era imaginação e vontade. Era um sacolejo forte em tudo que era primitivo nele. Antes de descerem do carro veio de um corredor lateral uma mulher clara dos cabelos tingidos de louro. A calça apertava as banhas da cintura e a barriga sobrepunjava avantajada para fora do cóis.

– Quem é vivo sempre aparece. Falamos em você ontem.

Sem desligar o som, Ronardo desceu e perguntou por Suzana. As samambaias ornavam boa parte da garagem. Havia outras plantas, estabelecidas em latas grandes, quadradas. À porta da sala ficavam dois vasos de comigo-ninguém-pode. Espadas de São Jorge num canteiro de canto perto de uma torneira. Uma roseira com dois bonitos botões e três flores vermelhuscas. Suzana gostava de plantas. A cafetina estava na cozinha se preparando para preparar o almoço. Ronardo quis fazer uma surpresa. Abriu o porta-malas, pegou o saco com o frango e adentrou pelo corredor lateral.

Chegou e a viu de costas, na pia, envolvida com algumas louças. Balançou o saco de maneira que provocasse um cacarejo na ave. Antes de acabar de se virar para ver o que era, Suzana ouviu.

– Viemos almoçar. E ergueu o saco.

Quinquim ficou na garagem, descendo os outros mantimentos como determinou Ronardo. A loura se dispôs a ajudá-lo. As oferendas eram uma alegria. O púbere ombrou o saco com os queijos e as mandiocas e seguiu o encalço da loura que carregava a gamela de pães-de-queijo. Quando chegou à cozinha Ronardo já estava com um copo de cerveja na mão. Suzana olhou para o garoto com um riso de acolhimento e superioridade.

– Então você nunca meteu? Diana, vai chamar Natacha, ordenou à loura.

Natacha ainda estava dormindo num quarto nos fundos juntos com o restante das garotas. Ronardo pediu mais um copo, encheu-o e deu a Quinquim. O chão ainda era o produto da noite anterior. Estava sujo de tudo que pode acontecer numa noite agitada de cabaré. A cerveja misturada com vinho barato derramados pregava e as sandálias de Suzana faziam o barulho da aderência quando se deslocava da pia à geladeira e vice-versa. Quinquim tomou um gole bom e voltou à garagem para baldear a lata de carne. Nunca na vida Ronardo trouxera tanta coisa de uma só vez. Era a felicidade de Suzana. Havia que retribuir.

Depois de colocar a mercadoria no lugar, Quinquim sentou-se, bebeu mais um gole e pediu um cigarro. A espera significava para ele uma infinidade de sofrimento. Não sabia o que fazer, como conversar. Fumava e bebia. Quando dava um trago mais forte e tentava segurar a tosse, para parecer homem, ficava pior, engasgava. Ronardo

olhava para Suzana com ar de uma cumplicidade secular. Depois de alguns minutos Diana voltou sozinha, mas com a tarefa cumprida. Apanhou uma faca na gaveta do armário, passou a mão no saco que trazia o franco e dirigiu-se ao tanque. A água já estava fervendo. Dobrou as asas do bicho para trás, pisou nelas e gritou para que Suzana levasse uma vasilha para colocar o sangue. Ronardo gostava de tomar cachaça e tirar o gosto com sangue e pimenta. Diana sabia disso.

Esperar era a angústia. Em casa, a hora dessas, estaria no conforto de uma vida ancestral.

Natacha começaria o dia tirando um lacre de zero quilômetro. Não era todo dia que surgia um. Quando ela apareceu já tinha a ficha completa de Quinquim. Era virgem, torrão, tenro e, naturalmente, tímido. Era com ela mesma. Saber ia fazer com que ele gostasse. Sua experiência denunciava que não demoraria com ele no quarto. Os principiantes gozam rápido. Presenciou casos de jovens que terminaram o serviço antes dela tirar toda a roupa. Ao vê-la, alta, magra e morena Quinquim não tinha mais nada daquela que imaginara ao se masturbar na noite anterior. O mundo já era outro. Mesmo que saísse dali naquele momento o mundo seria, para sempre, diferente. Apenas o incomodava uma falha que trazia na lateral dos dentes da frente. Tinha também uma cicatriz na bochecha, mas isso passou batido ao superego.

Cumprimentou Ronardo com um beijo no rosto. Quando chegou a vez de Quinquim deu-lhe um beijo na boca. O menino sentiu uma

desestabilização na barriga. Parece que ela quis reclamar uma privada. Mas disfarçou bem e acendeu um cigarro.

– Qual o seu nome? Perguntou Natacha

– Marcos Gervázio Cunha.

– É apelidado Quinquim, adiantou Ronardo.

– Então, Quinquim, vamos namorar? Disse a garota segurando em sua mão.

Nem namorar nem transar faziam parte da memória bucólica do menino. E agora?

– Namorar?

– É. A gente vai lá no quarto, namora gostozinho e volta, vamos? Natacha acariciava a mão já meio trêmula do pequeno. A barriga do menino fez um barulho parecido com um trovão. Diante da incerteza e insegurança do amigo, Ronardo praticamente deu uma ordem.

– Vai lá, rapaz. Tá com medo de quê?

Meio de arrasto Quinquim foi onde Natacha o puxava. Entraram num corredor escuro, insalubre, cheio de portas, todas fechadas. O menino, de mãos dadas com a mulher, não resistia, mas não sabia onde ia desaguar aquela prosopopéia. Ao entrar e fechar a porta do quarto, Natacha pediu que esperasse um momento. Entrou numa porta onde Quinquim supôs ser o banheiro. A barriga do menino dava sinais cada vez mais veementes. Buscava uma saída para as necessidades, mas não encontrava. Natacha voltou ativa depois de cinco minutos, de calcinha e sutiã. Arrancar um cabaço naquelas

alturas da estrada da vida era uma glória. Pediu ao garoto que se deitasse na cama. Meio sem jeito, Marcos se deitou, mas estava desfalcado em matéria de entusiasmo. Ela percebeu o seu nervosismo. Deu uma risadinha e devagar, começou a tirar sua roupa. Quinquim estava resumido entre o vexame e o catatônico. Algo apavorante tomava conta de suas emoções. Quando ela colocou a mão dentro de sua cueca não encontrou nada que pudesse denunciar uma libido. O garoto estava estático. Não se movia e nem piscava o olho, firme no teto. Pegou em sua mão e a introduziu por debaixo da calcinha. Ele texturou e teve a sensação de estar pegando na barba espinhenta do pai. Aquilo não era a boceta. Um desastre grande. Pela primeira vez fazia contato com uma vagina que não fosse da mãe. Mas Natacha tinha o traquejo de vinte anos de guerra. Tirou a calcinha e manteve a mão do rapaz entre suas pernas. Seria bem recompensada por Ronardo. Mexia os quadris e gemia como se estivesse gostando de verdade. O álcool e o novo davam a sensação de que o mundo estava enlodado. Com o esfrega e mexe, Natacha sentiu uma consistência avolumar-se debaixo da cueca do garoto. Desceu a língua pelo peito do rapaz e parou na região do umbigo. Ficou por ali por um instante e continuou a descer. Quinquim sentia uma cócega tremenda num lugar onde não era possível se coçar. Talvez na alma. Abocanhou a juventude apavorada de Quinquim e passou a gemer mais alto. Quando começou a movimentar com a boca para baixo e para cima o dique rompeu. A carroça andou de ré. O menino deu um gemido duro, involuntário, e não conseguiu mais segurar.

Todos os seus esfíncteres perderam a tenacidade. Quando viu o tamanho da obra Natacha deu um pulo para trás, mas não saiu ilesa. Quinquim não sabia o que fazer. Parecia que estava no meio de um pesadelo. Ou no próprio inferno. Natacha começou a esbravejar e a falha nos dentes se avolumava aos olhos do rapaz. Agora a cicatriz tomara um ar de violência. Quinquim não se levantou diante de uma situação catatônica, que só não lhe era abstrata devido à crueza da fatalidade. Enquanto a mulher esbravejava, ele procurava um chão que não existia. No seu mundo tinha vergonha até de ouvir falar em bosta. Venho puro e volto espurcado.

Ronardo se preocupou com o barulho que vinha do quarto, decerto seria alguma patacoada, e foi averiguar o que estava acontecendo. Chegou à porta do quarto junto com Suzana. Se olharam com mistura de surpresa e troça. Depois compreensão, afinal Quinquim era muito jovem e, além de tudo iniciante, carecia uma margem maior de indulgência. A lata de carne de porco na banha, os ovos, queijos, mandiocas e pães-de-queijo amenizariam o acontecido.

Do seu lado, Marcos nunca mais colocaria os pés ali. Se um dia tivesse que voltar ao Paracatu só se fosse por doença sem recurso na Forquilha do Espinho. Enquanto Ronardo foi ao comércio comprar uma muda de roupas para a viagem de volta, ele limpou como pode o colchão velho e canoado do catre. Ronardo ficou sério como Quinquim nunca o tinha enxergado.

Durante toda a viagem, até passar o primeiro quebra-molas na entrada da cidade nada foi dito en-

tre os dois. O melindre do assunto naquele momento era grande. Quinquim trazia na alma uma estrutura frágil, certo de que ruiria. Difícil, em cidades pequenas segurar a necessidade das pessoas em se apontar ao outro qualquer coisa que destoe da estagnação e represa, próprias do interior, mesmo, e inclusive se isso diz respeito a algum âmago de intimidade. O alívio de fulano escapar no vexame do beltrano. Era como estancar o curso do São Marcos com a língua, e Marcos sabia disso. Por todo o sempre a pecha do mancebo acresceu à sua alcunha juvenil a marca da troça. Agora o diminutivo carinhoso do apelido tinha o sobrenome Rabo de Foguete.

Porém, a voracidade dos ataques dos críticos que passam a vida nas praças e lanchonetes dessas cidadezinhas facilitaria a Quinquim Rabo de Foguete o crescimento no sentido de enxergar melhor uma das principais regras da vida. Não existe negociação nem meio termo com o tempo, aquele que impera no saneamento e solução de tudo quanto é destrambelho e intempérie desse mundão velho sem porteira. Alia-se a ele quem aprende o âmago e o âmbito daquilo que se chama paciência!

O VOO DE BEM-TE-VI

Quando o sol mergulhava lá para os lados do Goiás e territórios avantes, o horário de verão ainda não retardava hora de pica-pau dormir. O cata-jecas rompia o morro da Bolívia e deixava o São José grosso com a poeira vermelha da estradinha de terra. As luzes do Carmo já ferroavam, há vinte e cinco quilômetros dali, numa colina onde o Paranaíba ronda com timidez de espessura, e limpo. A lua cheia esperava na coxia sua hora de entrar em cena. Uma gameleira ornava a porta da casa, fincada bem ao lado da casinha dos arreios. O Paiol Queimado era o reino das languitas, e a hora delas era quase agora. À boca da noite elas começavam a saracotear no fundo d'água e competir acepipes com chorões e mandis. Uma vez o Veldemir do Sô Binga físgou um mandizão de palmo e meio, sem mentira nenhuma, num pocinho que tinha o fundo à vista quando era a hora do dia. Paiol queimado é córrego resumido, um inho-ico bem pequenininho, mas farturento em peixe que escorrega.

Hoje Bem-te-vi não dormiria. Dão Tatalo acabou consentindo sua ida numa comitiva de três peões

que tangeriam trezentos bois ao Frigorífico do Salitre de Minas. Os dez anos de Bem-te-vi eram muito poucos para uma jornada desse quilate. Mas Manoel Regino pediu, e além de sócio ele era o amigo. E o menino, apesar de novo, era versado na lida com o gado, foi discípulo do negro Donato. Cansado dos anos de sol, o velho delegava as rezes desgarradas aos cuidados de Bem-te-vi, e não tinha essa que ele não voltasse. Começou com a abrição de porteiras, apartamento de vacas e acompanhamento em viagens curtas, aos sete anos. Era triste ter que ir à escola. Gostava mesmo era de selar seu Baínho e galopar pelos vergéis da infância.

Com a recomendação de que não montaria em burro, o menino partiria no regimento. Já era hora passada. Mas o pouso em Vilela era necessário para adiantar a viagem. Tocariam vinte quilômetros ainda hoje. Decidido de última hora, não haveria tempo para buscar o Baínho no pasto da vargem, estava descansado. E cavalo sestroso quando fica solto mais de mês costuma arranhar os comandos. No pasto da porta tinha um queimado, grande, que pastava a grama estrela. Bem-te-vi ainda não tinha aprendido a confiar em animais estranhos. Mas foi logo convencido quando a turma mostrou pisaduras de longa data no lombo branco do Queimado.

A boiada ia passar a noite no pasto do Neném Barreto, praticamente dentro do arraial. Dão Tatalo ficou na porteira e contou trezentos bois erados, rechonchudos, todos castrados, com exceção de uma meia dúzia. Chagariam no arraial por volta das oito horas da noite. Tempo hábil para o Saracura beber

uma pinga e comer uma rodela de salame e, além disso, jogar uma partida de sinuca no bar do Vladimir. Quando cruzaram a ponte do Paiol Queimado os curiangos começavam a fazer rendez-vous na beira da estrada. A lua ajudava, e um tempinho a mais os olhos se adaptariam à falta de luz. O pai achou melhor poupar Bem-te-vi da empreitada noturna. Misturou o Queimado na boiada e colocou a arreata na carroceria da caminhonete. O menino não podia acreditar que faria tal viagem. O sábado que o esperasse.

Chegou em casa e começou a pensar no traje, nas botas, esporas, chapéu. Só o arreio cutiano não lhe agradava muito, preferia arreio de cabeça, dava mais firmeza num eventual encalço de boi fujão. Mas sua tarefa na viagem seria leve. Porteiras e a dianteira da manada com a bandeira vermelha amarrada à ponta da vara de ferrão. Coisa obrigatória em viagens longas, para evitar acidentes, afinal andariam em rodovia movimentada até chegar ao Salitre de Minas. Não dormiria, não dormiria. Estava ansioso. Foi com o pai checar a chegada do gado na entrada da cidade. Passavam das nove quando o tropel dos bois começou a ruir. Arriscaria pegar alguma venda aberta, mas Saracura achou melhor ir pro seu quartinho. Sairiam muito cedo, por volta das quatro da manhã. Saracura era um negro das canelas finas, com um enorme calcanhar. Melhor mesmo seria passar direto, era ordem de Dão Tatalo. Temia que ele não parasse somente na primeira dose. E era peça importante no conjunto da obra. Sua experiência em viagens longas era a maior entre todos que faziam parte da comitiva. Ivo e Meiquilo

eram tarimbados, mas no costume de ir de uma fazenda a outra levando vacas leiteiras e às vezes umas poucas cabeças de gado de corte. Bem-te-vi!

Acordou com o pai sacudindo sua perna. Quando conseguiu pegar no sono já era mais de meia noite. O café já estava pronto. Dão Tatalo mesmo coara. Era viúvo e a essas horas as filhas ainda estavam no primeiro sono. Fez no fogão a gás para ser mais rápido, e depois de pronto acordou Bem-te-vi. Eram três e meia da manhã, mas o menino estava tão revigorado como se estivesse dormindo desde as sete da noite. Acordou vivo, com um entusiasmo enorme no peito e na alma. A primeira coisa que olhou foi o berrante ao lado da cama. Lavou a cara, vestiu uma calça grossa, de algodão, colocou uma correia de couro, calçou as botas sem meias e vestiu uma camisa xadrez. Calçou as esporas. Gostava do barulho delas sobre o piso antigo e desenhado da casa. O chapéu de palha também já estava no lugar, onde é lugar de chapéu ficar. Ficou bonito, mais imponente e seguro de si que Corisco e Virgulino juntos.

Tomou café, comeu bolachas e arrumou uma quantidade boa de queijo e rapadura num embranal atravessado ao ombro. Quando chegaram ao sítio de Neném Barreto a boiada já estava fechada no curral. Saracura e Meiquilo tinham feito os procedimentos. Faltava Ivo. Sem dizer nada, Bem-te-vi pegou o cabresto e lançou-o ao pescoço do Queimado no canto do curral, o cavalo estrumava. Puxou-o até perto da caminhonete num gramado fora do cercado, amarrou o cabresto no retrovisor

e selou o animal. Apertou bem a barrigueira e a chinha. Passou a barbela do freio. A escola do negro Donato era das boas. Soltou um daqueles silenciosos e puxou o cavalo de volta ao curral.

Dão Tatalo fazia os últimos retoques nas ordens da viagem com os peões, e recomendou mais uma vez que não deixassem Bem-te-vi montar nos burros. Ivo chegou com um bafo enorme de cachaça. Tinha dormido, mas bebeu mais que dormiu. Pronto. Encarregou Saracura de não deixar que bebesse mais. A boiada remexia devagar. Os bois inteiros montavam nos castrados. Seria copulagem ou desafoço, ou atentamento só? O boi castrado, além de não montar mais, tem que aguentar o frege dos outros no lombo.

O patrão foi à caminhonete e ligou o farol para ajudar na contagem. O dia ainda nem se fazia anunciar. Posicionou-se em cima do moirão com uma varinha na mão para ralear o volume de bois ao passarem pela porteira, assim contaria melhor. Deu a ordem para abri-la. Como na noite anterior, somaram trezentos redondo. Desejou boa viagem e pediu cuidado a Bem-te-vi.

– Obedeça ao Saracura, disse. O negro era de inteira confiança de Dão Tatalo.

O aboio do menino Bem-te-vi era encantador. Ia na frente chamando, acalmando, guiando a manada. Um orelhudo vermelho, pendendo para o lado do gir gostava de pisar primeiro, de descobrir o caminho. Parecia confiar plenamente em Bem-te-vi. Os berros de variados tipos marcavam a viagem junto com o tropel e, às vezes, o estalo da pinhola de Ivo. Era afeito a isso, mormente quando passava em lugares como

o São Lázaro, onde tinha lindas negrinhas luzidias. Se visse um ciclista pelo caminho o tiro não cretava. Saracura só olhava com a ponta do rabo do olho. Quando tinha uma cerca de corredor arrombada ou aberta, Bem-te-vi parava ali e deixava que os bois seguissem, mas em seguida voltava à dianteira. Tinha sua obrigação. Achava aquilo meio sem graça, queria o serviço de adulto, lá, na rabeira, pronto para sair no encaço de qualquer rês que se desprendesse do conjunto. Participação na conversa dos peões. Às vezes via um lugar de cerca puída, parava e ficava com os outros até que Saracura o mandasse de volta ao posto de ponteiro.

O cavalo Queimado era do queixo duro, e as esporas o incomodavam sobremaneira. Mesmo sem encostá-las nos flancos do bicho ele se sentia atormentado. Balançava a cabeça, olhava como podia para os pés do menino. Bem-te-vi ficava ainda menor em cima do Queimado. Era um cavalo de porte encorpado. Mas as pisaduras denunciavam uma lida antiga, portanto amansado. O negócio é que cada cavalo tem seu sistema, e o de Queimado não era passivo. Se fosse inteiro já teria tomado as rédeas quando cruzaram com uma eguada do Joãozinho Cortes, pouco depois da Ponte Funda. Os burros iam calmos. Estilingue traduzia a viagem em recompensa quando chegasse a volta. Sabia do capim verdinho que a Bolívia tem, mesmo em tempo de seca, que brota sempre, e não morre de repente. Era um burro bom, encorpado, baio, montado por Meiquilo. A mula Avenida, que Ivo montava, já estava mais pra lá do que pra cá. Fora um pé de boi do boiadeiro Manoel Regino.

Nos tempos áureos chegou a viajar até o norte de Goiás, onde hoje tributa o Tocantins, com uma nelorada que Manoel negociou com um tal Matias Salazar, o comprador mais famoso nas margens do Araguaia. Atravessou rios enormes, quando era necessário retaliar um boi vivo e lançá-lo na água primeiro, para que os outros atravessassem mais em cima, livre das piranhas. Boi de piranha, geralmente o mais fraco da manada.

Já o Saracura tinha sua arreata própria. Laço pendurado à garupa, cochonilha sobre o arreio, argolas no peito do animal e até uma sineta que dava um compasso bonito de uma toada que nunca tinha pressa para chegar. Foguete era um burro preto, espigado, e ainda em repasse. Era a primeira viagem que fazia, por isso estava nas mãos de Saracura. O negro entendia de animal assim. Se tivesse que levar uns solavancos, nem mudaria o semblante.

Quando Bem-te-vi já avistava a rodovia que leva ao Salitre de Minas e é a marca da metade do caminho, um boi mestiço, escuro, arrombou uma cerca e se desgarrou. O que fazer? Pensou o menino. Não tinha como passar para o outro lado para recapturá-lo. Procuraria um colchete, ou uma porteira. Retardou-se e deu a notícia a Saracura. Calmamente o homem desceu do burro, amarrou-o numa estaca de cerca e passou para o outro lado onde estava a arribada. Boi que se desgarrar sofre de desproteção e medo, a não ser que o bicho seja dos brabos de verdade, com herança genética nos cerrados do Noroeste de

Minas antes da década de sessenta. Sem ir muito longe o marruás deu meia volta e procurou o mesmo lugar da cerca que arrombou, para voltar. A viagem seguiu no sossego que requer uma partida de sinuca e uma cachaça com salame no bar do Vladimir. E o dinheiro no bolso, claro.

De repente, Meiquilo avista um rastro grande de poeira do outro lado do espigão. Olha mais apuradamente e vê. É Dão Tatalo na sua caminhoneta branca, com o almoço. Na hora certinha. Antes de a boiada entrar na rodovia almoçariam. Tinha até uma praça recanteada onde a manada poderia esperar sem dar trabalho para reuni-la depois. Antes mesmo de Dão Tatalo chegar, Saracura freou o gado e tangeu o comboio para lá. O lugar era provido de aguada boa, onde os bois e os peões poderiam beber. Dão Tatalo estacionou o carro numa sombra de pau-terra e desceu com as marmitas posicionadas, uma em cima da outra, firmadas por uma haste de metal, ainda quentes. Trouxe na marmita de Bem-te-vi uma coxa de frango caprichada. Não disse nada, mas era em recompensa ao esforço e dedicação do menino. Sobretudo o interesse pelos negócios do pai, em detrimento do desleixo dos outros irmãos. Perguntou a Saracura sobre o desempenho do garoto e depois questionou se Bem-te-vi queria voltar dali. É necas de voltar. O menino estava inteiro.

Quinze minutos depois de almoçarem os peões colocaram os chapéus na cabeça e fizeram um corredor para que Dão Tatalo contasse a boiada. Faltasse algum seria mais fácil destacar dali alguém

para voltar no encalço da rês. Deu trezentos e um. A contagem estava errada. Outra vez. Trezentos. Nem um a mais nem um a menos. Dão Tatalo despediu-se e fez poeira de volta. Era um homem arrojado. Tinha que ir lá nos Catulés buscar uma tropa de peões que mexiam na plantação de arroz, que tocava numa grande quantidade de terra arrendada do Tõe do Merindo.

Na rodovia, Bem-te-vi caminhava, pequeno, no lombo do Queimado, como um príncipe. Gostava quando os carros passavam, para vê-lo garboso. Diminuto ante ao tamanho do animal que montava, com um aparato de homem grande, tocava o berrante como ninguém. Desobedecera a ordem de Saracura para não tocá-lo e executou o sumo do ofício a pedido de um casal da capital que ia visitar uns parentes em Serra do Salitre. Houve tumulto, a boiada desinquietou e a massa uniforme cercou o fusca em que o casal viajava. Saracura vazou pelo flanco direito para ver o que acontecia. Ralhou com Bem-te-vi como se fosse seu filho, tinha ordens para isso. Saracura sabia que não é nada fácil ajuntar uma boiada estourada. Era preciso manter a ordem e a tranquilidade da viagem.

Pediu o berrante ao menino e tomou frente. Fez um toque intercalado entre um agudo nasal e um grave algodão. Aos poucos o comboio se endireitou novamente. Salitre de Minas se aproximava. Chegando lá queria ir a uma venda gastar o dinheiro que o pai deixou com ele na hora do almoço. Um guaraná-maçã. Ôh trem gostoso! Gelado. Desceria como um néctar pela garganta seca pelo pó

da viagem. E pelo gosto que um refrigerante tem na idade de dez anos. Compraria com o dinheiro de seu suor, teria um gostinho ainda mais especial. Bem-te-vi era a fortaleza.

Ao enxergar o rio que banha a cidade, Bem-te-vi achou estranho a cor avermelhada da água. O frigorífico despejava todo o sangue dos abates ali. Um rio caudaloso de sangue punha na imaginação do menino uma sensação de que nem tudo é alcançável nesse mundo. Ainda bem que atravessariam por uma ponte. E era preciso cautela. A ponte era estreita e não seria bom estugar o gado naquele momento. O peso do frigorífico pode ser sentido por algum boi do cérebro mais sensibilizado. Daí o inconsciente coletivo ser extremamente perigoso, até mesmo em bois. Um passo em falso e babau. Adeus pinga com salame. Uma boiada estourada ali seria o caos. Bem-te-vi passou primeiro e começou a chamá-la bem mansinho, sereno, transmitindo calma e segurança. Boi vem... veem....! O boi orelhudo, o gir, cheirava a ponte, resistindo em avançar. Saracura e os outros dois mexiam devagar, na retaguarda do gado. Vai... vai boi! Comprimindo a boiada com sutileza na ponte, de maneira que quando notassem já estaria no grande curral gramado do frigorífico. Bem-te-vi chamava com cautela. Depois que cruzassem a ponte, já estariam praticamente dentro do curral. O cheiro do sangue nas águas provocava estranheza nas reses. Um comportamento condizente com a previsão da morte. A marretada na testa. Mas Estilingue, Avenida e Saracura estavam imbuídos e atentos a qualquer espanto e fuga. Sentiam a tensão do momento e mantinham o controle. Foguete, Ivo e

Meiquilo eram levados pela experiência dos outros. Faltava pouco para a consagração da viagem.

Aos poucos o boi gir foi aceitando o terreno da ponte. Quando deu dois passos em direção ao outro lado começou a correr, como se tivesse algo assombroso embaixo dela. A boiada, compacta, formou um filete brabo na travessia. Refugavam em riba da ponte. Os primeiros insistiam em averiguar o cheiro, mas depois o cheiro dos que já haviam atravessado deu confiança, e é para frente que se anda. Apenas houve correria. A boiada estava entregue. Embora faltasse contar, os peões tinham a sensação de missão cumprida.

A tarde já caminhava para um desmanche lícito. O cheiro do suor dos animais dava ao mundo um vigor de existência. Tesourinhas abriam e fechavam o equilíbrio de um lugar a milhões de quilômetros de distância do mais perto de qualquer coisa. Os postes de energia elétrica sentiam inveja da história dos trilhos de ferro que iam dar na Catiara, oxalá em Moscou. A venda ficava bem pertinho dali.

SISTEMA: CONVENÇÃO SILÊNCIO

“(...) Mas, neste perigoso transe, apresenta-se-lhe Virgílio, Príncipe dos poetas latinos, seu autor predileto, que se lhe oferece para tirá-lo daquela deserta encosta, fazendo-o seguir pelo Inferno até o Purgatório, sob promessa de que lá encontrará Beatriz, que o conduzirá até o Paraíso (...)”

*INTRODUÇÃO AO CANTO 1º OBRAS COMPLETAS
(DANTE ALIGHIERI)*

Ochiado invisível do vento quebra o silêncio numas ramagens de mato alto, umas que a natureza fez em destoadada de um ermo de terra recoberto pela vegetação do cerrado. Um pontinho de nada marcado por copas robustas, talvez uma rebarba da Amazônia que achou de respingar bem no pezinho da serra que leva à Sucupira. Lugar onde o Divino e a Nossa Senhora do Rosário recebem gentes de toda banda quando a seca, já despontada, dá o golpe de misericórdia no mês de Julho. Por lá ia Junorcillo, na marcha lenta do

pangaré de tom pendido para um preto desbotado, de cabeça branca e baixa, sustentando o cabanado idoso das orelhas, quase cochilando e fazendo a sombra simular uma velocidade maior, no cascalho misturado com poeira de beira de carreiro.

Junorcillo tinha em vida nadica de nada do que fosse suntuoso mais que a Romaria da Sucupira. O barulho do forró nas cabanas de folha de coqueiro, onde era vendida a cagibrina. O chão do lugar sustentava as sandálias de couro na dança que levantava poeira e fazia as histórias permanecerem vivas até o ano seguinte. Fulana dançou com ciclano, beltrano com outra vinda lá das lonjuras da Ponte Alta. Mulheres venciam horas coladas à cintura de outras mulheres, que é mania que mulher tem de arrumar parceira invés de homem para dançar.

Era assim. Gente que só se via naquela ocasião e tinha parceria certa para o salão de terra batida. A sanfona pé de bode, a caixa, o pandeiro e o triângulo eram regidos por gente que tinha o gosto da música nas veias. Teve um ano que o sanfoneiro Vantin adoeceu dos bofes e não pode comparecer. Arrumaram substituto de última hora, mas o pagode não foi igual. Vantin era quem tinha capricho na variação do repertório e dos dedos. Com exceção de três paradinhas para tirar a água do joelho e tirar uns tragos no cigarro que trazia pronto no bolso, o expediente era de sete às sete. E tudo na conformidade da paz, salvo algum valente namorado que fora esbanjado pelas mocinhas no mais cedo do expediente, e quis descontar nas garrafas de batidas coloridas, tudo era nos conformes. Até as messalinas que vinham das cidades maiores e faziam a festa

continuar quando as mocinhas se recolhiam às barracas, eram respeitadas e tratadas com algum esmero e galanteio, com o diferencial de estarem ali para ganhar dinheiro.

As mulheres calculavam com exatidão. Ano com roupa verde, ano com roupa branca, ano com roupa roxa, todas com detalhes em vermelho, que é a cor do Divino. Era o evento que o mundo tinha. Nada era maior que a Sucupira. Pode até ser que um vulto de desconfiança desse certa dimensão de lugares diferentes, mas que esses lugares eram dotados de aparelho com um fio preso à parede em que se podia ver a vida em lugares distantes dentro da própria casa, isso nem pensar. Que aquela beleza de lua, farol de heróis bêbados, de volta pra casa, sofria cobiça diferente de encanto e plantio e seria pisada por gente em breve então, nunquinha da silva. Isso é só para o Senhor Nosso Deus.

Junorcillo só ouvia o som dos cascos do cavalo queimado no pedregulho da vereda de árvores grandes e o vento fazendo algazarras em suas frondes. O chiado fresco e vivo, com a aparência de pretensão. Três ou cinco passupretos falando no idiomazinho cheio de festa deles. Mais à frente, depois de cruzar a vereda e o regato que corre à sombra do mato, entrou num trieiro mais largo, com sinais de algum veículo de pneu. Pensou que pudesse ser a charrete do padre Múcio em incursão à capela da Sucupira. Pensou que pudesse encontrá-lo, mas as marcas da charrete e do animal da tração não eram tão frescas assim. Mas afinal, o que o padre faria por essas bandas em pleno setembro?

Não demorou e a última curva desvendou o largo onde choupanas com aspecto abandonado alimentavam o tempo e a solidão no lugar. Afora o padre na companhia do Coroinha e alguns moradores esporádicos da região, ninguém visitava o lugar nos trezentos e cinquenta e cinco dias em que não se festejava. Apeou do queimado na sombra duma canjerana, tirou a rédea do pescoço do animal e a deixou rente ao chão, de maneira que impedisse o rocinante de aventurar-se mais que uns poucos metros em busca da grama mais verde. O animal não andaria sujeito a pisar a corda e golpear o próprio pescoço. Mesmo assim, a atitude era desnecessária. O cavalo sabia que deveria esperar pelo dono para conduzi-lo de volta pra casa. Sabia até da água fresquinha que beberia no regato da vereda, na volta, mas Junorcillo estava há mais de três léguas de casa e, por isso, precaveu-se.

Porém, antes de soltar a rédea, ao colocar o pé no chão, tirou o chapéu de couro da cabeça, colocou seu oco na boca do estômago, colou o queixo onde se faz a junção das clavículas e persignou-se. Depois, retirou um ramo de rosas brancas envoltas num pedaço de pano, deu a volta na lateral da igreja e observou a cumbuca que padre Múcio pendurou na madeira do canto do teto para os canarinhos chocarem. Além do mais, padre Múcio era afeito aos passarinhos. Por vezes, não dispensava a caça, mas desde que fosse oferta de algum fiel, caçar mesmo, não caçava.

À porta fechada da igreja, Junorcillo fez o mesmo gesto com o chapéu, utilizando os dedos da mão

esquerda para a função do ramalhete também, e persignou-se novamente, agora com o joelho direito tocando de leve o chão. Ergueu-se e continuou caminhando mais uns vinte metros, quando se embrenhou num pequeno cemitério parcialmente tomado pelo mato. No centro do espaço havia um pau-terra com duas moradas de joão-de-barro, uma em cima da outra. Um casal das aves fez festa no galho, no galho mais alto, mas Junorcillo não fez muita conta daquilo. Foi direto ao túmulo da irmã.

Jorgilina Mathias Bispo morreu antes de completar dez anos. Junorcillo cumpria ali uma ordem da mãe. Até o ano passado foi ela quem levou as rosas, mas desde que as chuvas foram embora, na primeira quinzena de abril, que deu de sentir dor forte nas juntas. Nem à Romaria, que desde seu primeiro ano de vida participa, ininterruptamente, pode vir esse ano. Junorcillo cumpria com honras o sistema seu, de filho homem. Deixara em casa a mãe mais a irmã com a promessa de que estaria em casa ainda com o sol de pé.

Aprochegou-se do túmulo da irmã. Colocou as rosas em sistema de espera no túmulo do lado e capinou com as mãos as ervas daninhas que tomavam conta das laterais do jazigo. Pegou um feixe de capins maiores e varreu folhas e gravetos que repousavam por cima da lápide. Parou um pouco e leu com respeito JMB – 10/04/45 – 14/09/54. Limpou com esmero o pó de detritos que enchiam a cavidade dos números escritos à mão no cimento, tirou o chapéu e colocou onde havia deixado as rosas. Segurou o ramalhete com as duas mãos e depositou atravessado sobre o túmulo.

Os joões-de-barro quebraram o silêncio de novo, com o repente próprio deles, como se saudassem a luz do sol e de quebra àquela alma forjada nos moldes da severidade sistemática do sertão.

De volta ao encaço do rocinante, teve sede. Nada de achar água. Assim como seu cavalo, pensou no riacho fresquinho que corre pelas pedras da vereda de árvore grande. Fez rumo. Fez rastro e poeira. Na veredinha, deixou que o queimado bebesse à vontade enquanto, agachado à beira do curso da água, intercalava os goles levados à boca com as duas mãos adaptadas para tal e o frescor da água por toda a face, cabelos ralos e nuca. Enquanto se refrescava, observava no barro mole da beira d'água, ao lado, as pegadas frescas de um veado adulto, possivelmente um catingueiro. Sondou com cuidado para além das ramagens verdes, mas só viu o vento, ou o efeito dele. Um passarinho sem nome nem registro no cartório tiniu escondido nalgum lugar denso daquele verde de mundo. Junorcillo não fez conta. Bebeu o último gole, passou a mão na rédea e puxou o animal até o trilho que o levaria de volta pra casa. Montou e só então atinou de conferir com carinho e prevenção a tijubina que nunca saía de sua cintura. Junorcillo tinha desafetos. Por causa da dança no salão de tampa de coqueiro da Sucupira, tinha desafetos. O nome dela é Jaciara. O nome dele é Manel Caranho. Era coisa recente e mal resolvida por conta de mulher.

Na última Romaria da Sucupira, enquanto dançava com Jaciara, moça lá das bandas de cima do Rio Palmeiras, o Caranho deu na telha de inventar umas

provocações. Até no pé do dançador ele pisou. Quando era hora da brincadeira de passar o chapéu e fazer o revezamento dos casais, coisa de descontração e saúde em todo salão de dança desses universos, o Caranho dava um jeito de pegar o chapéu pra ir logo no quadrante onde dançava Junorcillo. Embora a disputa fosse Jaciara, podia nem ser com ela que Junorcillo dançasse que o Caranho dava de atentar o pacificamente do homem. A provocação era explícita.

Jaciara era moleca de uma morenês taluda e espigada. Tinha porte brioso e notável presença, sobretudo num salão de dança naquelas lonjuras ermas do cerrado virgem do norte do Brasil. Punha açúcar na esperança de Junorcillo, mas mais pela ocasião da festa do que para o ano seguinte. Junorcillo, por sua vez, já estava negaceando Jaciara desde a antepenúltima festa. Não que a moça passasse a frequentar o lugar nos últimos três anos, mas que no antes, ainda possuía os cheiros dos cueiros. O caso é que de três anos pra cá deixou a boneca e dava a entender que queria divertir-se com outra coisa. A cada ano aparecia mais bonita, mais despontada, mais farta, mais ofertosa. Via nos homens da Sucupira o único meio para satisfazer um fluxo de vontade que já era irreversível. Seu corpo pedia o que deles podia vir mais brutalmente. No mato, numa moita de espinhos, que fosse! Mas carecia e carecia muito.

Junorcillo via tudo estampado nos olhos e na boca dela. Suas experiências com mulheres nunca passou das ordens da mãe mais o convívio com a irmã, no máximo uma dança com uma nativa na

Sucupira. O experimento teórico com Jaciara foi o terreno mais longínquo que já pisou nessa direção. Mas a tentação de uma mulher no calor dos poros recende por raios evidentes. Junorcillo sentia uma tentação de coragem, desejo e desconforto. Não sabia como lidar com aquilo. Olhava Jaciara mais para os lados do véu e da grinalda. Não via que, algumas vezes, a mulher, travestida nesses estirões serenos se faz corredeiras estreitas mais abaixo. Jaciara era um rio desconhecido por onde Junorcillo queria mergulhar de cara. Rio perigoso.

Naquele dia Junorcillo estava sendo movido pela força discreta de um regatozinho, tal qual o da vereda do caminho da Sucupira. Tal era seu pensamento. Leve e sem cessar, era puxado pela tentação do vestido florido de Jaciara, pela forma como ela o segurava nas mãos e pisava o chão batido, depois rodava mostrando as canelas peludas até os joelhos. Mas o Manel Caranho estava ali para estorvá-lo. Estava disposto. Se era incapaz, ele, o Caranho, de agradar os olhos de Jaciara, então Junorcillo também não merecia. Ciumeira doida a de Manel Caranho. Ora! Manel Caranho já tinha andado até pela cidade. Por que tinha que ser rodado pelo capiau do Junorcillo, um abestalhado que nunca saiu das barras da saia da mãe?

Manel Caranho era famígero por conta de sua valentia. Também não desapeava da pernambucana à cintura. Mesmo em dia de Romaria expunha a lâmina da bravura adquirida com pai, ou avô, que algum dia desceu da Paraíba ou Pernambuco e veio compor a jagunçaria nessas bandas. Mesmo

Junorcillo não estava livre desse sangue nas artérias. Poderiam até ser parentes. Nunca se soube.

O queimado espantava as mutucas com a vassoura do rabo e abanava a cabeça ao mesmo tempo que elas atacavam com força. De vez em quando Junorcillo soltava um tapa no próprio pescoço ou onde elas assentavam e pregavam o ferrão. Às vezes acertava a palma da mão no retardo dela em largar o repasto. Achava aquilo bom, tinha gosto de vingança. A pregada delas doía, eram impiedosas. Em casa, deu notícia à mãe e à irmã do procedimento no cemitério. A mãe sentada à salinha de terra batida do rancho passava as contas de um rosário sem estar rezando. Já tinha cumprido com a obrigação. Em um só dia sequer deixou de rezar o terço e lembrar de Jorgilina. Esteve aliviada com a chegada de Junorcillo. Era como se ela fosse ao cemitério através do filho. Sabia que não voltaria a visitar o túmulo da filha pessoalmente.

Junorcillo desencilhou o animal e soltou. Levou a mão à faca e lembrou que precisa ser afiada. Pendurou o freio do cavalo no mourão da porteira de madeira roliça e, mais adiante passou a mão numa mangabinha que vira cair a caminho do terreiro. Um casal de patos rebolava no espaço de sol que restava no pátio da casinha de barro e bambu, caçavam um pitéu qualquer para levar o bico. O homem apanhou uma cuia em cima do jirau e deu dois passos até o rego d'água que passava à porta da cozinha. Lavou as mãos, encheu a cuia d'água e sentou na raiz de uma mangueira, que sombreava uma área grande, onde ficava a pedra de amolar. De vez em quando parava de amolar a faca, passava cuspe nos pelos do braço

e estava se a faca já estava no ponto. Enquanto não raspava cabelos não estava no ponto. Fazia isso quase involuntariamente. Seu pensamento estava fisgado no Caranho. Desde quando levantou acampamento da Sucupira no meio do ano, não conseguiu se livrar da vontade de furá-lo.

Lembrava de como intervinha na sua dança com Jaciara e a maior raiva estava voltada para a pisada que deu com as botas em seus pés calçados por alpercatas. Pisou e ainda rodou o pé por cima, como se quisesse esmagar. Naquele dia refreou os impulsos por causa de Jaciara, e do respeito ao padre Múcio. Do jeito que olhava, a moça queria ele. Mas o Caranho o infernizou tanto que não deu jeito de a conversa se encaixar. Foi até que a tia de Jaciara, que a acompanhava no salão do forró quis ir embora. Já ia dar meia-noite e a hora ia dar passagem a uma nova fase, mais ligada à devassidão, embora com o devido respeito e camuflagem por conta do rigor do padre. Mas que havia, havia.

Quando Jaciara foi embora, Junorcillo ainda quis tirar satisfação com o Manel, mas a turma do deixa-disso entrou em ação. A Sucupira era lugar de boa conduta. O peso desse histórico assentou sobre as costas de Junorcillo. Se fosse por conta do Caranho tinham resolvido ali mesmo. Caranho era homem sem crença. Ia à Sucupira por causa da indaca. Via em Junorcillo um menino de 35 anos, mimado. Enganava-se. Era como a brasa dissimulada pela fuligem do carvão, mas que se assoprada, queima.

Antes de servir a janta a Junorcillo, sua mãe diligenciou uma incumbência para o dia seguinte. Havia que providenciar a gordura. O óleo de ma-

mona e o de coco findaram, então deveria buscar a banha de porco na venda da Boa Sorte logo cedo, de modo que chegasse com o produto em tempo para se fazer o almoço. O dia amanheceu com um corpo a mais de nuvens. Eram os primeiros sinais de chuva depois de longos meses de estiagem. Mesmo assim Junorcillo caminhou em direção ao pastinho onde estava queimado. Encontrou o cavalo à beira de uma antiga cacimba, cochilando. Ao notar a presença de Junorcillo o animal olhou pra trás e voltou a cabeça em seguida, permanecendo imóvel até que seu dono colocasse a rédea e num impulso, passasse para o lombo do animal. Quando sentiu o peso do homem, o cavalo deu um gemido e obedeceu aos comandos do cavaleiro. O animal estava muito velho. Durante anos labutou naquele pedaço de mundo. Ora com a carpideira, ora com Junorcillo, pra lá e pra cá, subindo e descendo morros, principalmente a Serra da Sucupira.

Paramentou o animal e certificou a existência da pajeú à cintura. Pegou o dinheiro amassado com a mãe e fez rumo. Nos últimos três dias a raiva de Manel Caranho aumentara, mormente quando vislumbrava a solidão e pensava que dela, Jaciara, podia dar cabo. E que, se estava assim, foi pela intromissão abusada dele. Junorcillo intercalava esse pensamento com o das obrigações. Assim que caíssem as primeiras chuvas já era tempo de preparar a terra para o milho, o arroz, o feijão. Cada um no seu lote. A propriedade era pequena, mas era escriturada e dava para o sustento, sem ter mais com que se preocupar. A vida era assim.

De vez em quando queimado tropeçava numa pedra mais protuberante ou num pedaço de pau. Noutras vezes soltava as bolotas de estrume sem mudar um quê de feição ou toada. Não fosse o odor nem era de ser notado que o cavalo estrumava. Foi esse o ritmo até o pé da Serra, onde bifurca o caminho pra Sucupira e tem o trilho para a Boa Sorte. De sorte que mais adiante, Junorcillo vê um outro cavaleiro marchando em sentido contrário. Porém, a lonjura não permitia a identificação. Dava pra ver que era um animal claro e bom de sela montado por alguém de chapéu, mais nada.

Sem querer saber quem seria, Junorcillo fez a curva pros lados da Boa Sorte. Estugou devagar a montaria até um pequeno rompante, mas estacou de sobressalto o animal. Será? Um lampejo dava a Junorcillo uma pequena certeza, quase exata. Aquele cavaleiro que avistara só poderia ser o Manel Caranho. Deu a volta no queimado e chegou novamente à esquina da bifurcação. Não precisou nem forçar mais a vista para certificar-se de que se tratava de seu desafeto, seu único desafeto. Aquele por quem Junorcillo se desenquietara nos últimos dias, nas últimas semanas.

Esperou com o peito conciso, dotado de um sistema que nunca deve nem pode ser ultrajado. Que tudo nesse mundo tem solução. Desde que teve o pé e a moral espezinhadados, no fundo, não foi mais o mesmo. Pisar o pé de Junorcillo daquela maneira é como passar a mão à sua bunda, o mesmo que chamar pra morte ou xingar sua mãe. O filme voltou com mais força à cabeça de

Junorcillo. A humilhação na frente de Jaciara e dos outros. Coisa que tinha que ser resolvida. Se Manel Caranho percebeu que era Junorcillo que o esperava, pelo menos aparentemente não mudou a feição nem a toada do animal. Sua reação foi apenas a de sentir, em silêncio e sem tocá-la, a força da lapiana.

– Tem uma continha pendente comigo, tá lembrado?

Caranho freou o cavalo baio com força e o animal reclamou agitando a cabeça de um lado a outro, era um potro, estava ainda no repasse.

– Conta com menino a paga é diferente.

Junorcillo desabotoou a bainha da faca comprida e afiada, e à medida que descia do queimado resmungava alguma coisa sem entendimento aparente, era a solicitação prévia de uma remissão de pena do lado trabanda do mundo. Não havia mais o que ser feito em matéria de flexibilização ou arrependimento.

Caranho também balbuciou uns sons de difícil compreensão, semelhante a uma oração, mas parecia que o que clamava não era a Deus. E já apeado, abandonando o animal ao Deus dará, disse:

– Neném quer leite?

Com dificuldade, Junorcillo conteve o ímpeto de arrear o bucho de Caranho sem mais refregas. O medo, que já não fazia parte de seu parco vocabulário há bastante tempo, naquela hora cedeu todo o seu lugar ao gelo no sangue.

– Medida de macho se tira com boca fechada.

Junorcillo falou e caminhou o resto do trajeto ao recontro em silêncio absoluto. Havia ali um entendimento de que tudo seria consumado sem recuo de ambas as partes, uma espécie de fidelidade a uma convenção absurda e cruel. Chegou bem perto de Caranho com as mãos ainda limpas de armas, todavia, num arranco puxou a ponta da camisa do inimigo e atou à sua, já preparada para o nó cego. Com gestos bruscos fez o amarrio cruzado de ponta com ponta. Enquanto amarrava Caranho mantinha o silêncio e o sangue nos olhos, agora, de todo vermelhos.

As armas ainda repousavam nas respectivas bainhas. Se olharam com firmeza e certidão. Cada um dentro da sua turbina de razão. Cada um reduzido ao calibre da testosterona. A frieza lhes permitia a meticulosidade na ação. O olho daquele via o escuro do mundo, os olhos do outro via um alívio num desfecho fatal.

Puxou, puxaram, cada um a seu tento, a matadeira.

Nenhum dos dois pensou, ao menos um décimo de segundo, em desistir do recontro. Não houve também, em ambos, a defesa. E vice-versa, e vice-versa.

Um tempo depois e a raiva deixou de existir em Junorcillo. O pensamento já esfumaçado viajou ao salão de dança da Sucupira, veio os cabelos anelados de Jaciara, seus vestidos coloridos, sua vontade de se casar e viver com ela num ranchinho perto da casa da mãe. A roça, os filhos, um rádio que queria comprar pra ouvir com ela de tardezinha.

Caranho, mesmo assim, conseguia manter a feição fria, nada que fosse arrependimento ou sofrer

fazia parte de seu semblante. Nem sequer apressar a morte queria. A vida afora um ritmo constante e uniforme para ele, não era ali, naquela hora, que mudaria a toada. Aos poucos tudo se aquietou no silêncio grande das veredas do cerrado.

O potro baio desconfiou da existência de uma ponta verde de grama pros lados de dentro do cerrado ralo que circundava ali e dava aspecto de privacidade a tudo que acontecia. Enquanto isso o queimado, com o beíço inferior caído, meio cochilando, com o pescoço pendido para baixo, espantava as mutucas com o chicote do rabo. Buscou forças lá nas profundezas dos pulmões e soltou bruscamente o ar pelas narinas. Enquanto cochilava, descansava uma das pernas. Esperaria pelo seu dono, como fizera a vida inteira.



COMPOSIÇÃO PARA PORMENOR DE INTIMIDADE

De dois dias para cá o sol tomou uma feição de astro-rei em meus ares. É assim pelo nome, mas palavras não sabem estampar certos recomeços de significação. Uma luz carregada de si, clara, com uma medida que orla as águas da exatidão e tempero entre os terráqueos. Pode até ser que, quando começou a forjar significados no bestuntinho tenro de meus inícios, tenha capturado um valor que agora me é imprimido, mas que na lembrança nada do que vejo é marco. Não pergunto mais. Sou da família dos astros. Tenho o mesmo sangue da estrela.

A semântica em mim explora um terreno repleto de abismos. Sou seduzido pela margem que não se vê. Sempre me atraiu o não dito. Estrada é coisa que inventaram de colocar na cabeça de quem deposita na crença do haver. Aonde vou não tem remédios que amenizam sua falta. Subverto tudo perante mim mesmo. Gosto do detrás.

Nenhuma farsa me atrai. Mas finjo. Juro saber de uma coisa que, descobri, não há. A palavra existência me leva ao vão da atmosfera. Corpo é coisa que perde fora de geladeira. A força da gravidade me remete a Jean Paul Sartre. Vivo. Depois volto a um lugar de onde nunca deveria ter saído. Assim o fosse, seria. Venho de um tempo que foge de vista. Sou parente do crocodilo. Brinco de esconder um jogo sem regras, logo, sem trapaça. Ancorado numa estátua, vejo nada em estampa. Muros são construções. O porvir é um gancho onde penduro minhas cócegas.

Uma moça de cabelos castanhos ondulados vê minha posição de leopardo. Olha-me como a rolinha à quirela no terreiro. Bebo uma dose de renovação e suspiro leve, sem um átomo de culpa ou nada. O passado é uma peça de museu. Equilibro-me entre uma música para órgão e trompete e um vinho de safra apetecível. Meus olhos se contentam com uma porção delas em duas mesas juntadas. Cinco ou seis, não sei. Ela chegou depois. Vestidos escondem o mais soberbo de Vinícios. Ensaiam um balé que me remete a Bourlemax.

Olhares seguros me levaram a outra taça. É meu último dia na cidade. Uma homenagem póstuma do governo a meu pai me fez deslocar mil e quinhentos quilômetros para o sul. Comprei um volume de F. Scott Fitzgerald num sebo do centro. Quando ele pediu a Deus, aos onze anos, que não permitisse sua ida com a família para um asilo de pobres, ainda acreditava no sucesso. Percebo que a moça mostra-me, entre lances e relances, o branco

rendado da calcinha sobre o escuro dos pentelhos. Vejo lençóis em seus olhos. Ela é um galho que traz uma penca de pitangas maduras e balança com o vento. É o que Vinícios fez de mais belo.

O rejunte de quase duas garrafas de vinho seco me levou a uma pequena nostalgia. Meu pai me veio ao pensamento como nunca viera. Sua morte ficou bem resolvida em mim. Senti saudades boas do tempo em que dormia na sua cama. Perguntava a ele se já tinha dormido e ele dizia que sim. Então eu dava boa noite e fechava os olhos com a segurança de uma soma de dois e dois. De quando cruzamos a fronteira de um estado pela primeira vez e ele parou o carro para me mostrar. Nesse dia descobri que o mundo não tem nenhuma fronteira. A cerimônia de homenagem foi bonita. O secretário fez um discurso longo. Depois ele se sentou em minha mesa e falamos sobre A Serpente e o Gavião.

Queria chegar logo ao quarto do hotel para folhear o Grande Gatsby. Pedi mais uma taça de vinho ao garçom. Sem pensar em nada, me veio à cabeça o aglomerado poético que é o mundo. Um abstrato, de concreto e máquina, gente. O mundo é o negócio da coisa. Sou mesmo é amigo dos galos. Madrugada digere tudo. Nela preencho lacunas do peito aberto. Não desconfio mais. Vejo grande diferença no semelhante. Tudo motiva um não querer fim. Para mim é assim. Quando o bolero da cigarra estreita a despedida do inverno. Quando Carmem do Bizet. Mas tinha um outro no caminho, disse um misto de Sartre com Drummond. Drummond era inquieto. Nunca se contentou até o suicídio.

A moça olhou o vinho findando na taça e desconfiou que eu ia embora. O hotel fica quinze minutos daqui. O clima está bom para uma caminhada assim. O voo de volta está marcado para as cinco da manhã. O garçom trouxe a conta acompanhada de um bilhete com um número e os dizeres, QUANDO QUISERES. Me pareceu de um telefone fixo. Coloquei o bilhete no bolso do paletó e fui embora sem olhar para trás.

UM BALTAZAR, O GLADIADOR

*“(...) Ah! Deixai que o vosso coração
se entorneça ante o espetáculo das misérias
e dos sofrimentos dos vossos semelhantes (...)”*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Fora o sério requerido pela labuta dura de um pai mais disposto de sublimar algo consistente aos filhos, vida de molecada não tinha calos. Depois da escola a festa estava pronta. Ora na bola de gude, quando não era tempo de figurinhas ou bete. Ora no campão. Manoel conhece Joaquim, primo de Elias, colega de Sabará, amigo de Bananeira que é vizinho de todos. Cidade pequena, como é o costume de conhecimento entre os apenados de uma epopeia resumida entre igreja, horta de couve e botecos, quase todos do Tõe. Alguns fundos de quintais. A bi-disposição sexual exposta no descobrimento de todo começo. E nesse mundo que é vasto na conotação e encurtado quando denota, embora no mesmo

codinome, Baltazar se digladiava com os miasmas que o próprio homem cria e esconde a mão.

– Papagaio de Carvoeira. São Benedito. Pau de Fumo!

– À puta que o pariu, óhh desgraçado!

Era esse o diálogo “sensível” e “delicado” na via crucis da vida do negro.

Depois de beber meia garrafa, Bata, como era chamado, não era mais o negro robusto e bom de serviço que se apresentava na lida. Era a lida o chamado justificado. E, bobo, bebia cada vez mais. Morreu novo. Passou a reclamar cova com maior afinco depois que Júlio Mourão deixou em definitivo a herança aos seus, menos para ele. Dormia com uma tal Lena do Tinerso, mas somente quando recebia a aposentadoria que Mourão lhe facilitara. O outro ficava para a cobra de vidro. Como tinha alimentos e dormitório na casa de Júlio Mourão, não se preocupava com os ademais. O salário dava quinhentas e vinte pingas avulsas. Gostava era dela. Não vinculava cerveja nos balcões da existência.

Seu quartinho ficava anexo à garagem. Era lá que dormia e se protegia do medo da chuva. Cobria-se todo e assim ficava até passar a mera ou tempestuosa descarga d’água. Ao lado do quarto era o depósito de grãos que Julio Mourão colhia a esmo. Sem goteira, sem nada. Um conforto bom para resguardar seus passos descalços.

– Urubu. Tifuco. Não havia poupamento ao desacato. O mais forte na covardia com o aparentemente mais fraco.

A venda do Zetí era a praça que Bata gostava de se recantear. Júlio Mourão pediu a todos os vendeiros que não servissem mais cachaça ao negro. Sentia que a cachaça tinha mais poder de comando em Bata do que ele e os ares da saúde. Mas mesmo assim serviam. Além do lucro, gostavam do temperamento do negro depois que suas antenas passavam a captar sinais do fantástico invisível. Conluíus e vínculos com outrora. Áfricas distantes. Anormamento. E dos males o pecado, era disso que as pessoas gostavam. Criara pecha folclórica. Bata subia a rua para seu cômodo e as provocações disparavam. Como o mal feito está no respaldo, povo gostava era da indignação da pobre alma. E nunca falhava. Um xingamento apenas e a resposta já estava pré-moldada, na prontidão da ponta da língua. De olho naquilo, como circunstância assim não tem força de contragolpe, a família de Júlio Mourão, para tentar resguardar a criatura, achou o único paliativo. Responder era munir a artilharia. Então orientaram e Bata prometeu a todos e a si mesmo que não revidaria, que sendo assim, as afrontas iam parar. Pôs sentido naquilo. A amolação da zombaria já era pano de fundo perene na estrada descalçada dele.

“Diavaidivem” e a pasmaceira tomava conta do todo do dia, como é comum em dias quaisquer em interior comum de vida. O tom do repique de uma viola onde não passa rede ferroviária era aguardado. Uma quebra no ciclo de mera vila onde noite e dia são tudo, quando nem chuva rompia mais um cabaço nascido bem antes de Guimarães partir para a “ignorância”, e ver sumo nela. Uma patacoada, algo que viesse a tirar a monotonia do que se insistia em dizer vida. Quiçá escada do eterno, até que o sol se ponha de vez no horizonte do que ficou conjurado

por não ter aonde ir. Era Bata. Atabaque de batuques históricos. Fosse amamentar a soma do que é o mais e mais das coisas, era dele a razão. Os outros do lugar sustentavam uma espécie de bobo-alegrismo e apaziguamento. Mas, muitas vezes, razão não tem tutano para peitar o condicionado coletivo. Mesmo que seja este o cerne da estupidez. O que não assimila, insana. Sempre é da maioria a sentença social. Porque padrão é quarto onde se deita com o ordenamento. E ordem é coisa que amoita a própria definição, sobretudo quando a navalha de Machado vem à face. O sistematizado resolve o anexo da falta com portarias e outros anexos. Já o sistemático, sofre.

Bata era herói em defender a dignidade de sua casta nativa. O grande, num genótipo remoto de autoctonia. Sustentava isso a um custo cego. Nagô. A mais forte raiz dissolvida no percurso religioso do navio negreiro.

Mas foi. Não revidaria. Passaria calado pela arena de seus dias até chegar em aconchegos e cobertas. Aos poucos a tregua surgiria até que o povo vitimasse outro para ser o cristo. Assim cogitavam os Mourões filhos. A família postiça dele. Foi o que arregimentou em defesa, norteadada por quem dele tinha proximidade e afeto.

O mês era avante. Já quase para o nunca mais quando o retrato foca no ineditismo do dia. Dinheiro pouco. Vontade muita. O boteco do Zetí era também onde revia todos os que moravam fora e retornavam de férias, buscando o lenir o desacorçoamento de alguma portaria de prédio, hotel ou posto de senado em Brasília. O Bida, quando vinha de férias, tinha lugar reservado. Gostava de uma mesa de canto, mais

afastada da banca de sinuca. Tomava um wisk de nome Malte Nobre, o melhor que havia no lugar.

Bata tinha ido às papa-terras. À beira do tanque de lavar roupas, escamou, limpou e embalou para a geladeira. Levaria duas de bom tamanho à Vóviana. Era da sua estima, a velha. Passava dos noventa e não tinha medo de espinho encrespado em garganta. O gosto suplantava o medo.

– Bem fritinha perigo num tem, meu filho.

Não sei como mastigava. Era de dentição precária. Sua passagem pela vida não foi coisa de mero doutorado, não. Era a Vóviana. Receitava, benzina, predizia. Merecia a regalia. Olhos que eram mais para serem vistos do que para ver. Traziam tantas lendas e histórias que nem cabiam no globo ocular. Perto dela podia-se sentir quantidade diferente de presença. Era consolo e rigidez. Guiava e sabia guiar aquele lugarzinho sem nome na confluência do Tocantins, Bahia, Minas e Goiás. Autoridade até entre as autoridades políticas e econômicas do lugar. Vóviana!

Bata sabia da dimensão de seu poder e virtude. Mas a ele, além do mais, era mãe. Se o chão lhe ganhava aspecto de areia movediça, sentava-se com ela. Não falava das angústias, mas ela o sabia precisar. Abraçava a cabeça dele com as duas mãos e a recolhia ao peito. Como faria sua mãe se estivesse viva. Vóviana aprendera bem cedo a lidar com as carestias do mundo. Especializou-se bem cedo em resignação e foi daí que tirou a confiança que depositava em Nossa Senhora do Rosário e nos Três Reis Magos.

Lecionava seus ensinamentos ao pobre homem enquanto ele tinha a cabeça recostada no afeição dela. Falava com a voz calma e firme, deliberativa. Passava no tom e no semblante sério toda a dignidade do mundo. Bata trazia por ela um silencioso e profundo respeito.

Quando a velha estava no leito de morte, conduziu o caçula de Júlio Mourão para que fosse vê-la. Era pedido dela própria. O caçula era diferenciado. Nascera sabendo e exercendo respeito e educação, parecia naturalmente mais evoluído que os demais irmãos. E ele foi. Para sempre guardou na lembrança uma figura esquelética e ao mesmo tempo confortável, com olhos que davam a impressão de coragem e conotavam uma individualidade reservada onde não mais importavam a opinião, a vaidade, as fraquezas ou o sofrimento seu ou de quem quer que fosse. Os vales da face que se encontra nos registros de Euclides da Cunha ficavam mais impressionantes à medida que se dirigia à idade adulta e se distanciava da cronologia da cena.

Ao entrar no quarto ela deslizou um braço sobre a beirada da cama e o chamou. Em estado semiterminal, já com a voz escassa e sumida, o jovem pôde ouvir dela os termos coração bom e caminho aberto, antes de ela colocar as mãos em sua testa e referir reverência aos Três Reis Magos. Ao final o jovem beijou sua mão e teve dela um sorriso cristalino o qual nunca mais encontrara em ninguém. Mal sabia ele que ela também jamais sorrisse assim a outra pessoa.

Na volta da casa de Vóviana encaminhou o garoto pra casa e tangeu rumo. Zeti ficava no caminho. Apalhou o bolso e lembrou de uma cédu-

la amassada de um real que trazia consigo. Fez a curva da rua de forma gravitacional, sem sentir nem muito querer, como se fosse imã o balcão da venda, e ele o ferro bruto. Estacou diante do vendeiro e pediu uma fininha, que é o modo de todo o mais fácil. Ao invés de uma fininha, Zetí veio com uma lapada. Queria derrubar o desacorçoo de Bata numa gipada só. Mandou o beirão e secou o copo americano meado. De forma que ela desceu, seus mandamentos de bestunto claro se transfiguraram. Apoiou o cotovelo no balcão e enxergou Bida lá no canto, com um copo cheio de Malte Nobre. Vix, um copo cheio. Daquele jeito era um homem rico, que se tornara inacessível aos sobreviventes da alta-baixa tensão que é o tempo nesses lugaresjos. Nada falou, nada. Pagou duas. Nada mais havia que detê-lo na segunda dose. Um real eu tenho. E pago! Ninguém me deixará no regime do deusdará. Sacio além da conta e pico a mula. Cana é o sólido da vida. Seu produto engarrafado é a abstração. E do sólido estou cheio. Remoía assim. A recusa, por parte do vendeiro, em servir a segunda dose iria com Bata à peixeira que sempre trazia à cintura. Nem dúvida tinha. Bida observava do canto do boteco.

Suas jornadas na burocracia dos papéis de Brasília fazia-o sentir saudades de tudo e de todos. Foi embora menino tentar a vida na capital. Venceu. Hoje tinha uma aposentadoria substancial se aproximando a olhos vistos. Filhos criados e um bernal para pesca. Que mais há de desejar um homem que conheceu horizontes parcos na infância? Depois da segunda dose Bata começou a soltar frases desconexas.

Seus beijos eram de brilhos brutais e feridos, por vezes. O já sinal de inchume do hábito que fica para trás e cede lugar ao vício. Alguma feridinha nas orlas avermelhadas, emolduradas pelo ébano das bochechas com duas covas fundas.

Um ciclista viu que a chumbada fazia fundo no equilíbrio da criatura e parou na porta. Apoiou o pé no grande degrau da entrada da venda e outro no pedal e ironizou.

– Tem aí picolé de piche?

Maldade de gente às vezes avança os limites. O perverso! O pobre homem só queria desafogar um rio muito forte de exploração e violência que trazia nas longas estradas de suas veias. O desacato fazia a cachça subir no último degrau e embarçar ainda mais os dutos do raciocínio daquela pobre alma. Ainda assim, lembrou do conselho que os filhos de Júlio Mourão lhe dera. Calara. Engoliu a contrariedade a seco. Sem dinheiro, pensou em ir embora, porque fiado era coisa de cisão muito anterior. E possuía brilho na cara, não insistiria. Amarrou direito a calça com o cordão de bacalhau e benzeu rumo à porta.

– Sirva mais uma para o Baltazar, Zetí.

Berinjela estacou. Nem na casa de Júlio Mourão as pessoas chamavam o negro pelo nome de batismo. Olhou lá no canto e viu o Bida de antes, do jeitinho de quando foi embora tentar a vida na capital. Também era negro. Eram amigos de troca-troca. Espetou um pedaço de queijo num palito e ofereceu ao conterrâneo. Ele recusou. Bebeu a pinga e agradeceu. Acendeu um cigarro e escorou novamente no balcão. Zetí olhava a saudade dos dois esvaindo-se

e tornando a tentativa de igualmente vesga. Foi à prateleira e lançou mão a um pedaço do fumo de rolo forte. Era um mata-ratos que não dera saída na venda. Ficava ali, num canto de prateleira, já velho e seco, daqueles que em se tragando, fica mais forte que o maior desgosto. Queria mostrar os meandros de uma sacanagem petrificada pelos arautos da rotina ao Bida. Preparou uma palha sem-vergonha, picou um tanto bom e enrolou um cigarro retacado e robusto. A essas alturas já tinha outra dose no balcão.

– Fiz esse para você, mas pode tragar com vontade. É tão fraco como uma cana de milho seca.

O fumo era daqueles de dar nó na garganta. Bata estava era atolado no boteco do Zetí. Não tinha mais o mundo lá fora. Depois da quarta dose degradingolou para o lado do sussurro mulambo. Zetí riscou o fósforo e levou ao pito na boca do bêbado, fazendo conchas com as mãos para cercear o vento.

– Traga, puxa... traga! Disse com a expectativa de um riso sarcástico à boca.

O negro atiçava de forma a fazer mais fumaça, mas estava embriagado, não conseguia. Zetí pegou o pito com a promessa de arrumá-lo. Levou à boca, bombou bastante no bico da fumaça de forma que a brasa se acendesse e o deu de volta a Bata.

– Quero ver se você traga de fato.

Bata encheu a boca de fumaça e tragou. Ao puxar fazia um chiado com o ar para dentro até encher os pulmões. Repetiu várias vezes o ato, até que o pito se apagou depois de queimar mais da metade. Bida ria baixinho daquilo. Não podia

imaginar o quão danificado ficariam o pulmão e o coração de Bata pouco antes de morrer. Desconexo, Baltazar não tinha mais caixa para nada, a não ser limpar o trilho caso conseguisse ir embora. Picou a mula. O mundo conjeturava uma cama e um colchão. Um alento. Deu dois passos cambaleantes e fez curso à caminhada até sua casa. Só queria deitar e sonhar com a Lena do Tinerso, até o próximo salário, quando iria a sua casa fazer uma barganha de agradados. Ao caminhar mais um pouco visualizou desfocada uma rua estreita cheia de pessoas nas portas das casas, que gritavam.

– Olha o Melro! Madrugada. Luterking. Para aquela gente Luterking era pejorativo também. Madrugada também, acaso o sistema pejorativo não fosse a tônica de tudo que o denominasse naquela hora. Poderiam chamá-lo de Luz do Dia que, ainda assim seria um agravante. Os desacatos ecoavam pela zonzura das quatro talagadas de cachaça e ribombavam nas entranhas de sua hombridade. Mas mantinha-se calado, era o conselho. Quanto mais demonstrava desdém mais era atacado, afligido nos flancos. Seus algozes sabiam que o estopim tinha um fim.

– Cê cai, óh tiziu!

– Sou mesmo, sustentava com o cúmulo de um disfarce que atende à uma convenção absurda. A todas as provocações só dizia “sou mesmo”, e às vezes, “obrigado”.

– Apagão. Bata respondia sim com o “i” prolongado.

– Penteadeira de Puta!

– Às suas ordens!

Cada lado da rua fazia um revezamento de insultos. À medida que o crucifixo avançava no corredor polonês, e o homem se digladiava numa turba embaçada de gente dos dois lados, coisa que nem parecia o plano da realidade palpável, o sarcasmo suplantava a si mesmo. Os que estavam dentro de casa saíam para assistir e gozar do banimento da condescendência numa luta sem regras e de grande desproporção. A crueldade lícita da insensatez social.

Os meninos com pastas nas costas e as meninas de famílias desprovidas de dinheiro, com os cadernos encapados com sacos de arroz ou açúcar, firmados na barriga e abraçados com todo o esmero na ternura do peito, voltavam da escola.

A vontade de ver o negro perder as estribeiras avançava o marco de todos os limites. Limite é coisa que pessoas todas foram demarcadas dele, embora nem todos o enxergue. Bata também.

– Lá vem o Breu!

– Urubu!

– Oiii! A senhora, vai bem? Dizia com o estopim queimando a priscas eras.

– O Pau de fumo está que nem um gambá.

– Picolé de Piche! Picolé de Piche! Repetiam em coro.

Depois de tropeçar numa pedra protuberante do cascalho grosso da rua arregimentou lá do fundo uma réstia de nobreza e não mais teve argumentos condizentes à sua natureza. Ora! Em outras épocas fora Bri-

guello, um negro teso que fazia a guarda de gente encorpada e era respeitado pelas matriarcas da família. O codinome Bata, que era resumido ao carinho parecia, naquela situação, fazer referência à ação do verbo.

Se entrara pelo beco largo do alcoolismo, isso não dava a ninguém o direito de retirar de seu sangue o que herdara do grande e saudoso pai, homem forte, das canelas afiladas, assentadas ao meio dos pés de forma a ficar com protuberante calcanhar. A mãe, conheceu pouco, mas foi pela honra dela que se dirigiu aos seus algozes. Como um gladiador que vai à arena com leões, misturou todo o acumulado à dignidade que nunca perdera e vociferou em tom forte e rouco, semelhante ao do seu tio Izé Mizael.

– Picolé de piche é a puta que o pariu, óh desgraçado!

A GAIOLA E O PASSARINHO

Haverá uma vez? Para quem tem o que contar, sempre. Se não, é só a fila do açougue que compete, desleal, com um ainda eventual será. Sim, porque a cabala e o homem sofrem de identificação e vesgueira, respectivamente. A carne e a estupidez são evidentes porquanto prevalecem sobre toda estética. Quando um eu qualquer dispensa futilidades, não passa de uma cisterna sem lençol, que fosse melhor não acontecer. Tem gente que descobre água com um ramo de goiabeira. Tem gente que espera, calado, nas periferias, sua vez de pagar a conta do açougue, feliz por encontrar uma costela carnuda. Equilibram o resumo do mês com uma projeção de trepada. É assim. A feira, o supermercado, o bolo de aniversário com chapeuzinho e apito. Depois rejeitam no peito uma força enorme por ter vivido honestamente, como se a honestidade e a devoção fossem os critérios da vida. Gentes. Alguns. Outros. Iguais no desequilíbrio de uma resposta que não acontece, nem acontecerá.

Têm os que, supremos, entram no caleidoscópio de um cotidiano a vapor e respiram para segurar as divergências entre a indigestão do silêncio e o protocolar. Sentenciam desconhecidos, mas são também sentenciados. Cumprem prisão perpétua e dominam a grande cadeia dos órfãos. Pedem benção a seus pais e gostam, veladamente, de sorvete de morango bem docinho. Dr. Reinaldo Gonçalves de Magalhães era assim. E não desconfiava que a vida oferecia a ele somente o que os outros queriam. Gostava de vestir a camisola em sua cadelinha quando recebia visitas à noite. Júlia era a filha de quem mais se assoberbava de possuir. Todas as noites antes de fechar a porta do quarto certificava se já tinha entrado para dormir com ele. Desde que a escolheu numa ninhada de pudles nunca dormiram separados. Marilde, sua esposa, também gostava. Chamava Júlia de filha e acostumou a cachorra a comer comida chinesa. No começo houve relutância por parte de Júlia com o rolinho da primavera, mas depois passou a gostar e chegava a pedir o acepipe com seu ganidinho de luxo. Gostava dele antes do frango xadrez.

Dr. Reinaldo analisava cerca de dez processos por dia, uma média boa em relação aos seus colegas de trabalho. Era, como todos os juizes, bem relacionado na sociedade da capital da botina. Esperançópolis contava com mais de cento e cinquenta mil habitantes e tinha fama de cidade pacata. Por iniciativa de um prefeito megalomaniaco, com um vultoso trabalho de marketing, ficou conhecida como a Londres brasileira. Houve até um jin-

gle que fazia alusões. Comparava um não sei o quê com o sei lá o que seja. Branco de olho e roxo de cu. Já estava na cidade há quatro anos. Tempo suficiente para conhecer bem de pertinho quem era quem. Sim, porque no secar do bagaço era muito fácil para Dr. Reinaldo distinguir os moradores de uma cidade. Para ele, o sistema capitalista peneirava duas classes nitidamente distintas. Havia os donos do capital e os detentores da força de trabalho, nada mais compunha a sociedade dos humanos.

Reinaldo Gonçalves de Magalhães foi criado em berço de diamantes numa terra onde não havia diamantes a contento. Quando criança era o Reizinho. Nunca soube por onde passa uma dificuldade, e além do mais era bonito. Fora a academia duas vezes por semana, sua rotina era doméstica. Gostava do jogo de canastra com os poucos amigos que tinha. As más línguas diziam que apostavam dinheiro em longas rodadas de fim de semana. A esposa, muito raramente servia chá. O mais a contento era cerveja com picanha, carneiro com vinho, ou uísque com peixe e alcaparras. Cachaça para os parceiros que a sabiam degustar.

Tinha três filhos. Um deles acabara de se formar em direito. O mais novo estava no ensino médio e o do meio não queria saber de estudos. Frequentava, mas era considerado doidivanas. Gostava de luais e apreciava embolar um cigarro de cannabis sativa. Era a pedra no sapato de Reinaldo e Marilde Magalhães, detentores de grande linhagem social. Mas Junior não se regozijava nem agradecia o gancho que a vida lhe proporcionou. Fazia

era chegar em casa maconhado e colocar um fone nos ouvidos com um CD da Amy Winehouse no último volume.

Não tinha outra saída, sua internação era cada vez mais iminente. Não podiam deixar que Reinaldo Junior trincasse a moral cristalizada da família. Um dia chegou em casa só de cueca, caindo, deixando aparecer os pentelhos. Deixou os cabelos crescerem e tatuou um índio enorme no ombro esquerdo. Júnior era canhoto. Não compactuava com as atitudes do pai. Gostava de escalar montanhas, andar no meio do mato. Era apaixonado pelas cachoeiras que visitava com frequência com a turma de amigos. Com eles deixava as etiquetas de lado. Ficava cada vez menos em casa. Seus amigos eram mais acolhedores que a família. Com alguns, queixava-se. Chegou a dizer a Michelle, a mais próxima, que o pai dava privilégios jurídicos aos amigos e abastados. Contou o caso de uma mãe que lutava pela pensão dos dois filhos e o valor lhe foi negado por influência de um parceiro de canastra. Foi-lhe concedido um quarto do pedido, sem choro e nem velas. As condições financeiras permitiam ao pai o dobro da solicitação.

Reinaldo Junior sabia das intenções dos pais de interná-lo e refutava a ideia. Chegou a dizer que se mudaria de casa. Achava-se capaz de arrumar um trabalho e gerir sua vida a contento. Viveria melhor, assim pensava. Há muito tempo não tinha a chave do carro, e, verdade verdadeira mesmo? Isso não lhe fazia falta. A bicicleta resolvia tudo. Era melhor até. Seu pensamento destoava da estirpe.

Depois que tatuara o índio e passou a andar com camiseta sem manga ou sem camisa, o cabelo cada vez maior, a mãe ficou invisivelmente abatida. No mundo do status o abatimento não é glamour. Passava um riso diferente dos olhos.

Mas o caso de Reinaldo, o filho, era de protesto bruto. Fossem os cabelos um pouco mais grossos e duros faria dreads na juba, mas era fino e liso, e além de tudo claro, quase louro. Passou a dormir fora de casa, e mais tarde, ia em casa somente para trocar a roupa e pedir dinheiro. Para os pais, era nobre não deixar o filho sem dinheiro. Qualificação e status. Pedigree, orgulho. O carro foi tomado quando sua mãe foi ao mercado e encontrou uma bucha de maconha sobre o banco traseiro, com queimados de brasa espalhados. Era uma forma de tentar segurar uma rédea que já nasceu ausente.

A decisão foi tomada. A situação se agravava cada vez mais. Junior se tornou uma mácula no seio da família. Sua vaga estava reservada numa clínica em Porto Alegre. Estavam decididos a levá-lo à força caso não concordasse. Mas o assunto ventilou fora da redoma dos pais e Reinaldo Junior fez as malas em sua cabeça. Tinha em mente uma válvula de escape. Era hábil na confecção de bugigangas e badulaques, desses que fazem os ambulantes. Sua asa já estava pronta. Dedicou-se com mais afinco quando conheceu Jussara numa praça, na festa de agropecuária da cidade. Acabou a festa e ela não foi embora. Alugou um quatinho de pensão, e era para lá que Reinaldo Junior tangia o

rumo de todos os dias. Estavam praticamente morando juntos, sem o conhecimento dos pais dele. Quando ia para as trocas de roupa dizia que estava acampado ou na fazenda de um amigo que morava na cidade vizinha de Carmo Velho. Dava informações desencontradas. Os pais já não tinham mais o controle sobre o paradeiro do filho.

Jussara era uma riponga clara, dos cabelos e olhos da cor de jabuticaba. Tinha o rosto mais bonito que Junior já avistara. Usava vestidos longos e coloridos com moldes indianos. Apresentava uma alma pura, até quando é possível ser pura com a vida que levava. O movimento itinerante de paz e amor já acabou há mais de três décadas. O que se tem nesse caminho são espinhos e vácuo, quando se veste de necessário. Mas não estava nessa por falta de opção. Gostava. Era bem sucedida, aventureira. Não queria viver o malogro da sala de jantar. Jovem, não chegou a pegar o embalo hippie dos anos sessenta, mas assistiu muito as cenas das barbas e cabelos longos, motocicletas e rock and roll. Logo que se conheceram houve muita empatia, sobretudo da parte de Junior. Ela fazia reservas, tinha traquejo com as coisas do coração e do sexo. Fumaram maconha juntos. Dois, três, quatro e ela o recebeu no quarto puído da pensão. Na sexta noite arrumaram uma estrela a mais em seus aconchegos e se mudaram para um hotel próximo à rodoviária da cidade. O pensamento de Reinaldo e Jussara era cada vez mais vice-versa. As malas estavam prontas, mormente depois que soube que os pais insistiam na ideia de deixá-lo nove meses numa

casa de recuperação para que desintoxicasse. Recuperar de quê? Pensava. Em sua tribo a maconha era uma espécie de identidade. Um querer além. O aliciamento das rebeldias.

Cada vez mais Reinaldo Junior se desgostava de seu pai. Se passava à frente do Fórum via além das paredes, da fachada. Nunca gostou de injustiça. Pensava em acabar com ela um dia. Quem não o conhecia em suas conversas de bar ou roda de amigos se assustava quando descobria sua paternidade. Criticava com veemência a falta de cumprimento das leis. Dizia que o dinheiro suficiente é o suficiente para o suficiente. Por isso casou-se com os pensamentos de Jussara. E vice-versa. A situação familiar dele aquecia cada vez mais a relação dos dois. Desprezo lá, apego aqui. Mais apego aqui. Desprezo lá. A última notícia que Reinaldo Gonçalves e Marilde Fiúza de Magalhães tiveram do filho foi quando ele ainda estava numa proximidade de duzentos quilômetros de casa, dois dias depois de ele descer pelo elevador dos fundos.



CURISCO NA GAROA

Maquiavel relegara:

Poder estupora-se.

*Vide chuvisco
varanda e roçado.*

(CAMBUIA, O CAFUÇU)

Os tatus da Fazenda do Chumbo davam cabo a um roçado de mandioca à beira do mato grande. Bandos de papagaios ainda rondavam os céus sem nuvem do grotão mais ermo do Alto Paranaíba. A região sofria de um secume bravo. As flores do ipê amarelo já não eram tão vistosas como há um mês. Setembro outubrava um novembro carregado de roças de milho pro sustento, e a silagem. Tratar de gado com ração pura é saco sem fundo. Ave Maria! Ainda mais um rebanho com mais de trinta vacas. Vinte já era muito para as forças tenras de Juvêncio Bezerra. Uma vontade muito grande de calçar a meia da tranquilidade mudava o nome do homem para Trabalho. Começo de vida não é suntuoso, sabia

disso, e muito menos para desperdício. Tirava duzentos litros de leite no muque, sozinho, e ainda assistia à esposa todos os dias da semana. Que muque!

Marta cuidava de tudo. Só não ajudava no curral. Era delicada demais para isso. Mas no primeiro mês de casada aprendeu com o próprio Juvêncio a colocar galinha para chocar e a grosar queijo. Tal ofício já estava em desuso, mas o marido era caprichoso em tudo. Um homem como Juvêncio não se achava mais. Conheceu Marta na festa de São Marcos, no Catulés. A moça passava de vinte e seis anos, e esse negócio de ficar para tia não fazia parte de seus momentos tranquilos. Um horror! Mulher que passa de trinta não casa mais. Essa é a regra mais absoluta na cabecinha de Marta. Uma vez chegou a namorar, mas por lei nenhuma deu certo. O rapaz queria moça de cidade, saída, que usava sapatos do bico que mata baratas em canto de paredes, um tal escarpin. Se enrabichou por uma dessas antes mesmo de terminar o namoro com Marta. A moça ficou perplexa, decepcionada. Com pouquíssimo tempo de namoro já tinha começado a preparar o enxoval, carente, com o capricho do tamanho do sonho de felicidade para sempre ao lado de um homem que tinha na convenção de menina.

Dependendo da vontade de se casar, não existe homem sem-vergonha nem mentiroso, quem dirá feio. Tudo vale em detrimento de não ficar solteira. Não. Isso não! Se o primeiro namoro foi aos vinte, o segundo foi com vinte e seis. Com duas palavras já estava namorando Juvêncio. Não houve beijo nem aperto de mão. Apenas um dedo de prosa e o convite para que fosse à casa dela na próxima semana apresentar-se aos seus pais. Juvêncio tinha trinta

anos e desde pequeno despontava no eito da tarefa e do empreito. Moço robusto, cheio de energia e determinação. Gostava de amansar uns animais brabos nas horas vagas. Cresceu em cima de lombo de criação. Quando não era cavalo era bezerro, garrote. Seu empreito maior nessa área foi uma vez que pegou setenta burros para repassar e amansar. Relutou, porque não queria deixar o padrinho no semestre da colheita. Há quinze anos trabalhava na Fazenda do Chumbo, de propriedade de Alfeu Viana. O patrão tinha um carinho especial por Juvêncio. Além de ser compadre do pai do rapaz, gostava do capricho dele na desenvoltura das tarefas.

O namoro de Martinha e Juvêncio durou o tempo suficiente para o encaminhamento das coisas básicas. Depois de três meses a data foi marcada, e depois de mais três meses a cerimônia foi consagrada. Os últimos seis meses de solteiro de Juvêncio foram os mais demorados de toda sua vida. O rapaz nunca tinha namorado. Via na palavra lua-de-mel três horas ininterruptas de fogos de artifício. Era ali seu segredamento de homem. Há muito tempo procurava uma companheira. Quando anunciou o casamento a Alfeu Viana ganhou de presente um retiro para tocar à meia. Era só dar um retoque na casa de moradia e no curral. O homem tinha muita terra, e há algum tempo estava pensando em reativar o São Mateus. Juvêncio viveria dias de paraíso com sua amada. Era tudo que queria na vida. Com o tempo compraria sua própria gleba. A proposta era boa por demais. Além do leite, o terreiro também seria no sistema de meia. Porco, galinha, mandiocas, roças de milho. Vontade de trabalhar sobrava em Juvêncio. E agora, com a esposa do lado, ninguém o seguraria.

A casa já estava toda mobiliada. Pedia a opinião de Marta antes de comprar os móveis. Os mais sofisticados foram a televisão de vinte e nove polegadas e o fogão seis bocas. O restante era convencional, com o mérito de ter sido comprado numa loja grande, lá na cidade. Os pais de Marta estavam satisfeitos, e não era para menos. A disposição da filha para casar-se era maior que a necessidade de se fazer uma seleção a contento. A moça ganhou na loteria no enlace com Juvêncio. Honesto e trabalhador. Precisa mais? Nos grotões do Brasil não existe preocupação se o noivo será bom pai. É praxe que se crie os filhos no padrão em que se foi criado. Filho de gente e filho de boi tem a mesma criação. O diferencial é a alegria de ver a família crescendo junta, prosperando.

Até energia elétrica tinha no São Mateus. Alfeu Viana, naturalmente, não escolheu a cabeceira do gado para levar para o retiro. Mas também não ofereceu o fundo. Apartou trinta vacas do meio e um boi cruzado, preto, robusto. Não levou cavalo, porque Juvêncio tinha uma égua alazã que era o seu xodó, animal de elite e estima, mansa, daria pra lida. Tinha também umas cabecinhas de gado. Não casara despedido de tudo, não. Uma semana antes do casamento o São Mateus já entrava no ritmo novo. O padrinho forneceu tudo. Banca de queijo, fôrnas, sedéns, baldes, remédios para pulverizar no gado, tudo. Tudo que é necessário para se começar uma vida promissora, a dois. A felicidade existe, e se chama casamento! Era assim que o noivo sistematizava.

Tudo-tudo no São Mateus fazia parte do reinado de Juvêncio. Sabia até das moradas de abelhas nos troncos das canelas-de-veia. Sua atenção ia desde

cercas desarrumadas a ninhos de galinha. Ensinou Marta teoricamente a fazer polvilho. Dois anos e a roça de mandioca estaria no ponto. Fariam a farinha também. Com três meses de casados não cabia mais paixão nos lugares da esposa. Não tinha mais vaga. Crescesse mais seria a implosão. Um rebento que nem sabia existisse. Quando ele saía para a bateção de pasto na parte da tarde e ficava sozinha, Martinha preparava bolos, pães-de-queijo e biscoito de polvilho azedo, que o Juvêncio gostava. Tudo de uma só vez. E ele levava gabirola, araçá, pequi a ela. Um dia chegou com uma perdiz abatida para a janta. Sabe-se lá como conseguiu matar a ave, porque arma era necessidade que Deus supria. Andava longe atrás de um agrado para a esposa.

O São Mateus era o vento em popa. A felicidade existe, e o sobrenome dela é casamento. Assim tinha Juvêncio. Sua Martinha segurava para não ter filhos. Conhecia os métodos anticoncepcionais. Achava, com a desaprovação do marido, que filho tem hora certa para vir. Queria primeiro aprender a ser dona de casa. Praticar o ofício. Juvêncio insistia para que ela parasse de tomar aqueles comprimidos miúdos. Dependesse dele já estaria esperando três bebês. O que viesse seria bem-vindo, pensava. Homem ou mulher no São Mateus se traduzia em curral ou cozinha.

Chuva escassa, o gado andava longe atrás de um brotinho mais tenro, muito escasseados para os lados de setembro. Um tal setembro. O castigo que se faz aos que querem o imediato, o mero aperto aos que sabem esperar. Os úberes das vacas não traziam sua capacidade máxima pela manhã.

Setembro é mês que a seca dá seu último golpe. Só isso incomodava Juvêncio. Estava sem trato para o gado. Sua vontade de ganhar dinheiro era tanta que quando rezava esquecia de agradecer pela felicidade que se encontrava ao lado de Martinha. Pedia apenas que chovesse e o pasto saísse logo. A vacada tinha caixa para aumentar mais dez queijos. Ao escolher as vacas Alfeu Viana fez questão de olhar a idade dos bezerros. Aqueles que tinham entre dois e quatro meses foram todos para o São Mateus. Juvêncio não corria o risco de quebra na produção por causa de algum desmame. Pelo menos nos próximos meses.

Chuva é pasto. É dinheiro e mais alegria e léguas de vida boa. É, agora, tudo que o mundo precisa. Descanso. Mas esse ano, nem a tradicional chuva de Nossa Senhora da Abadia quis cair. São Pedro parece esquecido de seus assistidos. A quebra no leite era sentida. Tinha que chover. Um dia ela rodeou, rodeou, Juvêncio ficou repleto, mas não caiu.

Era assim, na valência de um beijo fresco que os dias iam indo. Um casal de angolas fazia uma pesquisa de insetos no capim macegado acima da casa. O passo-preto olhava de lado na gaiola os seus correligionários tergiversarem nos galhos das árvores altas do quintal. Também cantava, mas era triste. Juvêncio, numa pausa, coçou sua cabeça do bichinho arrepiada em oferta, com o indicador, e foi selar a égua alazã. Ia à Fazenda do Chumbo falar de negócios com o padrinho. Aproveitaria para levar um doce de pau-de-mamão que Martinha fez. Almoçou mais cedo e pegou a estrada. A égua alazã era formosa e famosa. Muita gente crescia o olho, queria

comprá-la. Mas Juvêncio não abria mão de sua marcha picada, era boa de cela e vistosa. Um espécime raro da raça cruzada. Chegaria no São Mateus antes do sol se pôr. Era promessa de noivado que não deixasse Martinha sozinha depois do escurecimento. A promessa de Juvêncio já nascia cumprida. Não tinha envergadura para descumprir palavra.

Chegou de volta com notícia de todos e um convite do padrinho para ir até lá com a esposa num dia de domingo. Veio puxando um outro animal. Não seria cômodo levar Martinha na garupa numa distância daquelas. Em breve fariam seu primeiro passeio juntos.

No outro dia quando fechava as vacas no curral deu falta da Cigana, uma vaca suíça, de chifres velhos. Poderia estar retardada, aproveitando o capim molhado com o orvalho da noite. Não era nada. Já-já viria no rastro do berro da cria. Terminou de tirar o leite e nada de Cigana. Colocou o coalho no tambor azul, grande, cheio de leite, falou com a esposa e saiu em busca da vaca. Nem andou tanto e se deparou com cigana deitada num descampado que fazia divisa com um mato denso. Tentou levantá-la, mas não teve sucesso. A vaca estava mole, sem forças ao menos para berrar. Voltou à sede, deu notícia à esposa, delegou a feitura dos queijos a ela e retornou ao pasto com um vidro de vinagre da dispensa. Cigana não apresentava inchaço no focinho nem sinal de mordida de cobra em lugar algum. Seria empanzinamento. O vinagre resolveria.

Ao chegar no local onde a vaca estava deitada, se deparou com a rês morta. Não. Não estivera empanzinada, foi coisa mais grave. Pesquisou na sua

faculdade de veterinária prática e desconfiou que Cigana morrera ervada. Sim, comeu erva. Desceu até o mato onde ficava uma das nascentes da terra e percebeu a cerca arrombada. O arame estava roto, de fácil rompimento. Andou mato adentro e se deparou com ramos da erva venenosa aqui e acolá. Matou a dúvida. Tinha que consertar a cerca antes que outra rês entrasse por aquele buraco e sofresse mais uma baixa. Subiu de novo até a sede e deu a notícia a Martinha. Sem lamento, desceu sozinho com um bernal de arestas, martelo, turquesa num ombro e uma pequena roda de arame farpado usado, enferrujado, no outro. Ficou por lá cerca de uma hora e refez a cerca de maneira que nenhuma outra criação morresse por causa de arrombar o arame. Desbastou toda a erva que enxergou ali, pela raiz.

Quando subiu o morro mais forte da beira do mato, com o corpo quente, e a paisagem se descobriu, percebeu nuvens densas para o lado da casa, e, de imediato, sentiu pingos grossos e frios, de supetão, nas costas, mormente no casco da cabeça. Estava sem chapéu. Era calvo. A chuva foi se intensificando e molhando as esperanças de Juvêncio. Fazia um contraste térmico muito grande com as têmporas do homem enquanto tentava escapar. Um choque. Tentou se esconder debaixo de uma árvore, mas não adiantou. Todavia não é aconselhável se esconder de chuva debaixo de árvores. Apertou o passo e chegou em casa molhado, já tremendo de cima embaixo. Martinha estava preocupada. Esperava-o com uma toalha nas mãos. Juvêncio se enxugou e partiu para a casinha para terminar de fazer os queijos e arrumar o que tinha que ser arrumado. A esposa ficou na cozinha preparando o almoço.

Um bando de quatro urubus passou deslizando sobre a casa. Uma coã cantou lá no fundo da gruta, como quem apela ou reivindica um parceiro. Até terminar o serviço na casinha Juvêncio não equilibrara a temperatura e nem o tremor. Teve dificuldade para se levantar da cadeira quando terminou de almoçar. Os nervos das pernas pareciam reclamar alguma prestação atrasada. Depois do almoço começou sentir dores fortes no âmbito e âmago do peito e cabeça. Via-se entrevado. O pulmão reagia de maneira estranha. Uma dor profunda e fina no ato de respirar assolava a força de Juvêncio.

Mesmo contrariando Martinha, pegou a enxada e dirigiu-se a um mato grande que ficava num lote abaixo do curral. A chuva deixou a terra no jeito para as mandiocas. No outro dia ia até a fazenda do vizinho buscar umas ramas da amarela. Plantaria para o consumo. A roça para o polvilho e a farinha seria maior, e da braba, a que gente não pode comer, nem os tatus. Quando deram cinco horas Juvêncio subiu para casa, mas visivelmente enfermo. Martinha havia feito um chá de citronela com erva cidreira para frear a gripe e aprumar o homem. Juvêncio sentou num banco na porta de cozinha. O passo-preto dizia da gaiola “cê-fica-eu-vô, cê-vai-eu-fiiico-fico-fico.”

Tomou o chá e deitou-se para ver se o corpo melhorava. Martinha apalpou em sua testa com as costas da mão e percebeu que tinha muita febre. Não conseguiu levantar-se para tomar banho. A febre aumentou à chegada da noite. No outro dia não conseguiu tirar o leite. Martinha não sabia o que fazer. Quis ir até a Fazenda do Chumbo pedir auxílio

a Alfeu Viana. Ele tinha condução à porta, buscaria e levaria Juvêncio à cidade, ao médico. Mas Juvêncio relutou e disse que não. O quarto, com a janela fechada, estava escuro. De manhã cedo podia se contar cinco canecas com diferentes tipos de chá. Gengibre, limão com mel, alecrim, alho. Mirra. Martinha passou a noite cuidando da enfermidade de Juvêncio. Tentava a todo custo apurar o marido.

A teimosia de Juvêncio deixava a mulher mais preocupada ainda. Havia que chamar Alfeu, pedir ajuda. Mas Juvêncio não aceitava. Dizia que estava simplesmente resfriado. Mal sabia que sua febre estava beirando os quarenta graus. Um homem como Juvêncio não levantar para tirar o leite não é nada normal. Seu estado era grave. Tremia muito e as dores nas juntas aumentavam. Martinha pensou em ir até a Fazenda, mas agora nem com o consentimento do marido teria coragem de ir. Como deixar o homem sozinho naquela situação? Juntou os bezerros com as vacas e deixou que mamassem todo o leite. Andava da cozinha para o quarto e do quarto para a cozinha, como uma abelha tonta, sem saber o que fazer. O homem piorava.

Estava pálido e com os olhos fundos. Os cabelos despenteados. Desde que almoçou no dia anterior, não conseguiu comer mais nada. Simplesmente não conseguia. Isenção completa de vontade e força. À tarde deu um sintoma de melhora, Juvêncio era forte. Deu sinais claros de recuperação. Mas ao chegar a noite piorou dez vezes mais. Começou a chamar pelo padrinho e pela égua alazã. Confundia o nome da esposa. Açoitava os cachorros sem os tê-los. Ralhava com eles. Precisava suar aquela febre,

provocar um meio de escoar o incômodo. Voltava em si por uns momentos, mas os delírios estavam cada vez maiores.

Martinha completou duas noites sem dormir. Juvêncio também. Até quando ia durar aquele martírio? Acendeu uma vela e colocou a imagem de Nossa Senhora de Fátima ao lado do leito. Colocava a imagem nas mãos de Juvêncio, mas a tremura não deixava que ele a segurasse. Não tinha nenhum remédio de farmácia em casa. A viagem até a Fazenda do Chumbo durava duas horas. Vendo a situação de seu marido piorar não via outra saída. Estava presa num laço forte de companheirismo atado de um lado e do outro, também atada ao que se chama futuro. Precisava salvá-lo.

O sonho paradisíaco de São Mateus não terminaria agora. Estava decidida desde o começo do mês a parar de tomar o comprimido. Queria fazer uma surpresa ao marido. Ficaria grávida sem que ele soubesse. A ideia de se fazer almoço não existiu na cabeça de Martinha hoje. Passou a manhã inteira segurando forte na mão de Juvêncio. Seu corpo pegava fogo, trêmulo. Não suava a febre. Começou a ter dificuldades para respirar. A esposa embebeu um pano em álcool e passava na face e nos braços dele. Não tinha mais recursos disponíveis a serem usados.

Por volta das duas horas da tarde ela decidiu pedir socorro. Não tinha mais contato consciente com o marido. Quando não delirava ele tinha o olhar longe, inerte. Pediria ajuda a Alfeu Viana e ainda hoje chegaria ao hospital do Araxá. Mesmo sem se ver ouvida, avisou ao marido que iria e pediu

que aguentasse firme. Em pouco prazo chegaria com a ajuda. Saiu desesperada e foi ao pastinho da porta pegar a égua alazã. Selou o animal como pode e voltou ao quarto para ver o marido de novo. Apalpou a testa mais uma vez, montou e saiu a galope. Quando o padrinho estacionou o carro na porta da casa do São Mateus, Martinha sentiu um golpe na alma. Começou a soluçar, a chorar. Não teve coragem de ir com o padrinho até o quarto onde estava Juvêncio. Quando Alfeu Viana voltou do quarto já não havia notícia que ser dada. Apenas uma conformação de semblante.

SACO ROXO

VERBO SER

*“(...) Ou a gente só principia a ser quando cresce? É terrível ser?
Dói? É bom? É triste? Ser: pronunciado tão depressa,
e cabe tantas coisas? (...)”*

BOITEMPO - MENINO ANTIGO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Quando Ricardo nasceu, o maior orgulho do pai era a cor do saco do menino. Ao receber alguma felicitação, dava logo a notícia, com a boca cheia. Chegou a tirar várias vezes a fralda da criança para mostrar às visitas. Era certo que Ricardo seria comedor, um grande garanhão. A expectativa acerca do recém-nascido era essa. Sua vida profissional e moral, desde o começo, foi relegada. Uma, por ser menos importante, e a outra por não haver margem para erro.

A família de Hermegildo Botelho tinha todos os traços de certidão e costume. Quando a Voz do Brasil dava notícias dos cavalos do presidente João Figueiredo, a currutela ainda não tinha telefone nas

casas e apenas dois aparelhos de TV. A vidinha pacata e sem privacidade era o universo desvendado e único. A energia elétrica, movida por um motor a diesel. Aos domingos a população se aglomerava na Praça do Rosário para ouvir músicas num alto-falante instalado na única venda, situada na esquina da praça. Fora o lazer dominical, Mestre Carrim, o dono do armazém, anunciava também novenas e as raras baixas na população. Fora alguns incidentes, a morte em Vila Boa era cúmplice do que os anos somam em tempo.

Os recursos de hospital eram os poucos que se buscava fora, mesmo assim para casos de parto ou doenças graves. Porque a velha Totonha dava cabo de quase tudo que era enfermidade com a benzeção e alguns pés de planta do fundo do quintal. Depois que ela morreu passaram a morrer mais pessoas em Vila Boa. Havia muita falta de recursos para o transporte até a cidade. O dono do único carro do vilarejo não abria a mão nem para se coçar, a não ser que se pagasse.

A viagem de Duduca a Patrocínio levou três horas e muito solavanco. Quase deu luz ao menino no caminho. O Jipe não tinha problemas com lama, mas em estrada esburacada era pior de cela que os muares. Muito pior. A vantagem era só a agilidade. Chegou no hospital com a bolsa rompida. Ricardo não deu tempo nem de adentrar a área de parturição, nasceu na recepção. A primeira coisa que o pai olhou foi o sexo e a coloração do escroto do primogênito. Ficou feliz para todo o restante das observações necessárias e afetuosas. O choro da criança aconteceu com uma força intermediária entre o susto e a raiva,

nada de desaprovação, de desproteção. Um reclame mais grosso que o comum encheu ainda mais as vantagens do pai. Além de ser homem, do jeitinho que pediu a Nossa Senhora da Conceição, veio com o saco roxo e o primeiro choro forte como um relincho adulto. Estava completo.

Quando os meses foram embalando e o bilau de Ricardo se endurecia na hora do banho, na presença da mãe, era motivo de fogos para Hermegildo. Que orgulho! Esse puxou o pai. Não havia nada que ofuscasse a certeza em sua cabeça. Quando não assistia ao banho, perguntava a mulher se houve a manifestação. A esposa conhecia o seu marido e via aquilo com a normalidade de um lago plácido. No fundo no fundo também queria um filho que fosse mais macho que o mais macho, se é que se pode medir alguma macheza em alguém. Dona Duda possuía a leitura que oferecia seu universo. Sabia, muito mal, escrever o nome. Hermegildo nem isso sabia. Gostava era da ereção do filho na bacia. Uma vez usou a mão para ver a sustância do potenciamento do filho.

Ricardo não seria um super dotado, mas também não tinha uma fala desprezível. Mesmo com falta de provas Hermegildo se vangloriava junto aos amigos. Exagerava na dose que remete os homens à sua tarefa mais intrínseca. “Tem um pinto desse tamanho”, dizia em demonstração com o indicador e o polegar aos colegas de trabalho na construção onde era o pedreiro. Contou ao rapaz o que acontecia durante os banhos como se fosse algo diferente do normal. Para ele era o maior sinal da virilidade sobrepujante do filho. Hermegildo nunca ouvira falar num tal doutor Freud.

E com esse regalo, o pai rompeu meses e os primeiros anos de vida do filho. De maneira que, quando Ricardo entrou na escola a mãe já tinha dado luz a duas tentativas frustradas de mais meninos. Ricardina e Margarida existiam indiferentes aos anseios do pai para com o irmão mais velho.

Ricardo bateu a primeira punheta aos nove anos. Sentiu uma sensação que lhe provocou um total e completo afastamento de tudo que fazia parte do mundo, a não ser o medo e a vergonha da desconfiança da mãe pela demora no banheiro. Não parou até experimentar sete gozos impúberes. Descobria a sexualidade com uma curiosidade aguçada. O terreno da escola era fértil. Na hora do intervalo juntava-se ao amigo Jurita para exhibir o calção estufado às colegas mais próximas. Elas riam riso incomum. Eles, encapetados. Corriam. Um dia se exibiram inteiros a elas.

Jurita passou a ser seu amigo e comparsa nas horas de descoberta na região da cintura para baixo. Era um negrinho delgado e morava na roça. Um dia dormiu na casa de Ricardo. Outro dia também. Quando a puberdade ferroava o colega foi reprovado, e a separação difícil para os dois, mas um alívio para as professoras. Ricardo e Jurita juntos eram dispersos, mas Ricardo sempre mostrou uma inteligência superior. Se dava bem nas provas mesmo com a atenção deficitária na hora da aula.

Hermegildo passava os dias em construções, ora no vilarejo ora em fazendas, levantando casinhas de queijo, e barracões que não exigiam muita engenharia. Nunca colocara uma dose de álcool à boca, e vivia com um pito de palha pendurado no canto dos lábios. Possuía uma bicicleta barra circular

de cor vermelha, e era nela que ia e vinha do ganha pão. Trabalhava atualmente na reforma da casa de Chico Peres, o dono do Jipe que levou sua esposa para a cidade para o parto dos dois primeiros filhos.

Era bom. Algumas pedaladas e já estava ao encontro da caneca de café quente. Duduca nunca deixava de coar quando ia dando a hora do homem chegar do trabalho. Primeiro tirava as botinas, depois bebia o café e metia fogo no pito, sentado num toco que repousava há mais de cem anos na base de um pé de manga espada que ninguém plantara. Quando Duduca caminhava rumo à horta de couve era a hora de Hermegildo pensar em aprumar, pegar a toalha e ligar a serpentina. Hoje jantaria mais cedo para ir até a casa de Chico Peres fazer o acerto da semana. Amanhã é sábado, um dia com uma feição laranja e dotado de enorme conciliação. Elo principal entre uma semana e os próximos seis dias.

Os pais de Jurita também aproveitariam o sábado para comprar querosene, farinha de trigo e outras necessidades da roça. Atenderam ao pedido insistente do menino de deixá-lo na casa de Ricardo enquanto ajeitavam as guarnições na venda do Hélio, a única de Vila Boa. Hermegildo conversava com o vizinho num banco encostado na parede da frente de sua casa. Logo que Jurita, chegou os dois amigos passaram direto para o quintal. A estada seria pouca, tinham que aproveitar o tempo. Cinco minutos depois Hermegildo deixou o vizinho esperando e foi ao toco do pé de manga pegar o pito mais a binga. Chegando lá sentiu falta dos dois meninos. Não estavam dentro de casa nem no quintal. Olhou, olhou, e percebeu um movimento

estranho na privada localizada a uns dez passos dali. Caminhou até lá e reparou, por cima da porta, que Ricardo estava com a compostura descomposta. Era o famoso troca-troca.

Mas para Hermegildo não era troca. Era a virilidade do filho que fazia valer o roxo de seu saco. Jurita levava a pior no vínculo do conluio e na cabeça de todos os homens de Minas Gerais. Falavam baixo e tentavam superar a falta de experiência, movidos por uma sensação de consistência e descoberta no peito. Aventura. A essa hora o pai, orgulhoso, já estava à porta da casa solicitando a presença de Pedro Prosa, o vizinho.

– Vem cá compadre, vem ver como é que o Ricardo honra a família. Dá uma chegadinha aqui pro senhor ver como é que esse me puxou.

O vizinho hesitou, questionou consigo mesmo o que seria. Nem a longa amizade denunciava o que Hermegildo trazia na suntuosidade de macho que sempre gostou de exibir. Tinha pressa.

– Corre aqui, vem cá!

Antes de chegar à privada pediu o compadre para pisar mais devagar. As folhas secas caídas no trilho que levava à casinha poderiam denunciar a chegada dos dois. O vizinho começou a desconfiar, mas não sabia que Hermegildo era capaz de ir tão longe para exibir as potencialidades do filho. Chegaram, pé-por-pé e olharam juntos. O que Hermegildo não imaginava, era que a brincadeira era troca-troca de verdade, o tradicional, em sistema de revezamento. A situação se invertera. Ricardo agora se ajeitava para o melhor funcionamento do trato.

Hermegildo nunca sentira desconforto maior em sua vida. Estava diminuído, minimizado. Sua reputação ia, junto com a de Ricardo, desaguar no Paranaíba lá em baixo, onde ele é mais sujo. A saliva desceu pela garganta com a espessura de um caroço de abacate. Aquilo não poderia estar acontecendo. Mas nem quis saber de averiguar direito. Poderia haver alguma fuga de não querer acreditar, mas dúvida não era possível. Explicitara ao amigo vizinho o que seria sua própria ruína.

Sem dizer nada, deu um safanão na porta e não reparou na escapada de Jurita por baixo de seu braço esquerdo firmado no portal. A reputação da masculinidade de um homem como Hermegildo tem que ser preservada, mesmo quando tudo está perdido. A ferida doía nele, e não era dor clara, confusa. Antes de pensar no que fazer, Ricardo sentiu três estalos na orelha, semelhante a esses que denunciam nervosismo quando uma mão comprime a outra, e a ponta dos pés já não o sustentavam mais ao chão. Ficou nessa posição uma eternidade de silêncio mútuo. Depois de quase um minuto naquela situação o pai quebrou o silêncio.

– Eu prefiro morrer do que ter um filho tibungo. Vou te ensinar a ficar fazendo pouca vergonha na instalação.

Para Hermegildo era necessário tentar consertar aquilo diante do amigo e reverter a lenda que criara em volta do filho. E palavras diziam menos, ou nada, se comparadas a um cabo de cabresto de couro que ficava pendurado no quarto de Ricardina e Margarida. A essas alturas o vizinho já cruzava a porta da cozinha, muito sem graça, a caminho de casa. O negrinho

chegou ao encontro dos pais ofegante e com a sensação de que existe uma grande hierarquia entre crianças e adultos, e que deve ser respeitada. O combinado era apanhá-lo na casa de Hermegildo e seguir viagem na carroça, mas o combinado arremata-se somente no depois, no já feito, antes disso é incerto. Sentiu-se aliviado quando viu que sua explicação convenceu.

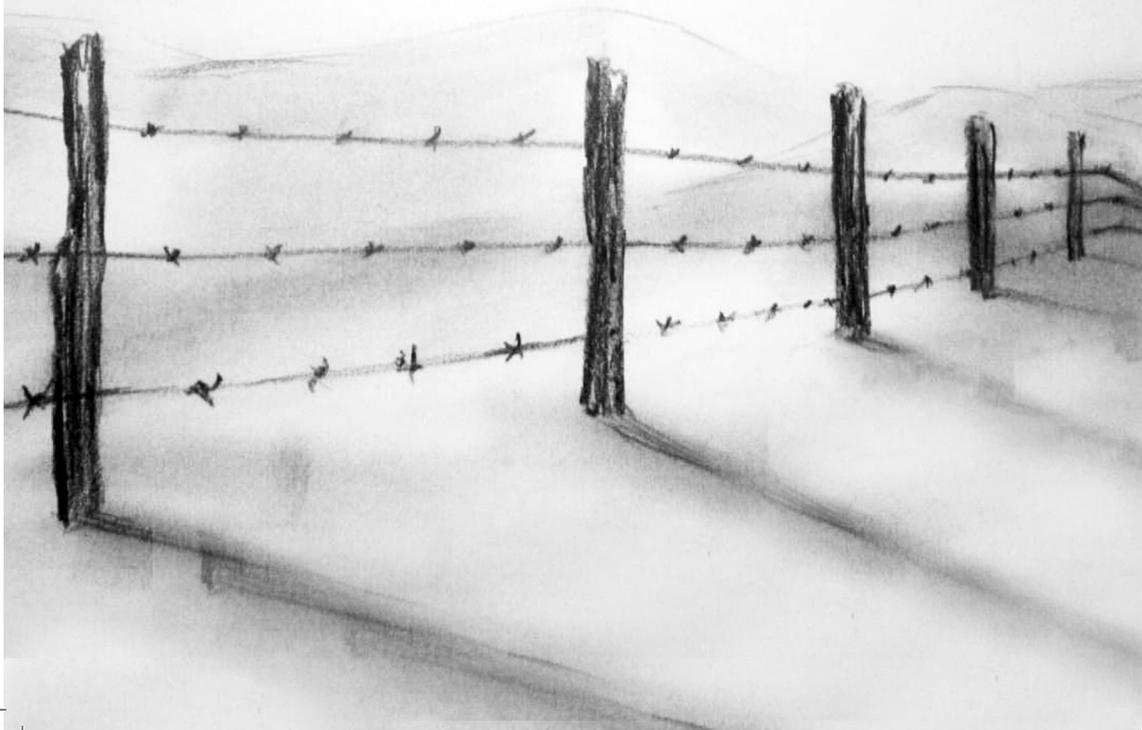
Hermegildo Botelho arrastou o menino pela orelha no trajeto de ida ao quarto e volta ao terreiro. Separou as peças do cabresto e deixou o cabeçalho no chão. Dobrou a corda de couro e a segurou firme com a mão direita. Ricardo nunca vira o pai tão transtornado. Estava profundamente desonrado, cego. Antes de começar a surra o menino começou a chorar, teve pânico e medo de morrer. Quando as costas já não admitiam mais espaço em branco, sem vergões, Ricardo desmaiou. Hermegildo continuou batendo, e enquanto fazia colocava a língua para fora e mordida nela. Só não bateu mais porque a mãe conseguiu romper a submissão secular e transformou-se em Dalva Sebastiana de Castro Botelho. Interveio.

– Você vai matar o menino, homem, para pelo amor de Deus!

Duduca foi assolada por uma dor que jamais experimentara. Não sabia o que fazer diante da criança debruçada, sem forças, pálida. Apenas sofria, pasmada. Depois de cinco minutos sem ação apanhou Ricardo desfalecido no chão e o levou para a cama. Sentiu um odor e notou que o pequeno calção estava sujo e úmido. Viu no filho, lânguido e indefeso, um semblante de anjo, longe de qualquer maldade mundana. Pegou um pano e limpou o menino como

se faz a um recém-nascido. Passou arnica com álcool em suas costas, era o que tinha ao alcance.

Quando Ricardo recobrou a consciência estava tudo escuro e quieto. Um galo cantou, mas ele não ouviu. Estava confuso. Tentou virar-se, mas não conseguiu. Pensou em chamar pela mãe. Parecia que suas costas tinham sido queimadas. Por que é mesmo que estava assim? Não entendeu como as pessoas se tornam violentas num repente estranho, brusco. Não sentia raiva nem vergonha, apenas um distanciamento profundo do ser humano. Talvez experimentasse a solidão pela primeira vez. Sexo é ruim. Falta muito para o dia amanhecer?



SUSTENIDO DE UMA NOITE

Eca! Cerveja e cigarros foram arrendados. Mas o que é que não foi? Ai de nós todos os somente mortais não houvesse sumo no bagaço. Bagaço. O sumo dele. Gente que sabe que há, gente que nem desconfia e gente que demonstra certeza da falta do palpável no final do fio da tal meada. Aonde se bate as esporas com o baque da valentia e respaldo. É lá que mora o que se procura. O sempre procurado. Indústria disso, daquilo e daquiloutro. Valei-me Deus!

Uma vez, lá pelas bandas da tapera do anônimo Zé Catingueiro, assuntei o Piru. Falei para ele sobre um mastro que polui uma região da lua. Não fosse a lua redonda e eu muito leigo de areias, diria que é o sudoeste, assim como fazia Mozart Barbudo, personagem separado, do interior de Minas. Não sei qual deles fincou a bandeira, e nem sei o que se passava lá, mas fincou, e me aflige. A lua é minha. Já disse e repito: a lua é minha!

Mas Piru não é moço para isso, não! Imagine você, caçador de pacas em represa, que ele me perguntou se isso é verdade. Verdade verdadeira, Piru! Mais verdade do que o encorpado grosso do barulho nas águas do Paranaíba naquela noite do luau.

Encontrei meu amigo num boteco de música ao vivo. Ele chegara do Tocantins e nem me falara. Sempre voltava ao seu torrão depois de findar semestres nas engenharias da UFT. Deixava a noite musical de Palmas e vinha gozar férias ao redor de todas as potrancas de bunda branca e semblante agradável da cidade. Uma delas se dizia virgem. Mineiro, disse que também sou. Perguntei de qual banda e ela disse que das duas. Imagine você, que procura laços em semente. Nem digo mais para não ofender.

Farejei rastros deles e segui na minha Vespa de fabricação 1991. Era uma noite de deslizes umedecidos. Eu queria. Todos queriam. Fomos parar numa beira de Rio que eu mesmo desconhecia. Bêbados, procuraram logo uma sombra. Imagine de novo. Sombra de lua num lual. Estava bonito. Ninguém passa pelo orvalho despercebido, a não ser que queira da vida somente o espremer. Aí sim, concordo plenamente. Porque tem disso. Os que não se interessam pela garapa. Há ainda os que não se dão conta do corte da cana. Nem do plantio, nem do preparo do terreno, e muito menos das bandeiras. Estou com má impressão de gente.

Do nada. Foi um barulho que todos preferiram se calar. O que ficou foram comentários distantes do violão.

- Alguém já morreu ali.
- Foi uma árvore que caiu no rio.
- Eu ouvi um grito de socorro.

Cada um dizia a seu modo. Mas eu assisti. Foi a Mãe D'água. Foi ela. Feito se quisesse mostrar. Pulou no rio de enchente só para fazer o barulho e falar àquela hora que nunca dormia. Onde o Rio faz a curva. Onde tem um pé de pau e um toco deitado para violeiros ébrios. Meu amigo começou com um pop internacional que não me desagradou. O inglês dele parecia-me apetecível. Um bêbado gritou "toca Raul". Acho que fui eu.

Um garrafão de vinho Sangue de Boi circulava pela roda deformada. A Joaquina. A Vesga, a Júlia. Todas se regozijavam daquele lugar. Uma delas, de postura hedonista puxava o "r". Perguntei se era de São Paulo. Capital. Perguntei se era enfermeira. Disse que sim. Depois de algumas saladas de uvas disse que era garçoneiro. Salada de pera, jornalista. Maçã e ficou sendo secretária. No tudo junto era bonita. Tinha um porte espigado. Falava de um tal Pablito que acatou pela necessidade que o Homem tem de ter alguém. Mas aparentava ser fria e sem sal como um queijo fresco. Conversei com ela boa parte do tempo. Num certo ponto da conversa fiz um banco confortável de folhas e ofereci. Quando se sentou perguntou sobre as Mil e Uma Noites da jovem Sherazade.

- Você acha que ela tinha tal poder?
- Quando ti conheceres conversaremos. Tens uma bunda fenomenal. Nua és a própria.

Não aguentei. Falei sem sentir, uma frase emendada à outra. Uma de suas amigas que se refugiava numa máquina fotográfica veio e a chamou para um conluio desses que as mulheres fazem ao banheiro. Perguntou-me onde.

– À primeira moita, à esquerda.

Senti o cheiro de seu xixi. Sua companheira era a virgem. Tentei capturar um som mais agudo, de jato mais espichado, mas não me dei por satisfeito.

Uma música me atraiu, igualzinho se atrai uma pessoa no solevante de um violão que pontei depois que o extenuado da vida se explicita. Deixei a paulista e fui para o meio da roda. Uma delas se agarrou à minha cintura. Achei estranho. Estava bêbada. Fazia força e me puxava para uma dança que não era catalogada do âmbito humano. Um sapateado meio ornitolado. Parecia que estava em transe. Acho que tinha fumado haxixe.

– Dança Fagundes, vai...

Até que tentei, mas estava totalmente desconexa. Seu ritmo pendia com força para o bizarro, e eu estava com os pés onde formiga faz sesta. O violão e o coro de uma balada que tocava nas melhores de Belo Horizonte conferiu ao momento todo o louvor que a onda tem na crista. A moça desprendeuse da minha mão e pisava miudinho no meio da roda.

Do nada, do escuro surgiu um poeta cabeludo com uma gaita. Veio pelo faro. E mantinha o mesmo tom da balada. Trazia nos bolsos da camisa fardos de guardanapos amassados, escrevinhados por uma letra miúda, de conteúdo tergiversado entre

o étílico e o gen. Solou uma música melódica sua própria. Enquanto soprava o coro acompanhava. A noite estava acesa. Tempo de férias e reunião da moçada que sai de sua terra para estudar. Em breve o sol inauguraria mais um episódio à Divina Comédia. Penso que o sol às vezes também se cansa de mesmice. Deve ser chato ser eterno. O bom mesmo é filmar. Aí, tudo é hilário. Tudo. Nada é estático. E tudo se volta a uma justificativa. A dança de passarinho da galega. A gaita do poeta, o vinho, o violão, partes de lual. Cá pra nós, arrepiei até a sobancelha na hora do barulho na água. Naquele porte o rio não deixaria escapar nada que fosse vivo. Nem capivara se arriscaria. Era uma curva, na parte baixa da urbe.

Sentei-me um pouco mais junto da roda. Castanho chegou de um dos flancos abraçado a um feixe de gravetos. A intenção dele denunciava a pretensão de se amanhecer ali. Reuniu tudo e com a ajuda de uns respingos de plástico queimado conseguiu o fogo. Bêbado, por vezes, tem umas facilidades que o sóbrio não tem. Fosse a ausência do garrafão de vinho e a beberagem de antes nem nada seria tentado devido à umidade da madeira.

O cheiro da urina da secretária ainda estava no meu bafo. Coisa de muito gosto e regalo. A saúde do vertido e do vertedor. Era a vertente.

– Tu mentes. Como posso ser Sherazade se nem ao menos uma história sei contar?

– Tu te pareces no branco do olho e no número de pregas intactas que traz ao coice.

– Crês deveras?

– É fato.

– És um cavalheiro. Até Pablito perdes.

– Só quero deixar o binóculo e ver com olho despido. A sinestesia cutânea, o eriçado dela.

– Desde que me ensines uma história.

– Contar-te-ei duas. Uma traz cabelos de cona no enredo.

– És mesmo avançado. Então conta.

– Tu tens?

– Assim me coras.

Via nela um filhote de pinguim cambaleante pela primeira bicada da ave facínora e feito presa certa ao segundo golpe.

– Sem nada é como pronunciar o quero sem “r”.

– Tenho o suficiente para divisar um território que só Pablito sondastes.

– Mostre-me e verás que levito.

– Acalma-te, terás maior tempo que ele. És mais jeitoso no trato com o desnecessário. E a história?

Nada me veio à cabeça com tanta segurança como Briguel, um personagem de substância eterna da literatura brasileira contemporânea. Nada mais tinha sentido fora daquele lual. As pechas ditadas pela hipocrisia social perderam a cor da covardia e fizeram-se razão de escurraçado. A moça secretária sabia desviar-se dos trechos sinuosos da vida.

Beijava o tez do momento como se não houvesse outroras. Aproveitei um funk americano que o Piru trazia ensaiado ao violão e inventei uma dança mais estranha que coito de cobra em esbarancado de represa. Houve gritos e palmas ritmadas. Parecia que a mãe d'água saíra do rio e participava da festa. O grave do barulho que se fez ao rio não tinha mais peso. Tudo era bom. A gaita do poeta amanheceria oxidada pelo álcool do sopro, mas o som que dela tirava no acompanhamento do funk americano menosprezaria qualquer arremesso de prejuízo. Há momentos que valem mais que décadas. E esse momento eram os pentelhos negros da secretária.

– Houve uma vez em que Briguel presenteou sua amada com um chocalho de cascavel.

– Sim. E o que é que avião tem a ver com mata-burros?

É que ela viu no agrado uma consideração formal. Enfiou no cu enquanto ele a esporava por cima. Achou exotismo no barulho que aquilo fazia durante a confusão. E tanto mais barulho, mais barulho provocava.

– Esse tal de Briguel exististes deveras?

– Meu primo. Pegava cobra peçonhenta com as mãos e chegou a inventar uma máquina de desentortar banana. Pessoa de gênio a florado.

– Hummm, então sei onde puxastes.

– Briguel é merecedor de respeito.

– Era essa a história?

– Parte dela.

– Vamos logo à outra.

– Mais que Briguel ninguém nesse mundo fez. Pegava peixe à mão limpa em funduras de Paranaíba. Chegava a emergir com dois dourados feito troféus. O rabanado brabo do bicho com os dedos impiedosos, apresunhados às guelras rubras. Sabia do movimento das águas. Em certos dias era necas de entrar n'água. Podia o rio estar a calmaria. Cismasse ele revés, nada o fazia colocar sequer o dedão do pé em água. Outra vez estivesse o rio como hoje o sentimos lá embaixo, Briguel soltava um riso náuseo, feito som de corneta de pirulito, e sumia por entre redemoinhos e ciscos até meter a mão à loca e tirar a papa-terra graúda, de escama larga. O rio era medonho, mas ao Briguel fazia-se balcão de vida, palco de sagacidade. Nessas investidas por onde viveu, em beiras de Barreiras e Guaribas, onde o Paranaíba lambe as barrancas com mais virtude, nunca deixava a amada sem o fritado fresco do peixe.

– Puxa! Teu primo era valente. Não tivesse visto uma gleba de sinceridade nos teus olhos diria mentira. Até nem dá para acreditar. Me entendes?

– Briguel!

– Por que esse nome?

– Aí já é outra história. Prometi duas.

Com olhos velados por fora e polpudos por dentro, olhando direto aos meus e sem deixar-se perceber, desabotoou a calça e descobriu os pentelhos. Sem disfarçar da roda e nem mudar feição e olhar.

– Veja o mundo que me fizestes dobrar no sentido.

A cabeleira ainda conservava traços de puberdade, era macia e me contentava o tom forte do preto que a torneava, sem marcas de lâmina ou divisa feita que fosse. A luz da lua dava amplitude de universo e do contraste mais sublime entre o branco e o preto. Demorei com os olhos o tempo necessário para sentir meus pés sem pressão do que seja peso e perder os sentidos de tudo quanto era existência além. Pisquei miúdo e senti meu corpo em completa transformação. Uma consistência que ainda não fazia parte da história me assegurou que aquela moça tinha outras coisas além do curso de secretariado, muitas outras. Queijo mineiro maturado, vinho bom, prelúdios. Era o quentume. Era antes uma alma que sabe aonde vai a umidade da língua, aonde a alma requer o justo e necessário para sorrir.

